

DA VIDA COMUM AO
PROTAGONISMO HISTÓRICO:

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE MADRE LEÔNIA MILITO EM LONDRINA (1953-1980)

Thiago Machado Garcia



Atena
Editora
Ano 2023

DA VIDA COMUM AO
PROTAGONISMO HISTÓRICO:

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE MADRE LEÔNIA MILITO EM LONDRINA (1953-1980)

Thiago Machado Garcia



Atena
Editora
Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Imagens da capa

Ilustração do autor

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à

Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
 Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia /
Universidade de Coimbra

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Da vida comum ao protagonismo histórico: a construção da memória de Madre Leônia Milito em Londrina (1953-1980)

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Soellen de Britto
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: Thiago Machado Garcia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G216 Garcia, Thiago Machado
 Da vida comum ao protagonismo histórico: a construção da memória de Madre Leônia Milito em Londrina (1953-1980) / Thiago Machado Garcia. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-1499-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.995230507>

1. Biografia. I. Garcia, Thiago Machado. II. Título.

CDD 920

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166



Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil
 Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Dedico este livro ao meu grande amigo,
companheiro de aventuras e trapalhadas,
Thiago Palmeira Machado (*in memoriam*).

Sempre costumo dizer aos meus alunos que a História é feita de gente. Talvez numa tentativa de simplificar a lenda do ogro de Marc Bloch, tento construir junto deles a ideia de que as pessoas são nossos principais objetos de estudo. Nós, enquanto indivíduos, também somos fazedores de História junto daqueles aos quais convivemos. Apesar de somente o meu nome constar na autoria do trabalho, nenhuma pesquisa intelectual é individual. Foram inúmeras pessoas que estiveram ao meu lado e ajudaram a pavimentar a estrada que me trouxe até aqui. Nomear essa “gente” que faz parte da minha história é um pequeno gesto de afeto e de reconhecimento ao longo da minha formação.

Agradeço, primeiramente, a minha família, meu pai Alex, minha mãe Andrea e meu irmão Guilherme, por serem os maiores incentivadores de todas as escolhas da minha vida. Sem o cuidado e amparo de vocês, certamente eu não teria a mesma força para estar aqui. À minha avó, D. Beth, por impulsionar, do seu jeito, os passos de seus netos, mesmo sem entender muito bem o que são os desafios da vida acadêmica, você sempre quis que a gente fizesse o que tivéssemos vontade e, ao final, sempre comemora e se orgulha dos resultados.

À Ellen, minha companheira, seu apoio em todas as dimensões da vida me faz seguir em frente na construção de nossas histórias e memórias juntos. Você esteve ao meu lado em todas as etapas, não só do mestrado, mas também dos desafios profissionais que surgiram no caminho. Você, como ninguém, acompanhou os altos e baixos dessa jornada. Deixo aqui o meu agradecimento e o meu amor.

O estágio que fiz no Museu Histórico de Londrina foi um laboratório sobre o ofício do historiador ao qual serei eternamente grato, sobretudo à Regina Célia Alegro. Além das experiências singulares que permitiram os estudos preliminares da pesquisa de dissertação de mestrado que apresento aqui no formato de um livro, também formei amizades com o Felipe, mais conhecido como Harry, Taiane, Juliana, Aryane e Luana que levo para a vida e não poderia deixar de agradecer. Em especial a Taiane Vanessa da Silva, que ocupa um lugar especial na minha formação, muitas vezes leitora, orientadora e conselheira nas pesquisas, seus apontamentos sempre me fizeram enxergar além.

Aos colegas da turma de 2018 e professores do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina (PPGHS/Uel) aos quais tive a oportunidade de dialogar, aprender e crescer durante este período. Essa vivência me proporcionou amadurecimento acadêmico, novas leituras e interpretações de mundo. Faço um agradecimento especial aos amigos Dennis, Samanta e Andressa aos quais compartilhei almoços, bares, angústias e vitórias nesse processo. Como a Samanta disse certa vez, é uma honra dividir a trincheira ao lado de vocês.

À Thiago Palmeira Machado (*in memoriam*) que partilhou ideias, incentivou todas as decisões e comemorou as conquistas ao longo da minha formação acadêmica. Apesar de você não estar mais presente aqui, além do nome quase igual ao meu, tem muito de você em mim e, conseqüentemente nas páginas a seguir.

Aos meus amigos professores, Lilian e Bruno, que me acolheram em meio às novas experiências da vida nos últimos anos. Vocês, como grandes companheiros, sempre me incentivaram a ir além em todas as esferas da vida. Me orgulho muito de chamá-los de amigos. Tenho muito a aprender ao lado dos “renegados”.

Agradeço pela atenção, solicitude e tempo disponibilizado pelas irmãs Mariza Rosseto, Lucy Ana Rigon e Aparecida Lourdes Arado do complexo Madre Leônia Milito para a realização da pesquisa desta dissertação. Em todos os momentos de visita aos espaços que utilizei como fontes históricas, foram generosas nas contribuições acadêmicas e nas conversas informais nos corredores, salas e arquivos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior – CAPES, órgão destinado ao fomento público das mais diversas ciências, que financiou parte dessa trajetória ao conceder uma bolsa de pesquisa durante o primeiro ano da pós-graduação. Desejo, ainda, que o período nefasto que paira sobre o país seja o mais breve possível e que as ciências, sob a valorização das lideranças políticas, possam viver tempos melhores e continuem contribuindo no desenvolvimento da educação pública no Brasil.

Agradeço ao Wander de Lara Proença pelos generosos apontamentos no texto, sua didática e cuidado me inspiram enquanto professor e pesquisador. À Solange Ramos de Andrade, por gentilmente aceitar o convite para compor a mesa de professores que realizaram a leitura atenta de meu trabalho. Estendo os agradecimentos ao Rogério Ivano, professor que acompanhou boa parte da minha trajetória acadêmica com contribuições que fizeram diferença para a pesquisa.

Por fim, agradeço ao meu orientador, Richard Gonçalves André, pelas sugestões, confiança e liberdade na pesquisa. Lembro da vez que, ainda como um graduando tomado pelo nervosismo, cruzei com você nos corredores da universidade questioneei seu interesse em me orientar pela primeira vez. Cresci muito de lá pra cá. A longa jornada que se encerra aqui é apenas o pontapé para os novos desafios que estão por vir.

“[...] E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.”

(João Cabral de Melo Neto)

A devoção a figuras consideradas santas é um fenômeno que atravessa diferentes contextos históricos. Todavia, as manifestações da santidade – suas personagens, formas, funções e até mesmo as matrizes que teriam permitido sua emergência – transformam-se ao longo do tempo (GAJANO, 2002), tornando-as objetos privilegiados da História. Nesse sentido, como afirma o historiador francês Marc Bloch (1997), é mais importante compreender as ressignificações de algo no decorrer das durações do que constatar suas permanências. O livro de Thiago Machado Garcia é uma contribuição fundamental na produção acadêmica, pois aborda o processo de santificação da madre italiana Leônia Milito (1910-1980), que desenvolveu atividades religiosas na cidade de Londrina, localizada no Norte do Paraná, sobretudo ao longo da segunda metade do século XX.

Munido de rigor historiográfico, teórico, metodológico e heurístico, além de uma sensibilidade que lhe permite ler as pistas com astúcia, Garcia sugere como esse processo de santidade, que ainda não foi concluído em termos eclesiais, foi construído ao longo do tempo. A pesquisa foi originalmente produzida junto ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, cuja dissertação de mestrado agora se transforma em livro. O historiador analisa o fenômeno considerando o contexto histórico londrinense quando da chegada de Madre Leônia à cidade, sua atuação e, principalmente, sua morte e as implicações que esse fato apresentou para a arquitetura da devoção.

A morte de Madre Leônia insere-se num modelo de santidade cristão, ele próprio herdeiro da Antiguidade e da Idade Média, mas que apresentou importantes mudanças ao longo do tempo. Como Garcia ressalta, em 1980, Milito faleceu num acidente de trânsito num Fusca – o veículo é importante considerando suas ressignificações a *posteriori* – a caminho de Maringá, cidade paranaense situada a cerca de cem quilômetros de Londrina, quando visitou o arcebispo Jaime Luiz Coelho. Posteriormente, no local do acidente, foi construída uma pequena capela com uma imagem de Madre Leônia com os braços abertos, tendo ao fundo uma estrada. Além disso, também no *post mortem*, foi criada a Casa da Memória Madre Leônia Milito, que integra a Paróquia São Vicente de Paulo, situada em avenida com o mesmo nome da religiosa. Na casa de memória, há exposição dos objetos ligados à madre, incluindo aqueles relacionados à sua morte, tais como o banco do fusca em que faleceu e a própria vestimenta ensanguentada. Por isso, o carro, ou pelo menos parte dele, é significativo: de veículo originalmente inerente ao mundo profano, converteu-se em objeto sagrado ligado materialmente a um poder de ordem transcendente.

Há dois componentes que remontam a santidade de Madre Leônia ao

sugerido modelo antigo e medieval. Em primeiro lugar, é possível sublinhar os próprios objetos que foram convertidos em relíquias, saindo do mundo profano para adentrar a esfera sagrada. Na história da crença, artefatos como as vestes de Milito e o banco do fusca teriam sido investidos de uma aura sobrenatural, pois encontravam-se em contato direto com a personagem, lembrando que o corpo desempenha papel importante na construção das santidades (GAJANO, 2002). Em segundo, o martírio é um componente fundamental na arquitetura desses sujeitos muito especiais, na medida em que, por intermédio do sofrimento, mesmo indivíduos comuns poderiam elevar-se à condição transcendente. Isso especialmente no caso do martírio em nome da fé, cujas matrizes remontam a figuras como João Batista e, principalmente, Cristo (ANDRADE, 2015).

Não obstante as matrizes antigas e medievais que envolvem o fenômeno, não se pode esquecer que se trata de uma santidade contemporânea. Como Garcia chama a atenção, a construção da devoção acontece numa cidade em que as representações da modernidade foram e, em certa medida, continuam sendo importantes. Tendo em vista a expressiva produção cafeeira entre as décadas de 1940 e 1970 – encerrando-se com a Geada Negra, calamidade “vinda do céu” –, Londrina foi considerada o Eldorado e a capital mundial do café (ARIAS NETO, 2008). Em meio às riquezas, bem como às suas sombras (ADUM, 1991), circularam representações como modernidade, progresso, civilização e racionalidade. Mesmo assim, nesse cenário, é significativo perceber como a religião desempenhou papel importante na criação desse ideário, destacando-se a ação da Igreja Católica e de figuras como Madre Leônia. As representações religiosas constituem fios dessa malha complexa que compõem a tessitura discursiva ligada ao Norte do Paraná.

Corolário da questão anterior, o livro de Garcia desempenha papel importante ao contribuir para com a produção acadêmica sobre o fenômeno religioso em Londrina e região. O objeto ainda é lacunar, excetuando pesquisas realizadas por historiadores como Wander de Lara Proença (2009) e Marco Antônio Neves Soares (2012). Malgrado a historiografia sobre a região tenha crescido nas últimas décadas – destacando-se as investigações de José Miguel Arias Neto (2008), Sonia Maria Sperandio Lopes Adum (1991), Nelson Dacio Tomazi (1997), entre outras – as religiões e as religiosidades ainda permanecem pontuais nesse estado da arte. Mesmo o Catolicismo é relativamente pouco pesquisado tendo em vista a espacialidade e, portanto, Garcia oferece caminhos fundamentais para compreendê-lo, considerando a ação de personagens e grupos missionários italianos a partir da segunda metade do século XX. Isso apresenta uma clivagem importante, uma vez que, no processo de recolonização da região que viria a tornar-se Londrina na passagem dos anos 1920 para 1930,

o Catolicismo era marcado pela atuação de personagens e instituições alemãs, sendo possível indicar o Colégio Mãe de Deus, fundado em 1936 e ligado ao Instituto Secular das Irmãs Maria de Schoenstatt¹.

Inserida nesse campo em formação, a pesquisa de Garcia constitui marco importante a respeito de um fenômeno em aberto e cujos desdobramentos são ainda desconhecidos, na medida em que o processo de santificação de Madre Leônia não foi finalizado. Além disso, seria possível pensar essa santidade inacabada em relação a outras santidades existentes na região e que não passam pelo crivo da Igreja Católica. Dentre elas, pode-se ressaltar a crença nos santos de cemitério, “santos oficiosos” (ANDRADE, 2010, p. 133) cuja devoção é construída pelos grupos sociais e que independem das instituições. No Cemitério São Pedro, hoje situado no centro de Londrina – mas que, nos anos 1930, encontrava-se nas margens da cidade –, há a crença nos poderes miraculosos de três sepultados: o Menino Osvaldo, que teria morrido criança e, segundo uma das versões dos devotos, teria sido atropelado diante da Catedral no dia de sua primeira comunhão (LEÃO, 2000); a Bela Adormecida, adolescente que teria dormido durante cinco anos na década de 1950 e, logo depois, falecido (DOENÇA, 1999); e, por fim, o Capa Preta, que teria sido o primeiro sepultado em Londrina (MASCHIO, 2003)². São três formas diferentes de santidade que compõem a complexa teia da religiosidade londrinense.

O livro de Garcia é importante para acadêmicos envolvidos com a pesquisa sobre a história regional e, também, a respeito da história das religiões e religiosidades em Londrina. Mas, ao mesmo tempo, com linguagem fluida e cativante, o autor consegue transcender os muros da academia ao oferecer ao leitor, de forma mais ampla, uma obra fascinante em torno das diferentes camadas que compõem a história da cidade.

Richard Gonçalves André
Londrina, verão de 2023.

¹ Com o intuito de mapear a produção acadêmica a respeito das religiões e religiosidades em Londrina e região, bem como de produzir novas investigações nesse sentido, foi criado o projeto de pesquisa intitulado *O fenômeno religioso em Londrina: história e historiografia (1930-1950)*, coordenado por Wander de Lara Proença e Richard Gonçalves André junto à Universidade Estadual de Londrina.

² Atualmente, os três santos de cemitério são pesquisados por Gregório Bernardino Matoso no curso de História da Universidade Estadual de Londrina.

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| MIGALHAS NO OURO VERDE: O CENÁRIO DO TRABALHO ASSISTENCIAL E RELIGIOSO NA TERRA DA PROMISSÃO | 9 |
| Londrina nas décadas de 1940-1950 e o(s) impacto(s) do desenvolvimento econômico | 9 |
| Fertilidade silenciadora: a pobreza entre os pés de café | 14 |
| MISSIONÁRIAS DE SANTO ANTÔNIO MARIA CLARET: ENTRE HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E DISPUTAS | 28 |
| O catolicismo em movimento no século XX: panorama macro e micro..... | 28 |
| A era das congregações no Brasil (1848-1960): do cenário nacional ao local..... | 33 |
| As Pobres Filhas de Santo Antônio: da chegada ao Brasil à ruptura das religiosas..... | 41 |
| Da ruptura à fundação da nova congregação religiosa: pioneirismo assistencial em Londrina..... | 53 |
| A MEMÓRIA SE MATERIALIZA: A (ONI)PRESENÇA DE MADRE LEÔNIA MILITO | 61 |
| Entre jardins, salas e arquivos: o batismo da memória pelos lugares..... | 61 |
| Capela Nossa Senhora do Caminho: memória e peregrinação | 69 |
| Das peregrinações à devoção de bolso: o papel das relíquias sagradas na construção da memória de madre Leônia Milito | 75 |
| O sagrado exposto ao olhar: entre o visível e o invisível | 80 |
| Papéis e páginas virtuais: do Diário Espiritual de madre Leônia Milito às publicações nas redes sociais | 83 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 89 |
| REFERÊNCIAS | 92 |
| ANEXOS..... | 102 |
| ANEXO I..... | 102 |
| Carta de madre Leônia Milito e irmã Tarcísia ao Mons. Casória, Sapri (Itália) em 18 de dezembro de 1953 | 102 |
| ANEXO II..... | 103 |
| Pedido de Intervenção solicitado por Irmã Tarcísia Gravina em 18/12/1953, de Nápoles (A.G.C.) | 103 |
| ANEXO III | 106 |

| | |
|--|------------|
| Carta do padre visitador Domenico Mozzicarelli à madre Leônia. Roma, 10-7-56..... | 106 |
| ANEXO IV..... | 107 |
| Manifesto de solidariedade do grupo missionário italiano no Brasil à madre Leônia. Catanduva, 7 de outubro de 1956. | 107 |
| ANEXO V | 109 |
| Pedido de separação do grupo missionário italiano no Brasil ao papa. Catanduva, 13 de outubro de 1956 | 109 |
| ANEXO VI | 110 |
| Carta do grupo missionário italiano no Brasil à madre geral Illuminata Blasiello. Catanduva, 13 de outubro de 1956..... | 110 |
| ANEXO VII..... | 111 |
| Carta circular de D. Geraldo Fernandes, bispo de Londrina, às famílias das missionárias italianas no Brasil. São Paulo, 31 de janeiro de 1957..... | 111 |
| ANEXO VIII | 112 |
| Carta do padre visitador Domenico Mozzicarelli à madre Leônia. Roma, 3 de dezembro de 1956. (página 91)..... | 112 |
| ANEXO IX..... | 113 |
| Carta de madre Leônia ao padre visitador Domenico Mozzicarelli. São Paulo, 20 de dezembro de 1956. (página 91)..... | 113 |
| ANEXO X | 114 |
| Carta do Núncio Apostólico no Brasil, Dom Armando Lombardi a Mons. João Pavésio. Rio de Janeiro, 6 de julho de 1957 | 114 |
| ANEXO XI..... | 115 |
| Carta de D. Geraldo, bispo de Londrina ao Núncio Apostólico D. Armando Lombardi, Londrina 3 de maio de 1957..... | 115 |
| ANEXO XII..... | 117 |
| Carta manifesto das missionárias italianas ao Núncio Apostólico, D. Armando Lombardi. Catanduva, 6 de julho de 1957 | 117 |
| ANEXO XIII..... | 118 |
| Cf. Carta em Família Especial – 1980. Pp. 23-25 (A.G.C.)..... | 118 |
| SOBRE O AUTOR..... | 120 |

INTRODUÇÃO

Era aproximadamente meio-dia quando as irmãs se preparavam para almoçarem juntas antes da partida para Maringá, cidade próxima de Londrina, localizada no Norte do Paraná. Rezaram as orações e o Ofício das Vésperas¹, como ainda é o costume do grupo religioso e, de certa forma, comemoravam os objetivos alcançados do trabalho missionário que motivava tal viagem. Na noite anterior, Zé Galante², fotógrafo, separou fotografias junto de uma delas, na casa onde residiam para que pudessem mostrar os registros fotográficos quando chegassem em seu destino. Com as malas já preparadas ao longo da manhã daquele dia e acomodadas no Fusca da congregação religiosa, madre Leônia Milito, madre Tarcísia Gravina, irmã Eucarística, irmã Aparecida Herreiro e irmã Ana Bruscato partiram às 13h15 para se encontrarem com o arcebispo de Maringá, Dom Jaime Luís Coelho em agradecimento à visita que realizara nas comunidades de atuação na Costa do Marfim.

A viagem não ocorreu como planejado, aproximadamente 30 minutos após a partida, um caminhão invadiu a pista e colidiu com o Fusca na rodovia BR-369 na cidade de Cambé, vizinha de Londrina. O carro das missionárias, arremessado alguns metros à frente da colisão teve o seu lado direito mais afetado pelo impacto, lado esse em que estava sentada a fundadora e líder religiosa do grupo na época, madre Leônia Milito³, a única a não sair com vida do local.

O acidente ocorrido em Cambé, no dia 22 de julho de 1980, foi um divisor na história das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret⁴, pois marcava o fim da vida de sua principal fundadora e iniciava um processo histórico que faria sua vida pulsar constantemente na história e memória do grupo religioso dali em diante. Entende-se por história e memória a exposição de Pierre Nora (1993) sobre tais conceitos; para o autor a história trabalha com a perspectiva sempre problemática das representações do passado, ordenada

1 O Ofício das Vésperas compõe Ofício Divino, também conhecido como Liturgia das Horas no catolicismo. Em linhas gerais, é a oração pública da Igreja Católica a ser realizada cotidianamente em horários previamente determinados com a leitura de passagens bíblicas, cânticos e preces como complemento da celebração dominical (CATECISMO, 2011, §1174).

2 José Antonio Morini, trabalhou no interior do Instituto Coração de Maria na década de 1970. Numa entrevista para a produção do catálogo "Um presépio na rua de todas as compras" (GARCIA; LEME; SILVA, 2015) da série Londrina Documenta, ele, conhecido popularmente como "Zé Galante" – devido à sua atuação no Foto Galante desde 1966 junto de seu tio Augusto Galante – apontou alguns de seus serviços prestados na cidade e relata brevemente sobre a experiência de ter trabalhado como fotógrafo da congregação. Zizinho, como ele era conhecido pelas irmãs relatou que era o único homem autorizado a registrar por imagens o interior da congregação, pois tinha a confiança da Madre Leônia para o mesmo. Em seu depoimento também relatou que um dia antes do acidente que levou a religiosa ao óbito, separou algumas fotografias da congregação junto dela para serem enviadas para a Itália a fim de apresentar o trabalho realizado na casa das missionárias na cidade de Londrina.

3 Leônia Milito nasceu em 1913 na cidade de Sapri, Itália. Aos 22 anos iniciou sua vida religiosa em Nápoles, na congregação Pobres Filhas de Santo Antônio. No ano de 1953 chegou ao Brasil com o objetivo de expandir o trabalho missionário no interior do Estado de São Paulo. Após uma série de crises com o grupo italiano, rompeu com o mesmo e, em 1958, junto de Dom Geraldo Fernandes, fundou a Congregação das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret em Londrina, Paraná. No dia 22 de julho de 1980, um acidente automobilístico tirou sua vida e modificou a história da congregação que, 8 anos depois, iniciou o processo de canonização da religiosa (ARQUIDIOCESE, 2019).

4 Congregação religiosa fundada por madre Leônia Milito e D. Geraldo Fernandes em 19 de março de 1958 na cidade de Londrina, Paraná. Sob o lema "bondade e alegria", as missionárias têm como objetivo estar a serviço das camadas mais pobres da sociedade. Atualmente o grupo está presente em 17 países, nos cinco continentes, tendo sua sede administrativa em Londrina (MISSIONÁRIAS, s/d).

metodologicamente, sobretudo, pela razão, enquanto a memória é um fenômeno vinculado ao presente eterno orientado pelos sentimentos individuais e coletivos. Nesse sentido, a morte da religiosa é um episódio elementar para compreender a maneira pela qual esses conceitos se relacionam no grupo religioso.

A narrativa inicial apresenta, a partir de memórias, o episódio do dia 22 de junho de 1980 no interior da casa de fundação do grupo religioso pelas próprias pessoas que conviveram com esses personagens, sobretudo com a madre Leônia Milito, vítima fatal do acidente. Uma outra narrativa mais detalhada também está presente em uma carta do grupo nos documentos anexados na obra referência da história do grupo religioso produzida por José Garcia Gonzales Neto (1992), historiador convidado pela congregação das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret a escrever sobre a história – e memória – das mesmas em meados da década de 1990. Esse momento é fundamental para consolidar as memórias sobre o grupo, uma vez que o processo de canonização da vítima fatal do acidente, encabeçado pelas suas antigas companheiras, se iniciava no mesmo período.

A proposta deste trabalho consiste em investigar e analisar a história – sobretudo de uma personagem, madre Leônia Milito enquanto protagonista – e a produção de memória coletiva num espaço religioso, bem como as disputas de poder presentes ao longo deste processo histórico. O interesse em investigar a personalidade religiosa surgiu a partir da oportunidade de realizar um estágio no Museu Histórico de Londrina (MHL) e participar da coleta de entrevistas para a produção de um dos catálogos da série Londrina Documenta. Na ocasião, Zé Galante foi um dos entrevistados e a apresentação de suas memórias a partir de seu relato sobre o episódio da separação de fotografias para Leônia Milito um dia antes de sua morte despertou a curiosidade para aprofundar os estudos dessa personalidade enquanto uma figura de destaque na memória religiosa da cidade. Do ponto de vista social, a pesquisa busca problematizar a construção da memória de Leônia Milito e suas representações também como um produto das transformações políticas, sociais e econômicas do município da década de 1950 até o presente, sobretudo das camadas hegemônicas da sociedade londrinense em detrimento à pobreza, o principal campo de atuação da instituição religiosa à qual a madre pertenceu.

No que se refere à historiografia, a presente pesquisa tem como intenção analisar o desenvolvimento do catolicismo em Londrina, bem como mapear o campo religioso e suas disputas na região, sobretudo na década de 1950 – momento em que o município cresceu e recebeu um número significativo de migrantes e imigrantes –, a fim de investigar essas disputas e seus impactos nas sociedades. Paralelamente, a proposta de promover a discussão sobre a construção da memória santificada de Leônia Milito é uma das primeiras contribuições na historiografia local sobre a temática.

Há que se destacar o recorte temporal desta pesquisa na medida em que ela tange um período-chave para compreender a construção da imagem de Leônia Milito ao longo do tempo. O ano de 1953 foi caracterizado como o momento inicial de insatisfação da

religiosa e da conseqüente crise política na antiga congregação italiana que participou, na medida em que envolveu sua ruptura e expulsão do grupo Pobres Filhas de Santo Antônio⁵. A narrativa de Gonzales Neto (1992) identifica esta cisão como uma escolha predestinada para o desenvolvimento da figura de Leônia Milito enquanto missionária religiosa em Londrina até o presente. Ao longo deste período serão analisadas suas ações em vida a partir de documentos produzidos a próprio punho e as representações e dimensões simbólicas construídas após sua morte em 1980.

Também pode-se adequar o recorte temporal deste trabalho à História do tempo presente por coincidir com o tempo de parte da vida deste que escreve e pelo período em que esta pesquisa foi realizada. Segundo Eric Hobsbawm, “[...] Todo historiador tem seu próprio tempo de vida, um poleiro particular a partir do qual sondar o mundo [...]” (HOBSBAWM, 2013, p. 317). O autor prossegue: “[...] toda história é história contemporânea disfarçada [...]” (HOBSBAWM, 2013, p. 315). Essas palavras caracterizam as investigações do tempo presente e apontam que o ofício do historiador em certa medida nasce das inquietações do presente. No entanto, tratar de uma investigação da contemporaneidade não significa estar condicionado a uma leitura rápida ou imediata dos acontecimentos, mas sim de problematizá-los a partir do cruzamento de fontes históricas que sustentam o texto historiográfico.

Nesse sentido, como fontes históricas serão utilizadas cartas trocadas entre indivíduos que possuíram algum tipo de vínculo com a congregação analisada ao longo da década de 1950. Podemos considerar a obra de referência sobre a história do grupo religioso das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret não só como um livro, mas também como um lugar de memória (NORA, 1993) para a instituição religiosa. Edificações e fotografias do Complexo Madre Leônia Milito, localizado em Londrina (PR), também serão submetidas à análise documental na medida em que representam elementos identitários para a ordem. Segundo François Hartog (2006, p. 266), “[...] o patrimônio se encontra ligado ao território e à memória, que operam um e outro como vetores da identidade”. Além das cartas escritas pela própria mãe na década de 1950, o diário espiritual do ano de 1975 com suas reflexões pessoais, orações e apontamentos espirituais também auxiliará na investigação da história e na construção da memória desta personalidade, bem como as representações e ressignificações desses textos no presente, momento em que tais escritos foram comercializados para o público em geral. A interpretação dos documentos oficiais da Igreja Católica publicados no final do século XIX e os produzidos no Concílio Vaticano II permitem a compreensão das intenções de ação da instituição religiosa numa perspectiva macro em nível mundial e micro na forma como as diretrizes foram aplicadas regionalmente pelas lideranças religiosas pesquisadas.

5 Congregação religiosa italiana de matriz franciscana em que Leônia Milito iniciou sua vida escolar ainda no ensino básico. Ao ingressar como missionária em 1935, o instituto era localizado num bairro periférico de Secondigliano, em Nápoles, onde se dedicava ao trabalho com os mais pobres daquela região.

A memória enquanto objeto de estudo da História ganhou um maior destaque nas últimas três décadas. Para Peter Burke (2012, p. 172), além do crescimento dos últimos anos, esse objeto “[...] oferece oportunidades, aproveitadas por poucos estudiosos, para cooperação com antropólogos, sociólogos, críticos literários e psicólogos [...]”. Há uma complexidade inerente ao universo da memória, a sua produção, seu(s) uso(s) social(is) (GUARINELLO, 1995) e as disputas sociais engendradas em torno deste fenômeno (POLLAK, 1989).

Para Maurice Halbwachs (1990), a memória coletiva é um processo de reconstrução, em que as lembranças individuais são influenciadas pelos grupos sociais em que determinado indivíduo se relaciona, passíveis de mudanças constantes de acordo com o momento histórico em que são evocadas.

Inicialmente, podemos analisar a narrativa do acidente fatal e da morte de Leônia Milito associada a essa reconstrução, em que as memórias do acidente e das ações que o antecederam são lembradas individualmente e o grupo ao qual elas estão inseridas ratifica o que deve (ou não) ser lembrado. Nesse sentido, a morte da religiosa pode ser considerada um marco na história de suas correligionárias e, mesmo aquelas que não vivenciaram diretamente o trágico episódio “se lembram” dele pela importância designada para a coesão e construção da identidade do grupo. Contudo, ao estabelecer tal leitura analítica, a problemática do esquecimento (POLLAK, 1989) e da amnésia coletiva (BURKE, 2012) não são consideradas como elemento constituinte da identidade social, pois os silêncios, esquecimentos e o fenômeno da amnésia coletiva, ou seja, a seleção daquilo que deve ser lembrado, silenciado e o que não pode ser esquecido para a unidade do grupo ao longo do tempo são fundamentais para a formação do sentimento de pertencimento dos indivíduos que compõem a congregação religiosa.

Diferente da perspectiva sociológica adotada por Halbwachs (1990), para a qual a memória tem o caráter natural, espontâneo e conciliador a fim de estabelecer conexões entre passado/presente e memórias individuais/coletivas, o trabalho está inclinado a analisar as perspectivas conflituosas desta construção. Para Candau (2012), a recuperação e conservação de experiências passadas é uma prática insustentável, além de que, a partir de sua evocação, “[...] a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada” (CANDAU, 2012, p. 16). Ou seja, ela entra em disputa, elege o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido (POLLAK, 1989). E é neste ponto complexo em que os conceitos de memória e identidade se entrelaçam e apresentam a necessidade mútua de existência para se consolidarem na construção de identidades, sendo a(s) memória(s), sua(s) principal(ais) fonte(s) de sustento. Para Verena Alberti, a memória “[...] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, continuidade e coerência – isto é, de identidade” (2008, p. 167). Assim como a memória que transita por diversas adaptações e é objeto de disputa, Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses afirma que a identidade também é “[...] mecanismo de exclusão, de

estabelecimento de fronteiras e de busca de diferenças e incompatibilidades para legitimar interesses ou defender-se de ameaças” (MENESES, 2003, p. 266). Ao relacionar com a proposta deste trabalho, podemos sintetizar tal vínculo ao identificar que ambas “[...] se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento” (CANDAU, 2012, p. 16).

Nesse sentido, foi possível observar tais modelagens apontadas por Candau (2012) ao longo da pesquisa para a produção deste trabalho. Por exemplo, a narrativa sobre o acidente de Leônia Milito sofreu alterações a partir das memórias criadas após este evento pelas próprias membros do grupo religioso, assim como aqueles que frequentavam tal espaço. Zé Galante, por exemplo, apresenta informações que não correspondem com a apresentada inicialmente neste texto, assim como as versões de algumas irmãs que presenciaram o acidente. No entanto, a trágica morte da religiosa é o elemento comum e condensador destas narrativas, bem como o evento ímpar na congregação religiosa. Portanto, levantamos aqui um dos pontos elementares de análise das próximas páginas: a história, a construção da memória a partir da vida e morte de madre Leônia Milito enquanto missionária da congregação das missionárias de Santo Antônio Maria Claret.

Ressaltamos que tal construção está vinculada a uma personalidade que sai da vida comum e passa a ocupar um lugar de destaque na história da congregação, na cidade e, possivelmente, a níveis maiores a partir de seu processo de canonização. Ou seja, o processo de construção de sua memória santificada é um dos objetos de estudo deste trabalho. Nesse sentido, o processo no Vaticano, a história e memória de Leônia Milito também transitam na construção de sua representação hagiográfica para o grupo religioso ao qual ela está inserida. Para Michel de Certeau, “[...] enquanto a biografia visa colocar uma evolução e, portanto, as diferenças, a hagiografia postula que tudo é dado na origem com uma ‘vocaçãõ’, com uma ‘eleiçãõ’ ou como nas vidas da Antiguidade, com um *ethos* inicial” (CERTAU, 2011, p. 297). Ou seja, para além da relação memória-História, a construção da imagem sacralizada de Leônia Milito será analisada na medida em que o processo de canonização se desenvolve desde a década de 1990 e se encontra na fase de tentativa de reconhecimento da sua beatitude no presente momento de produção deste trabalho.

Aqui também é válido apontar um dos limites desta pesquisa, por analisar um processo de canonização no presente, os resultados decorrentes destas ações que visam erigir o título de beata e conseqüentemente de santa à madre ainda são incertos e projeções das possibilidades futuras não são objetivos das próximas páginas, pela própria impossibilidade temporal que nos é imposta, sendo os movimentos que constroem a(s) memória(s) e identidade(s) os principais pontos de análise aqui propostos.

A aproximação da historiografia com temas voltados ao campo religioso ganhou maior notoriedade com os parâmetros estabelecidos pela história social, especialmente na segunda metade do século XX. Para Burke (1980, 2012), desde o final do XIX o domínio

político como objeto da História já causava desinteresse para alguns historiadores, o que se reflete nas décadas seguintes na criação de novos paradigmas propostos pelos *Annales* com a história-problema à qual novos objetos, novos métodos de análise dos documentos, bem como o diálogo com outras áreas do conhecimento passam a protagonizar produção historiográfica a fim de investigar outras esferas sociais para além das marcas do positivismo, pautado na análise das instituições de poder e quase que restrito às fontes escritas. Nessa perspectiva do desenvolvimento do conceito e emancipação da história social – até então enraizada nos aspectos econômicos –, observamos a tendência na produção de trabalhos voltados sobretudo às áreas da Sociologia e Antropologia se intensificaram no pós-guerra. Para Burke (2012, p. 37), a década de 1960 praticamente impôs uma aproximação entre a História e a teoria social uma vez que suas áreas de trabalho se encontravam transformadas inseridas em um sistema econômico mundial.

Apesar da dificuldade da conceituação do termo “história social”, Hobsbawm (2013) aponta que o crescente interesse sobre os estudos ligados às ciências sociais se deu pelas mudanças nas instituições acadêmicas e pela notoriedade da sociologia enquanto temática nas décadas de 1960 e 1970. Nesse sentido, a fragmentação das identidades promovida pela guerra, associada às incertezas do período, levou os historiadores a se aprofundarem nos temas do cotidiano (LE GOFF, 1984) e personalizarem seus objetos para investigar as estruturas sociais (PROST, 2012).

Esses novos territórios polifônicos para os historiadores apresentaram um maior interesse na abordagem da cultura e das práticas culturais como influência do contexto histórico em que estavam inseridos. Para Roger Chartier, se configuravam “[...] novos objetos no seio das questões históricas: as atitudes perante a vida e a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentesco e as relações familiares, os rituais [...]” (CHARTIER, 2002, p. 14). Tal mudança de perspectiva também inaugurava novas metodologias de investigação histórica e novas dimensões a serem aprofundadas pela historiografia.

A temática do trabalho perpassa algumas dessas relações na medida em que tange a questão religiosa e a construção da identidade de um determinado grupo religioso a partir da vida e morte de uma personalidade de destaque, não só no âmbito eclesástico – como verificaremos ao longo dos próximos capítulos –, mas também com certa relevância política na cidade de Londrina. Como mencionado, ao analisar sua trajetória nota-se uma linha tênue entre sua figura e a identidade da congregação religiosa à qual ela pertenceu. Nesse sentido, para além da memória, Leônia Milito ocupa um lugar central na construção identitária das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret na qual podemos considerá-la como um elemento de dimensão simbólica representativa para história de sua ordem. Conforme Chartier, no que se refere a esta concepção, há uma tensão de sentidos intrínseca ao próprio conceito,

[...] por um lado, a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém. No primeiro sentido, a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma 'imagem' capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é. Algumas dessas imagens são bem materiais e semelhantes [...]. A relação de representação – entendida, deste modo, como relacionamento de uma imagem presente e de um objeto ausente, valendo aquela por este, por lhe estar conforme – modela toda a teoria do signo que comanda o pensamento clássico [...] (CHARTIER, 2002, p. 20)

Ao passo em que o processo de canonização de Madre Leônia Milito avança no Vaticano, a sua presença, a partir da apropriação de sua figura pelas correligionárias se materializa no complexo e rua homônima, nos eventos e celebrações relacionados à sua vida e morte, na exposição da casa de memória do grupo, na distribuição de relíquias externas, nas peregrinações mensais ao local em que o acidente narrado inicialmente ocorreu, na organização e venda de seu diário espiritual do ano de 1975 para o grande público, entre outras ações desempenhadas na contemporaneidade. Desse modo, a cultura material relacionada à figura da religiosa permite a investigação para além da ótica do simples consumo destes produtos, mas também de suas práticas culturais, suas singularidades, bem como a construção da memória, de sua identidade e a do grupo que se confundem muitas vezes na documentação disponível na instituição (ROCHE, 2000). Na dimensão simbólica, madre Leônia Milito está cada vez mais presente no imaginário social enquanto uma força reguladora da identidade e vida coletiva (BACZKO, 1985) a partir da associação de sua representação ao grupo religioso.

A partir da presença simbólica da religiosa nos espaços administrativos da congregação é que se configura a perpetuação do grupo religioso na história da cidade. A indissociabilidade dessas figuras permite a construção da identidade religiosa das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret como uma das principais ordens eclesásticas do norte do Paraná a possuírem uma representante em processo de santificação. Manter viva tais práticas culturais permite com que a estrutura de poder e influência de Leônia Milito perpetue a imagem e a própria existência da comunidade religiosa.

No primeiro capítulo, apresenta-se um panorama histórico da cidade de Londrina a fim de analisar a maneira pela qual o crescimento econômico nas décadas de 1940-1950 proporcionou, de um lado, o enriquecimento de parte da população, do outro, o desenvolvimento da desigualdade social e a visibilidade das mazelas sociais de uma cidade que vivia seu período de ouro. Um dos objetivos do capítulo consiste em investigar a forma pela qual a pobreza foi silenciada no período, na medida em que a fertilidade da terra do norte paranaense elevou os índices econômicos da região também foi um espaço fecundo para a ação de instituições ocupadas no trabalho com as camadas mais baixas

sociedade, cada vez mais presentes no território.

No segundo capítulo, investigam-se as novas diretrizes eclesiais no que se refere às práticas religiosas do catolicismo a partir do Vaticano II na década de 1960 e seus impactos na dimensão de trabalho social da Igreja. O concílio produziu uma série de documentos que modificaram diretamente as frentes de ação religiosa, sobretudo em relação às ordens e nas práticas sociais de evangelização. Além disso, analisa-se a movimentação das congregações religiosas no Brasil ao longo do século XX a partir das necessidades do Brasil republicano e dessas instituições, num processo denominado como “era das congregações” na transição da monarquia para a república em que o papel das igrejas não se encontra mais ligada constitucionalmente ao Estado. Ao final do capítulo estabelece-se a conexão do movimento de chegada das congregações religiosas no Brasil com a atuação do grupo italiano no território brasileiro ao qual Leônia Milito pertencia antes de sua ruptura para a fundação das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret.

No terceiro e último capítulo, será analisada a maneira pela qual o discurso memorialista, as práticas cotidianas que reforçam a construção da memória santificada da religiosa e a cultura material presente no complexo madre Leônia Milito buscam ratificar a perpetuação de sua figura e, conseqüentemente da congregação, como elementos chave na história e memória religiosa da cidade. A organização dos espaços da instituição, a distribuição de relíquias⁶ aos visitantes, as carreatas em homenagem à madre e até mesmo a presença de perfis de Leônia Milito nas redes sociais com publicações frequentes aos seus seguidores, se configuram como práticas de representação de sua imagem sacralizada enquanto se desenvolvem os trâmites oficiais de sua canonização em Roma. Nesse sentido, as ações desempenhadas no presente a fim de construir e legitimar a narrativa memorialística produzida até o momento serão problematizadas com o objetivo de investigar como tem sido a preparação do grupo religioso ao longo do processo de canonização e como sua influência é erigida na história da cidade.

6 A doutrina eclesial católica, a partir da Sagrada Congregação dos Ritos de 1623, segmentou as relíquias dos santos em três classes: as insignes, notáveis e mínimas. (GUILLOIS, 1903). Todas elas estão relacionadas aos restos mortais do santo. No entanto, no sentido mais amplo do termo, os objetos utilizados pela figura santificada também podem ser considerados enquanto relíquias pelo seu valor simbólico.

MIGALHAS NO OURO VERDE: O CENÁRIO DO TRABALHO ASSISTENCIAL E RELIGIOSO NA TERRA DA PROMISSÃO

O objetivo deste capítulo é apresentar brevemente um panorama histórico da cidade de Londrina (PR), local de fundação da congregação religiosa estudada nesta pesquisa, do início da década de 1940 até meados dos anos 1950. Como será exposto nos próximos parágrafos, esse período apresenta uma dualidade, foi caracterizado por um vertiginoso crescimento da economia londrinense, assim como da desigualdade social na região norte do Paraná. Nesse sentido, buscaremos identificar essas características e as problemáticas a partir do paradoxo, de como a presença da pobreza foi uma constante silenciada na história da cidade, mesmo em seu período de ouro.

O capítulo também procura estabelecer pontos de ligação das transformações da cidade no cenário político e religioso – numa perspectiva micro para se conectarem aos objetivos da segunda parte deste livro – às mudanças no âmbito religioso do catolicismo do final do século XIX até a década de 1960 em nível nacional junto da trajetória do nosso objeto de estudo. Nesse sentido, a congregação das missionárias de Santo Antônio Maria Claret, representadas pelas figuras de seus fundadores, está inserida no processo de mudanças políticas, econômicas, sociais e eclesiásticas do século XX em Londrina.

1 | LONDRINA NAS DÉCADAS DE 1940-1950 E O(S) IMPACTO(S) DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

O grupo religioso em questão foi fundado em 1958 na cidade de Londrina e iniciou suas atividades num período ímpar na história do município, a agricultura despontou como principal atividade econômica e proporcionou grande desenvolvimento na cidade. A porção setentrional do estado possuía um território próspero no que se refere à produção e vasta diversificação na agricultura entre os anos 1940-1960 (ARIAS NETO, 2008). Além disso, encontrava-se em consonância com a política desenvolvimentista adotada por Juscelino Kubitschek na década de 1950, uma das maiores fases de crescimento econômico que o Brasil experimentou até aquele momento (ALBUQUERQUE, 2015).

Nesse mesmo período apontado por Arias Neto (2008), a década de 1940 também marcou a saída administrativa da Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP)¹ do território londrinense, que havia adquirido e organizado o espaço rural e urbano desde meados da década de 1920 até esta data. A saída permitiu uma maior visibilidade de indivíduos que não estavam vinculados ao processo expansionista da Companhia, eram

1 “A Companhia de Terras Norte do Paraná, subsidiária da *Paraná Plantation Syndicate*, com sede em Londres, adquiriu, entre os anos de 1925-1927, uma área de 515.000 alqueires de terras [...]. A trajetória dessa Companhia é narrada por todos os autores que abordam as questões acerca da ocupação do Norte do Paraná” (ARIAS NETO, 2008, p. 4). A CTNP atuou no estado até 1944, após sua venda, tornou-se a Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná.

cidadãos comuns ou então associados a outras instituições, como as religiosas, as quais discutiremos mais adiante no trabalho. Contudo:

No pós-Segunda Guerra, houve um espantoso surto de desenvolvimento, levando à construção das representações de Londrina e do Norte do Paraná como Terra da Promissão e Eldorado, ou seja, como terra do progresso e dos homens e mulheres que para lá se dirigiram como pioneiros (ARIAS NETO, 1995, p. 70)

Em meados da década de 1940, a cidade teve sua representação associada ao Eldorado da cafeicultura, ainda que houvesse uma diversificação do plantio como apontado anteriormente, os cafezais eram os protagonistas deste cenário. A riqueza de Londrina era o “ouro verde” propiciado pelo plantio do café, ou seja, não se manifestava pelas minas de ouro características dos séculos XVII e XVIII, mas na possibilidade de transformar “[...] através do trabalho, as riquezas naturais do norte e a fertilidade da terra, em ouro” (ARIAS NETO, 2008, p. 57).

O desenvolvimento da agricultura cafeeira deu a Londrina a característica de uma “Terra Prometida”² nas décadas de 1940 e 1950. Para Arias Neto (1995, p. 95), “[...] o fim da guerra, a elevação dos preços do café e da convicção generalizada de que o Paraná era o lugar do futuro, provocaram um *rush* populacional e um *boom* econômico sem precedentes na vida do estado”. A fertilidade do solo de Londrina e do norte paranaense, somada ao contexto de instabilidade econômica do pós-guerra, desigualdade social e as tensões próprias da Guerra Fria, proporcionaram o cenário ideal de aposta de estabilidade financeira e social para os imigrantes, além da consolidação de Londrina enquanto o “Eldorado do Cafeeiro”, a “Terra da Promissão”, “a Nova Canaã” (ARIAS NETO, 2008).

O discurso do progresso relacionado ao norte do Paraná e alavancado pela CTNP constrói a ideia de que a pobreza não se desenvolveria numa região com tamanho potencial de abundância, pois seriam tantas possibilidades de enriquecimento e a terra acolheria todos aqueles que buscavam melhorar suas vidas (ALVES, 2013). Podemos observar tal discurso presente na revista “A Pioneira” ao final da década de 1940:

[...] A princípio era a selva agressiva, eram as vastidões inóspitas, a derrubada, a queimada e o preparo da terra. Depois a semente atirada à cova, que mão hábil preparara e regara, diariamente, com bagos de suor. Era a luta contra as intempéries, era o plantio do cereal em meio ao café, no aproveitamento máximo da terra, era, enfim, a ansiosa expectativa da primeira colheita, aquela que seria a redentora do colono, aquela que haveria de transformar os grãos da preciosa rubiácea, em dinheiro, nos mercados de São Paulo.

2 Na exposição de longa duração e no acervo do Museu Histórico de Londrina - Padre Carlos Weiss, existe ampla documentação sobre as propagandas realizadas pela Companhia de Terras do Norte do Paraná a fim de atrair mais pessoas para a cidade. Os acervos dos fotógrafos José Juliani e Hikoma Udihara, ambos contratados (em períodos distintos) pela CTNP, apresentam os registros desse período propagandista. Juliani, descendente de italianos, é um dos responsáveis pelos registros fotográficos da CTNP entre 1933-1943 que faziam propaganda do empreendimento colonizador e da cidade sob o ideal do progresso. Udihara, natural do Japão, também era encarregado de acolher os japoneses que chegavam, fugidos da guerra e das tensões mundiais que envolviam o país no período entre guerras, no município. Em contrapartida, o acervo fotográfico de Armínio Kaiser permite a reflexão das consequências, sobretudo agrária e social, após o *boom* econômico e populacional.

No entanto, por mais absurdo que pareça, o Norte do Paraná não começou ainda... Noventa por cento das suas lavouras cafeeiras esperam ainda a primeira florada, para o milagre extraordinário da sua fecundação. Depois sim, depois será, então, na ordem econômica, verdadeiramente, o seu começo.

E que começo não será este, que glorioso alvorecer será o setentrão paranaense, quando, já agora, pode apresentar ele, lavouras tão inéditas e cidades tão vertiginosas, das quais Londrina foi a primeira, em grande escala, e não será a última, por certo?!! Que responda o leitor.

Diante de tudo isso se justificam, plenamente, a confiança deste povo no seu futuro, o sadio otimismo das gentes desta região, o justo orgulho dos paranaenses e os cuidados excepcionais que os nossos governos vêm demonstrando pela nova mesopotâmia.

[...] Diariamente, homens de todas as latitudes aqui aportam. Essa peregrinação tem muito de parecido com a penetração e conquista do Oeste Americano. Vêm todos eles à procura da riqueza da qual a terra é sempre depositária... Em pouco tempo, animados pelo exemplo e a solidariedade comum de toda a gente, erigem a sua tenda de trabalho e se entrosam na grande máquina, naturalmente, suavemente. Dia a dia, sol a sol, trabalham a terra, na deliciosa e confortadora certeza de que multiplicarão por cem ou por mil os seus esforços (ROCHA, 1948, p. 23-26)

O processo de recolonização ou (re)ocupação apontado por Tomazi (1997, p. 105) – uma vez que o território já era ocupado por populações indígenas e, também, posseiros e grileiros – da cidade de Londrina foi marcado por discursos semelhantes ao exposto acima. A publicação do texto na revista “A Pioneira” revela a intenção do autor em exaltar os homens, sobretudo aqueles considerados pioneiros, enquanto desbravadores da selva agressiva e responsáveis pela descoberta da mina de ouro verde ao norte do estado do Paraná. O discurso poético empregado na revista, evidencia certa bravura e um espírito desbravador, o que ajuda a elucidar a representação do pioneirismo da CTNP na década de 1940 em uma cidade em que não há pobreza, pelo contrário, a riqueza está por todo lugar em que se pisa. Além disso, estabelece uma relação com a fertilidade do território mesopotâmico – concentrada entre rios, assim como o município de Londrina – e a conquista do oeste nos Estados Unidos ao apresentar que a terra despertara interesse naqueles que a conheciam, como se ela nunca tivesse sido ocupada anteriormente, ignorando a ocupação dos povos nativos já estabelecidos no território anteriormente. Cabe ressaltar que, ao longo da década de 1920, quando foram iniciadas as negociações relacionadas ao território norte paranaense, o governo estadual e a própria CTNP apontavam o espaço permeado de terras devolutas como parte do plano de ação sobre ocupação e colonização da região (COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ, 2013; TOMAZI, 1997; NUNES, 2017).

Nesse sentido, em contraponto a tal ideia:

O Norte do Paraná, no simbólico dos homens que vivem esta história, bem como dos que a reproduzem, constitui-se em obra desta empresa (CTNP). Significa constatar uma “construção” que privilegia apenas um dos agentes

envolvidos no processo. Inúmeros outros atores participaram ativamente na ocupação, transformação e configuração deste território em “locus do capital”. Estado, fazendeiros paulistas e mineiros, sitiante, sertanejos, colonos, grileiros, outras companhias particulares, pequenas empresas imobiliárias, ladrões que roubavam as casas para matar a fome, prostitutas que chegavam às levas nas asas dos aviões do Panair, nordestinos esfomeados e mendigos que vagavam pelas ruas da fervilhante “nova Canaã”, etc. (ADUM, 1991, p. 48)

O sentido da colonização, ao ignorar a presença de outros grupos sociais na cidade de Londrina evidencia a narrativa intencionada pela CTNP, além de estar em consonância com as perspectivas empregadas pelo governo federal no mesmo período (ALBUQUERQUE, 2015). A visão romântica empregada pela Companhia impulsionou a divisão de terras e a venda dos lotes para os interessados na prática agrícola, sobretudo na cultura do café. Tal narrativa também constrói a ideia de que a ocupação e a construção do território da cidade foram pacíficas, “[...] onde o capital e seus agentes foram, naturalmente, preenchendo os espaços, como se estes estivessem esperando ansiosamente por aqueles” (ADUM, 2013, p. 5). Além da ausência de conflitos em meio ao processo de colonização, a terra onde “se pisa em dinheiro” parece ter sido um achado em meio as terras devolutas do Paraná em que a domesticação da natureza era o símbolo do progresso levado pelo homem às regiões mais sertanejas (LEME, 2013).

Para Adum (1991), existem dois grandes grupos que abordam a história da cidade de Londrina, sobretudo no período ligado à sua colonização. O primeiro deles apresenta uma história sem problemáticas, “[...] cuja narrativa traça uma trajetória racional de vitórias a caminho da ‘civilização’ [...]” (ADUM, 1991, p. 133) em que o pioneiro é construído a *posteriori* como o responsável pelo sucesso da colonização e o conseqüente desenvolvimento da cidade. As obras desta categoria estão permeadas do “discurso de felicidade”, de uma terra com oportunidades iguais de enriquecimento para quem quisesse trabalhar (ADUM, 2013, p. 4). A história oficial da cidade de Londrina “[...] enfatiza a ‘abnegação’ da companhia colonizadora inglesa e o seu ‘desejo de trazer o progresso’ para a região [...]” (ANDREAN, 2019, p. 3).

A primeira categoria está ligada diretamente a própria narrativa empregada pela Companhia de Terras ao longo de seu empreendimento na cidade. As propagandas, por ela veiculadas nas primeiras publicações da década de 1930, destacavam a terra fértil, a ausência de saúvas – formigas prejudiciais ao plantio – e a pureza da água para atrair grandes compradores e a população para ocupar o território. Na década de 1940, os folhetos apresentavam a cidade como “[...] um Eldorado, onde não há minas de ouro, mas onde se faz ouro de tudo” (COMPANHIA DE TERRAS DO NORTE DO PARANÁ, 1941). A publicação do livro desta empresa na década de 1970, naquele momento nomeada como Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná e não mais Companhia de Terras, reafirmou as ideias veiculadas anteriormente e deu um novo sentido à Nova Canaã, como

um exemplo pioneiro de reforma agrária bem sucedida, além de estruturar a obra no ideal de progresso baseado no discurso de felicidade (ADUM, 2013).

Já o segundo grupo, bem menor em quantidade do que o primeiro, apresenta uma postura crítica em relação às problemáticas intocadas nas narrativas até então, sobretudo no que se refere à CTNP, “[...] dando uma clara dimensão de que nem todos a viam com os mesmos olhos” (ADUM, 1991, p. 234), como é o caso dos jornalistas Marinósio Trigueiros Filho³ e Edison Maschio. A obra “Escândalo da Província” do jornalista Edison Maschio (2011), por exemplo, ao escrever um romance alusivo às mazelas sociais em Londrina na década de 1950, pode ser considerado um dos exemplos dessa questão problemática que, ainda que o autor afirme que os personagens não foram inspirados em situações reais (FOLHA DE LONDRINA, 2011), apresentam uma perspectiva oposta ao discurso de felicidade. A obra foi lançada no mesmo ano do Jubileu de Prata da cidade, momento em que os triunfos ufanistas daqueles que enriqueceram no período do Eldorado erigiam uma identidade heroica aos pioneiros do Norte do Paraná. Enquanto se comemorava a “chegada da civilização” ao interior do estado, a primeira obra de literatura escrita, publicada e ambientada em Londrina trouxe uma perspectiva diferente dessas figuras.

[...] Escândalos da Província é um romance satírico. No livro, a cidade de Pequena Londres é descrita como um território marcado pela corrupção, pelo enriquecimento ilícito ou imoral. A cidade representada por Maschio é habitada por sujeitos interesseiros, dispostos a qualquer expediente para ascender socialmente. Uma cidade, enfim, onde o único interesse comum a toda a população é o dinheiro. Como diz a certa altura um personagem do livro: “Noto que três coisas têm sido objeto do interesse deste povo: café, cretinice e dinheiro”. Em outro momento do romance, o narrador procura caracterizar Pequena Londres de forma lapidar: “a terra onde todos os corruptos estavam ricos”. Partindo desta interpretação sobre o ethos dos habitantes da cidade, Maschio passa a caracterizar os membros da elite pequena londrina, procurando mostrá-los como fundamentalmente mesquinhos, interessados apenas em levar vantagens financeiras de todas as formas. (MELHADO, 2014, p. 93)

Nesse sentido, a existência de dois grupos que se debruçam sobre a história da cidade também evidencia a diferença substancial entre ambos: os silêncios presentes em suas narrativas. Abordar detalhadamente os silêncios destas narrativas – como a questão do negro, dos indígenas, das mulheres, da presença de nordestinos no município, entre outros – ultrapassaria os limites desta dissertação, porém as produções historiográficas dos últimos anos do Museu Histórico de Londrina (MHL) em seus boletins (BOLETIM MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA, 2015a, 2015b, 2016a, 2016b;), o teatro da memória de Edson José Holtz Leme (2013), a questão do anti-herói de Felipe Melhado (2014) e a investigação da re(ocupação) do Norte do Paraná somada às entrevistas realizadas pelo MHL por Taiane Vanessa da Silva (2018) são algumas obras notáveis que buscam problematizar algumas

³ Felipe Melhado (2014) investiga a narrativa anti-heróica de Marinósio Filho em meio ao contexto do Eldorado e a sua biografia a fim de problematizar as polifonias, muitas vezes silenciadas, presentes na década de 1950 em Londrina.

memórias silenciadas ao longo destas narrativas.

2 | FERTILIDADE SILENCIADORA: A POBREZA ENTRE OS PÉS DE CAFÉ

Dentre os silêncios apontados, a pobreza em Londrina é um ponto de destaque, sendo o principal protagonista no segmento de atuação do grupo religioso das missionárias de Santo Antônio Maria Claret, ausente nos discursos da primeira categoria elencada por Adum (2013). Para Silva (2000, p. 260), a recolonização do território na década de 1920 e a construção da cidade a partir da década de 1930, trouxe riqueza para alguns e miséria para muitos. Já na década de 1950, a política desenvolvimentista foi diretamente proporcional ao crescimento da desigualdade social na cidade, em consonância com a história global, a conjuntura mundial pós-guerra, bipolaridade econômica, social e cultural elevaram os níveis de pobreza e desigualdade em meio ao empreendimento do desenvolvimento econômico (SILVA, 2000).

A fertilidade da terra propagandeada ao longo das décadas de 1930-1950 junto da cafeicultura trouxe riqueza para uma parcela da população, mas também proporcionou terreno fértil para o crescimento das camadas mais pobres da sociedade. Esta última, ausente nos álbuns comemorativos da cidade publicados pela Prefeitura de Londrina, nos discursos da CTNP e de certa forma, no imaginário social daqueles que haviam prosperado minimamente na “Terra da Promissão” (ADUM, 2013). No entanto, podemos perceber que a ideia de inexistência da pobreza na região é uma construção social em meio aos discursos circulantes do período. Para Barroso (1956), um cronista e autor de “O famoso Norte do Paraná: terra onde se anda sobre o dinheiro”, a pobreza não se tratava de uma questão social, mas sim da índole individual daqueles que chegavam na cidade.

[...] uma “profissão” quase desconhecida no Norte é a de “pedinte”. Ali esses falsos pobres passam mal, porque ninguém dá. “Vai trabalhar” é a resposta. Quanto aos verdadeiros pobres, não existem porque semelhante à saúva, eles não vingam... exceto alguns casos... (BARROSO, 1956, p. 12-13)

De forma irônica, o autor enquadra uma manifestação da pobreza como uma profissão, além disso afirma que não prosperava na cidade no período do Eldorado, pois esta era uma região que acolhia a todos aqueles que quisessem prosperar. Paralelamente, a exaltação da fertilidade da terra e da ausência da formiga saúva para o labor agrícola presentes, sobretudo nos discursos da CTNP, são reforçados no trecho acima. No entanto, há o reconhecimento de que, mesmo que a categorização de Barroso seja feita a partir de princípios morais, havia pobres na região, além da problemática de que, diferente do que era apontado nas propagandas, também existiam casos de saúvas em meio a terra onde se pisa em dinheiro. Nesse sentido, podemos notar que os discursos do período do Eldorado optavam por não selecionar as manifestações de pobreza como consequência do empreendimento, mas a utilizavam como ferramenta de propaganda ao negar sua

existência, ao passo que os “verdadeiros pobres” não existiam, a terra traria prosperidade para aqueles que quisessem trabalhar. A presença de grupos religiosos voltados a trabalhar com os mais necessitados é um contraponto ao discurso, evidencia algo que se quer omitir. Ao final, Barroso (1956) reconhece que existem alguns casos de exceção da manifestação das camadas mais pobres na cidade, porém não se aprofunda neste raciocínio, uma vez que a lógica anterior esteja em consonância com a narrativa predominante daquele período.

Vicente Barroso (1956) integra um grupo de cronistas do Eldorado que buscavam (re)produzir o ideal de pujança e vigor da cidade. Segundo esses autores, “[...] no norte do Paraná os homens não pediam, mandavam, pois estavam em terras de uma espantosa mobilidade social, em uma sociedade fortemente individualista, em que tudo, ou quase tudo, era feito por particulares” (ADUM, 2013, p. 7).

A tentativa de construir a ideia de uma cidade isenta de conflitos sociais se intensificou na década de 1950. Podemos apontar dois fatores importantes para tal movimento: 1) a cafeicultura enquanto o principal elemento enriquecedor de alguns grupos sociais que ascenderam economicamente desde a década anterior caracterizada pelo Eldorado; 2) e o cenário de preparo da produção de discursos e celebração do Jubileu de Prata da cidade em 1959 enquanto uma efeméride a ser comemorada num período de crescimento do município.

Além de “O famoso Norte do Paraná: terra onde se anda sobre o dinheiro” de Vicente Barroso (1956), outras obras produzidas por cronistas evidenciam, já pelo seu título, as intenções e o discurso a ser empreendido no corpo do texto. Dentre essas, Adum (2013) destaca “A mais notável obra de colonização que o Brasil já viu”, de Benedito Barbosa (1953), e o “Dois repórteres no Paraná”, de Rubem Braga e Arnaldo Horta (2001) como produções que corroboram para o ideário vivenciado na década de 1950 e também no processo de construção das representações hegemônicas de um território ímpar pela sua beleza natural, da riqueza gerada pela terra vermelha, da exaltação dos pioneiros como heróis que, a partir de seu brio e trabalho, possibilitaram a vivência numa “terra prometida” para aquela geração.

Ainda que essa narrativa hegemônica tenha sido problematizada em pesquisas de historiadores nas décadas de 1980 e 1990, em 1998 o jornalista Widson Schwartz (1998) publicou uma matéria no Jornal de Londrina em alusão à obra de Barroso da década de 1950. Intitulada como “O céu e o inferno no fantástico Norte”, apresentou a imagem a seguir extraída da obra de Barroso (1956) no topo da página da seção Cidades:

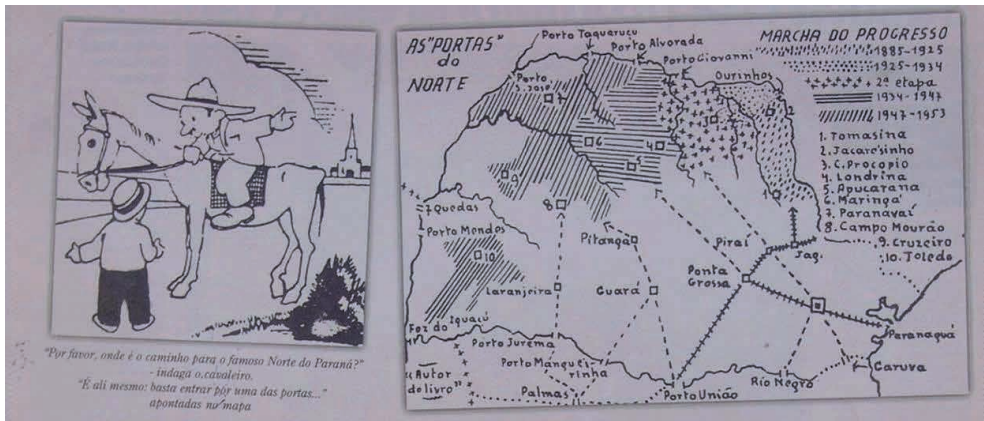


Figura 01. O céu e o inferno no fantástico Norte. Jornal de Londrina, 20 de março de 1998.

Do lado esquerdo há um diálogo entre dois indivíduos, um montado no cavalo e outro pedindo informações sobre o caminho para se chegar em Londrina: “– Por favor, onde é o caminho para o famoso Norte do Paraná? – indaga o cavaleiro. – É ali mesmo: basta entrar por uma das portas... apontadas no mapa” (SCHWARTZ, 1998, p. 8A). Ao fundo dos dois indivíduos existe uma edificação semelhante a uma igreja, o que sugere a atuação da instituição para o tipo ideal de imigrante/migrante cristão que chegava às terras do norte paranaense. Ao lado direito está o mapa do Paraná com alguns pontos específicos para se adentrar no norte do estado, cidades enumeradas ordinariamente, sendo Tomasina, Jacarezinho, Cornélio Procópio, Londrina, Apucarana, Maringá, Paranaíba, Campo Mourão, Cruzeiro e Toledo os municípios denominados como as “portas” do norte. É importante observar que acima da lista de cidades enumeradas há uma outra legenda com diversas hachuras que demarcam o momento em que a ocupação do norte paranaense se encontrava numa escala de “marcha do progresso” datada de 1885 a 1953. Londrina, por sua vez, segundo a legenda se encontrava na mesma faixa da marcha entre 1934-1947 junto de Apucarana e Maringá.

Nesse sentido, observamos que o discurso empreendido na década de 1950 ainda ecoava no imaginário social do final da década de 1990 pelo Jornal de Londrina, um dos principais jornais da cidade, e (re)produzia os mesmos ideais de quase cinco décadas anteriores. Contudo, ao longo da matéria, Schwartz constrói o seu texto sobre citações do próprio Barroso e, novamente, a temática da pobreza ou daqueles que não enriqueceram em meio a fertilidade possibilitada na região, se faz presente timidamente, como podemos observar a seguir:

[...] Escreveu que “semelhante movimento demográfico em nossa pátria nunca se deu [antes] e talvez nunca mais se dará”, logo teorias, sistemas ou tabelas com o propósito de traduzir a realidade sócio- econômica do Norte esbarravam em “mil e uma dificuldades” desconhecidas em outras regiões. “Só mesmo quem vive lá é que poderá ter alguma vaga idéia do que seja esta

Nova Babilônia”.

Era um guia para os que ainda pensavam em entrar na região com um alerta: “Aqueles que triunfam em toda a linha neste Norte, o colocam acima de todos os céus. Os que, pelo contrário, nele fracassaram, colocam-no abaixo dos infernos...” Para o céu ou para o inferno, o livro aponta todas as “portas” da região, por rodovia, ferrovia, passagens em balsas e avião.

Aconselha o viajante a carregar três vezes mais dinheiro e roupas do que em idas a outras regiões. “Porque no Norte a vida é caríssima... e cheia de imprevistos”. O dinheiro deveria ser substituído por cheques visados, por causa dos “batedores de carteira” nos trens.

(...) “É a terra onde, em verdade, se pisa sobre o dinheiro. É um presente do céu às pessoas de boa vontade e uma chama do inferno para aqueles que só visam a exploração indébita” [...] (SCHWARTZ, 1998, p. 8A)

Diversos povos e culturas que viviam nesta região davam a conotação de uma Nova Babilônia à cidade – símbolo de fertilidade, situada entre rios, características de uma potência, tal como na Mesopotâmia – que, por sua vez, apresentava particularidades em relação à dificuldade de estabelecer uma leitura sistêmica da realidade social de Londrina devido à sua heterogeneidade cultural. Numa perspectiva fantasiosa, a matéria publicada corrobora com a noção de que a pobreza, associada a um nível mais baixo que o inferno, é atribuída àqueles que, por sua culpa – ou até mesmo pelos seus próprios pecados para dar sentido à narrativa – não obtiveram a prosperidade propagada na cidade desde sua reocupação. Nota-se que há um elemento de dominação simbólica (BOURDIEU, 2000) no discurso empreendido por Barroso (1956) e Schwartz (1998), muito semelhante ao disseminado ao longo das décadas de 1930, 1940 e 1950, a riqueza atrelada aos indivíduos de “boa vontade” enquanto a pobreza se correlaciona aos que buscam explorar indevidamente aqueles que enriqueceram, sendo essa a motivação para a abertura das portas e caminhos para o inferno numa terra considerada paralelamente como Prometida.

Ainda que num caráter quase que de maldição, há o reconhecimento da existência da pobreza e de mazelas sociais em Londrina por parte deste grupo emergente e de notoriedade, não apenas pela quantidade de produções e evidência social, mas sobretudo pela consonância do discurso empregado pela CTNP no processo de (re)ocupação. Considerada a existência da heterogeneidade cultural na formação da cidade, como os próprios representantes do primeiro grupo elencado por Adum (2013), o discurso memorialístico empregado possui caráter homogêneo na história da cidade. Seriam os batedores de carteiras dos trens, os ladrões, mendigos e prostitutas os exploradores amaldiçoados daqueles que enriqueceram neste território e responsáveis por ofuscar a aura deste território? Bastaria a boa vontade para enriquecer no norte do Paraná? As respostas para essas problemáticas se entrelaçam com a construção da memória social na cidade. Sem necessariamente serem esquecidas, as memórias dessas personalidades foram silenciadas (POLLAK, 1989) neste período a fim de legitimar a representação intencionada nos anos antecedentes a comemoração do Jubileu de Prata.

A pobreza enquanto um problema social recorrente no Eldorado também pode ser notada a partir de sua ausência nos documentos oficiais da região. A transformação da paisagem natural para a urbana, representada pela derrubada da densa floresta como símbolo do progresso a partir de sua domesticação pelo pioneiro, tem-se a impressão de sua inexistência pelas fotografias, panfletos, propagandas da CTNP desde a década de 1930. Uma das justificativas para a não aparição de infortúnios no projeto (re)colonizador é a própria legitimação do poder político da Companhia naquele período, em que a pobreza, as populações indígenas, as condições de vida dos sertanejos e demais grupos marginalizados poderiam ser obstáculos no discurso intencionado. É difícil afirmar que a CTNP tinha como finalidade erigir uma memória social na década de 1930, no entanto, com a decadência da empresa na década de 1940, os seus esforços publicitários foram ressignificados posteriormente a fim de construir uma memória homogênea destacando o pioneirismo e a riqueza da terra enquanto elementos identitários da cidade, como vimos nos discursos anteriores.

Ao analisar as representações da natureza pelas fotografias produzidas pelas lentes de José Juliani entre a fundação da cidade em 1934 e a decadência da CTNP em 1944, Richard Gonçalves André aponta que “[...] tal memorialismo foi cuidadosamente construído em Londrina” (ANDRÉ, 2014, p. 73). Inicialmente as fotografias produzidas neste período tinham como objetivo veicular imagens que demonstrassem a dominação humana sobre a mata e a fertilidade da terra para atrair a venda de terras, bem como a vinda de outros grupos para a região.

As fotografias de Juliani, representando a vitória do progresso sobre o mundo natural, foram utilizadas como discurso imagético que compõe a narrativa oficial produzida a princípio, pela Companhia de Terras Norte do Paraná e, posteriormente reconstruída por outros grupos sociais, como os cafeicultores. Para aqueles que viveram à sombra desse progresso, ficou reservado o silêncio que não deveria macular o brilhantismo da civilização londrinense (ANDRÉ, 2014, p. 74)

Assim como na tomada fotográfica que necessita do jogo de luzes para a captura da imagem principal, a construção da memória social de Londrina privilegiou o foco em determinados personagens no primeiro plano dessas imagens enquanto os marginalizados ficaram nas sombras, onde o(s) silêncio(s) está(ão) presente(s) com maior intensidade. Nesse sentido, as mazelas sociais ora não se mostravam às claras, ora eram representadas por discursos questionadores da moralidade e índole desses grupos marginalizados.

No que tange à produção de fotografias, deve-se considerar que por trás de toda lente existe um fotógrafo inserido num contexto cultural, político e socioeconômico ao qual sua visão e apropriação do mundo não são inocentes no ato fotográfico (DUBOIS, 1993; KOSSOY, 2014). Para Sontag (2004), há uma relação de poder entre o fotógrafo e o que virá a ser fotografado. Nesse sentido, as imagens produzidas e veiculadas pela CTNP estão carregadas de sentidos inerentes aos objetivos do projeto (re)colonizador. De forma

a cruzar fontes históricas para investigar a questão da pobreza a partir de sua ausência, analisaremos o trabalho de dois fotógrafos contemporâneos um ao outro que, além de terem suas histórias pessoais interseccionadas pelas lentes, operaram ao mesmo tempo estéticas, intenções e contextos ambientados em diferentes cenários de produção. São eles, José Juliani e Haruo Ohara. O objetivo deste cruzamento consiste em identificar dois tipos de representações do mesmo período que, assim como nas produções apresentadas pelos cronistas na década de 1950, as apropriações feitas pela tomada fotográfica também privilegiavam o discurso dominante do período em detrimento às vozes que pairavam nas sombras dessas imagens e não participavam da construção memorialística da cidade. Para André (2005, p. 89), esses fotógrafos apropriaram-se de visões de uma natureza abundante com interpretações distintas, possivelmente pela diferença dos condicionamentos socioeconômicos, políticos e culturais que exerciam influências sobre suas produções.

O primeiro, descendente de italianos, chegou em Londrina em 1933 para trabalhar como fotógrafo contratado da CTNP e registrou durante uma década o processo de reocupação do norte do Paraná. Suas fotografias enquanto funcionário da Companhia apresentam uma imagem positiva do empreendimento, da vitória do homem sobre a natureza, com imagens posadas que transmitem ao espectador a noção de grandeza e fertilidade da terra além de refletir os objetivos do projeto (re)colonizador de promover o progresso e desenvolvimento econômico para o Norte do Paraná. Enquanto fotógrafo de rua, suas lentes registraram uma série de retratos de transeuntes, indivíduos comuns e famílias que o procuravam nas ruas do centro da cidade ou em seu estúdio (UNIVERSIDADE; MUSEU, 2011). No entanto, apesar da temática da pobreza estar vinculada aos indivíduos comuns, nos ocuparemos em analisar sua produção enquanto funcionário da CTNP para problematizar o discurso presente em suas imagens a fim de perceber a ausência de qualquer condição de subdesenvolvimento. Observa-se na figura 02 três planos que compõem a fotografia.



Figura 02. Cultivo de aveia. Década de 1940. Autor: José Juliani. Acervo Museu Histórico de Londrina

No primeiro, a plantação de aveia identificada por uma placa com a inscrição “AVEIA” em torno da área cultivada. A existência da placa já apresenta uma das intenções da imagem, o espectador que porventura não seja um trabalhador rural ou não tenha conhecimento visual sobre aquele tipo de plantio consegue reconhecer o tipo de cultura empregado no registro, pois o fotógrafo se preocupou em indicar a espécie vegetal cultivada para qualquer espectador alfabetizado. As ruas em que se encontram o plantio formam linhas diagonais que conduzem o olhar do observador do primeiro para o segundo plano, da natureza dominada para os indivíduos que posam para a foto até a natureza selvagem. No segundo plano estão sete indivíduos divididos horizontalmente entre os espaçamentos da lavoura sendo o quarto, da esquerda para a direita, o único a ocupar duas ruas entre as plantações, apoderando-se de um espaço simbólico acima da cultura de aveia como se demonstrasse a sua superioridade e domínio da natureza. Por fim, no último plano encontra-se a natureza em sua grandeza e ainda sem a dominação daquele grupo, prestes a ser explorada pela clareira já aberta para o cultivo de aveia como vimos no primeiro plano. Há que se destacar a pose triunfal da imagem representando o controle do homem, a chegada da “civilização” naquele espaço considerado bruto e selvagem até então.

Além disso, parece haver uma diferença entre a vestimenta dos indivíduos, os que mais posam para a foto não aparentam estar com roupas de contato direto à

terra, esteticamente estão mais alinhados em suas vestes. Enquanto isso, os demais trabalhadores não aparentam ter o mesmo poder que os demais pelas roupas, bem como suas poses são mais tímidas para o registro fotográfico.

Como apontado, existem diferenças substanciais na produção de Juliani no seu período de funcionário da CTNP e como fotógrafo de retratos familiares. Observa-se que o discurso de Barroso (1956) está alinhado à estética da figura 02 na década anterior na medida em que a terra com o cultivo de aveia e a mata a ser derrubada no terceiro plano a possibilidade de riqueza e poder financeiro. Fazendo uma alusão ao subtítulo de seu livro, a construção da trama fotográfica somada a altivez dos homens que posam para o registro, simboliza, tal como ele denominou a região, um território onde se pisa em dinheiro. Mesmo após a perda de monopólio da CTNP em 1944 (ARIAS NETO, 2008), Barroso se apropria e reproduz ideais muito semelhantes ao propagandeado pela empresa ao longo das décadas de 1930 e 1940 ao exaltar a figura desbravadora daqueles que enxergaram a riqueza destas terras e se dispuseram a domar a natureza para promover o desenvolvimento na região norte do Paraná.

Nesse sentido, pode-se perceber que ao longo do tempo não somente as fotografias de José Juliani, mas os discursos inerentes às suas produções foram ressignificadas na construção da memória e história da cidade. Kossoy (2007) aponta que existem dois tempos da fotografia, o tempo da criação, quando a fotografia está inserida no contexto de sua produção e o tempo da representação que, por sua vez (re)apresenta as imagens e a perpetua sua memória na longa duração. Inicialmente as fotografias foram produzidas como propaganda para veicular a transformação de paisagem, de uma densa floresta que escondia a terra fértil para o projeto da malha urbana empreendida pela CTNP. Num segundo momento, nas vésperas do Jubileu de Prata de Londrina e sem a presença da companhia (re)colonizadora, as imagens passaram a ser utilizadas como um testemunho da história da cidade, tal como é perceptível nas narrativas memorialísticas da década de 1950. Diante da prosperidade possibilitada pela fertilidade da terra veiculada como propaganda desde a década de 1930, não há espaço para a pobreza neste território ou então quando ela se manifesta não está associada aos contextos políticos e/ou econômicos da região, mas sim a uma questão individual, de sujeitos mal intencionados neste espaço.

Para Arruda (2013), as fotografias de José Juliani se transformaram em semióforos, ou seja, artefatos repletos de significados e representações (POMIAN, 1984), na ocasião da comemoração do vigésimo quinto aniversário da cidade na construção de um mural de azulejos com suas imagens⁴. As fotografias foram ressignificadas de modo a dar sentido ao processo de recolonização sendo essas as evidências das transformações ao longo desse período, estabelecendo uma relação de passado (1934) e presente (1959) a partir da reprodução fotográfica. O mural é composto de uma série de sobreposições das produções panorâmicas de José Juliani e, em linhas gerais, ratifica a narrativa civilizatória

⁴ Atualmente o mural está localizado em frente à Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

e de dominação da natureza ao longo dos 25 anos da fundação da cidade ao estabelecer a lógica de passado e presente ao olhar de seus expectadores. A análise de Arruda (2013) acerca das ressignificações das capturas de Juliani auxilia a compreender parte do processo de construção de uma memória local no pós-Eldorado a qual buscou se apropriar das narrativas antecessoras na construção do monumento no aniversário da cidade. Nessa perspectiva, pode-se considerar que a década de 1950 foi marcada por movimentos que buscaram monumentalizar os ideais fundadores da cidade, pautados sobretudo na promoção da civilização e da chegada do progresso na região. A finalidade publicitária das imagens de Juliani enquanto contratado da CTNP, por exemplo, se tornou base para construir um sentido do projeto de transformação do sertão em cidades na década de 1950.

Com um outro olhar sobre a natureza e contemporâneo de José Juliani, as fotografias de Haruo Ohara exibem representações díspares sobre a mesma região. A abundância natural e as problemáticas no entorno da lavoura estão paralelamente presentes em suas capturas. Para André (2005) os elementos políticos, culturais e as condições socioeconômicas são os principais fatores dessas diferenças. Juliani possuía o vínculo empregatício com a CTNP e suas imagens representavam os ideais dela, diferente de Ohara que, sem vinculação institucional e com maior liberdade nas intenções de captura de suas lentes, apresenta elementos experimentais e artísticos em suas composições.

O fotógrafo nascido em Kochi, Japão, chegou ao norte do Paraná em 1933 por intermédio de Hikoma Udihara⁵ – um agente exclusivo da CTNP voltado para negociar a vinda de japoneses para o norte do estado –, após a experiência frustrada de sua família com a cultura de batatas em Cotia, estado de São Paulo. Além do trabalho no campo, Ohara se interessou pela fotografia por influência de José Juliani que lhe vendeu uma máquina que iniciou suas experiências na produção de imagens (LOSNAK; IVANO, 2003). Ao longo de sua vida Haruo Ohara trabalhou no campo e, paralelamente registrou as transformações promovidas pelo cultivo agrícola de Londrina e região através de suas câmeras. Diferente dos objetivos propagandistas das imagens de Juliani, suas fotografias apresentam um olhar sensível e poético sobre o labor agrícola. Com a hipótese de que as fotos de Ohara se aproximam da forma poética do haikai, Rodrigo Fontanari aponta que “[...] diferentemente de outros fotógrafos, suas imagens não são apenas simples registros que documentam uma fração de tempo, elas são em si mesmo a experiência do tempo, no seu aqui e agora” (FONTANARI, 2017, p. 269). Nesse sentido, observa-se na figura 03 o registro de um homem abanando o café na década de 1940 em Londrina.

5 Além de agente da CTNP, Udihara produziu fotografias e pouco mais de 10 horas de filmes que fazem parte dos primeiros registros documentais da cidade. Ver Caio Cesaro (2001).



Figura 03. Hideomi abanando café durante a colheita, Fotografia de Haruo Ohara. Londrina, Paraná, 1946. Acervo Instituto Moreira Salles.

No primeiro plano, Ohara captura um instante do cotidiano da cultura cafeeira, da experiência manual do primeiro processo de higienização do café, ao lançar os grãos contra o vento, as folhas, gravetos e pequenas impurezas são separadas naturalmente do restante da colheita. Ao lado de Hideomi, o indivíduo identificado na imagem, encontra-se uma escada construída manualmente para alcançar os frutos mais altos do cafeeiro. No chão uma lona estendida faz com que aquilo que foi colhido não seja perdido na terra vermelha. O agricultor, o cafeeiro e as ferramentas de trabalho (lona, escada e peneira) são os elementos centrais da fotografia que se apresentam em uma triangulação e sugere que essa tríade reflete a rotina do campo. A experiência do tempo da colheita, do cuidado e da morosidade de abanar cada pé de café se distingue da velocidade do desenvolvimento e progresso presentes nas imagens de Juliani.

Para Losnak e Ivano (2003, p. 120) Ohara “[...] jamais foi ou deu a entender que fosse um roceiro com mágico dom da fotografia. Ao contrário, foi um conhecedor profundo de sua arte [...]”. Pode-se perceber tal conhecimento técnico na figura 03 quando o clique da máquina é realizado com os grãos no ar no processo de abano, o que comunica a sensação de movimento ao espectador imerso aos aspectos de lentidão do restante da composição fotográfica. No que se refere às representações artísticas, Ohara não representa a noção de dominação homem sobre a natureza como nas imagens de Juliani produzidas na mesma década, mas o inverso. Há uma interação entre o homem e a natureza nos elementos presentes no primeiro plano sem que o homem apresente superioridade em relação ao

outro. Às vezes, ocorre mesmo o contrário, o homem sendo dominado pela natureza, como apresentado na figura 04 posteriormente. Em oposição à tipologia dos registros de Juliani para a CTNP, ainda que Hideomi demonstre dominar a técnica de colheita do café, a natureza não perde sua soberania frente a ação humana.

A figura 04 acentua a interação entre os elementos da natureza e o homem em uma lógica diferente da propagandista/comercial. A imagem apresenta no primeiro plano alguns pés de café secos, sem folhas e sem frutos, que sofreram os efeitos da geada. Entre o cafezal está o próprio Ohara sentado em um tronco serrado de uma árvore numa posição reflexiva, prostrado com uma das mãos em seu chapéu que cobre seu rosto, cabeça baixa em meio ao cenário hostil proporcionado pelas forças da natureza.



Figura 04: Autorretrato. Fotografia de Haruo Ohara. Londrina, Paraná, na década de 1940. Acervo Instituto Moreira Salles.

Mesmo com a imagem em preto e branco nota-se o céu nublado, o que, somado a perspectiva de profundidade da tomada fotográfica, evidencia a extensão da destruição e contribui para o aspecto taciturno da plantação após a geada. Nesse sentido, as fotografias de Ohara representam relações ambíguas da natureza, do poder da fertilidade à destruição. Nas duas figuras selecionadas a interação do homem se apresenta como secundária frente à pujança cafeeira e a devastação da geada. Diferente das intenções de Juliani, Ohara apresenta uma perspectiva oposta sobre o mesmo território. Ambos buscam valorizar a natureza do norte do Paraná, porém suas representações imagéticas são opostas.

Ainda que não esteja diretamente relacionada com a temática da pobreza, como é um dos objetivos deste primeiro capítulo, com a análise destas fotografias é possível observar a ambiguidade das representações da natureza em Londrina na década de 1940, mas além disso, perceber a ausência das dificuldades desta relação no discurso oficial, sobretudo pelas imagens de Juliani. Num primeiro momento as fotografias foram utilizadas para divulgar a terra enquanto uma mercadoria a ser vendida pela CTNP nas décadas de 1930 e 1940. A fertilidade da terra, o tamanho dos vegetais cultivados, a vitória humana sobre a força da natureza para efetivar a malha urbana empreendida, são elementos presentes nestes registros e amplamente utilizados no processo de (re)colonização da cidade. No segundo momento, após a saída administrativa da empresa, as fotografias de Juliani foram ressignificadas, deixaram de fazer parte dos anúncios e propagandas de uma cidade em construção e passaram a ser tratadas como o registro oficial da história do processo de desenvolvimento da cidade.

Gilmar Arruda afirma que as fotografias, em especial os de Juliani, “[...] transformaram-se em depositárias da verdade dos fatos acontecidos (ARRUDA, 2013, p. 3) e possibilitaram a criação de objetos semióforos em Londrina, como é o caso da reprodução ampliada de fotografias no mural de azulejos construído na ocasião do aniversário de 25 anos da cidade⁶. Ou seja, foram atribuídos outros sentidos aos registros de Juliani para além do seu período de produção, criando outras possibilidades no campo das representações.

Nesse sentido, ao longo do tempo a ampla reprodução das imagens de Juliani no mural do jubileu de prata e de ouro, em painéis memorialísticos em diversos pontos da cidade, cartões postais e até mesmo *mouse pads* evidenciam a ressignificação dessas imagens transformadas em artefatos culturais neste processo. Não mais alocadas em seu tempo histórico de produção como propaganda ou divulgação das terras da década de 1930 e 1940, mas dotadas de certa monumentalidade (LE GOFF, 1984), representando o invisível para a história e memória de Londrina. Neste caso, o invisível é o desenvolvimento da cidade sem grandes obstáculos na esfera econômica, sociopolítica, abundante na fertilidade, tendo o progresso como uma consequência do empreendimento daqueles

6 Gilmar Arruda (2013) analisa o mural de azulejos, atualmente localizado no campus da Universidade Estadual de Londrina (UEL), de modo a problematizar suas características monumentais e as representações da cidade no aniversário de 25 e 50 anos (1959-1984).

que viram uma oportunidade no território no final da década de 1920. Em contrapartida, as representações da natureza e das transformações do mesmo período capturadas pelas lentes de Ohara não tiveram a mesma notoriedade política e não participam desta narrativa. Mesmo que as composições retratem aspectos semelhantes no que se refere a fertilidade da terra, Ohara também apresenta uma relação menos vitoriosa do homem sobre a natureza. Nessa perspectiva, não caberiam essas ambiguidades na representação do Eldorado.

Como vimos, existem contradições nas representações da cidade nas décadas de 1940 e 1950. De um lado, a ideia de que Londrina é uma terra de oportunidades, símbolo do progresso, da riqueza na agricultura e isenta de problemas sociais. Do outro, uma narrativa silenciada demonstra a presença de mazelas sociais, da existência da pobreza, dos batedores de carteira dos trens, da prostituição e que sofre com as intempéries em seu território. No primeiro caso, a ausência de disputas e conflitos se configura como um alicerce narrativo para garantir um discurso hegemônico. Já no segundo, as controvérsias aparecem de um modo complexo, imbricadas no desenvolvimento da cidade. É neste ponto que se insere o grupo religioso analisado neste trabalho. Ressalta-se também que a questão dos objetos semióforos também será problematizada no terceiro capítulo no contexto da religiosidade presente na construção da memória de madre Leônia Milito, personagem participante deste processo de transformação do município como discutido.

A congregação das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret surgiu em Londrina em meio a este cenário, uma cidade em constante desenvolvimento, marcada por uma ocupação cada vez mais intensa, novas construções, imigrantes, exaltação da modernidade, a Terra Prometida devido à cultura do café. Ao lado dos edifícios modernistas, cresceram os bairros periféricos e espaços com pouca ou até mesmo nenhuma infraestrutura. Para Adum (1991), as décadas de 1940 e 1950 foram um misto de manifestações de uma civilização e barbárie na mesma cidade.

O discurso que acompanhava este processo estava carregado da dicotomia. Por um lado, o "discurso da felicidade" que apontava e exaltava o "progresso", "foros de civilização" e o "espírito pacífico e ordeiro de seus cidadãos". Por outro, o da "barbárie", que chamava a atenção para a "pobreza", "podridão", "vício" e "invasão de estrangeiros" (ADUM, 1991, p. 162)

De um lado, os discursos relacionados ao progresso, a fertilidade da terra, ao Eldorado, a possibilidade de prosperidade para quem chegasse e quisesse trabalhar. Do outro, a pobreza e miséria cresciam de forma diretamente proporcional ao crescimento acelerado do município, eram colocadas à margem social e geograficamente do quadrante da planta da cidade. O contexto de êxodo rural, somado ao aumento exponencial da população ao longo das duas décadas trouxe uma série de questões problemáticas na área urbana. Este segundo espectro, a pobreza negligenciada pelo poder público neste primeiro momento, cresceu ao longo da década de 1940 e suas manifestações se intensificaram

nos anos seguintes com a geada de 1955 acometendo o norte do Paraná e parte do estado de São Paulo (CORREIO DA MANHÃ, 1955); com os problemas relacionados à erosão do solo⁷ em decorrência da variedade do plantio no período do Eldorado; e com a decadência da cultura do café como uma somatória das consequências das práticas de agricultura erosivas junto das constantes geadas de 1955 a 1975, ou seja, a combinação de ações humanas e naturais. Na medida em que a ideia do “ouro verde” era propagada e Londrina se tornava a capital mundial do café, uma outra faceta, repleta de mazelas sociais também crescia, os mendigos, desabrigados, crianças e idosos abandonados se faziam presentes na Nova Canaã. Para Andrean (2019, p. 10), “[...] Londrina tinha os seus guetos, espaços limite nos quais a população em vulnerabilidade estava confinada. Nesse sentido, ainda que marcassem presença, o projeto e ideal de cidade não evidenciava tal parcela social.

Uma vez que tais grupos vulneráveis não faziam parte dos interesses da gestão do poder público, outros grupos da sociedade tiveram o apoio político para se encarregarem desta parcela. Apesar da pobreza e miséria terem sido silenciadas no discurso da felicidade, elas serão as principais vozes para o surgimento e crescimento de grupos religiosos dedicados a trabalhar com as populações vulneráveis. No próximo capítulo veremos a maneira pela qual grupos religiosos, sobretudo católicos e protestantes, inclinaram suas diretrizes para os grupos necessitados de algum tipo de assistência social no norte do Paraná.

7 A coleção Armínio Kaiser no setor de Imagem de Som do Museu Histórico de Londrina (MHL) possui um grande número de registros fotográficos dos problemas relacionados à erosão do solo no Norte do Paraná. Kaiser, além de fotógrafo, foi engenheiro agrônomo e atuou no Instituto Brasileiro do Café (IBC) e, ao aliar as duas profissões, apontava que a erosão foi um fator fundamental para a decadência da cafeicultura no norte do estado e não somente as geadas das décadas de 1960 e 1970. Nas fotografias, Kaiser evidencia o impacto da erosão nas plantações, bem como aponta alguns problemas sociais como consequência deste processo, como é caso do inchaço populacional, êxodo rural, os boias-frias, entre outros registrados em seu acervo.

MISSIONÁRIAS DE SANTO ANTÔNIO MARIA CLARET: ENTRE HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E DISPUTAS

O presente capítulo tem como objetivo analisar a movimentação das congregações religiosas ao longo do século XX a fim de compreender a maneira pela qual as missionárias de Santo Antônio Maria Claret estão situadas historicamente. Ao final, será abordado um recorte histórico referente a separação da antiga congregação religiosa a que madre Leônia Milito pertencia e a fundação do grupo religioso em questão. Além disso, será iniciada a problematização da maneira pela qual foi construída a narrativa do mesmo na cidade de Londrina junto de outra personalidade de destaque, o bispo Geraldo Fernandes. Para tal análise, foram selecionadas algumas cartas trocadas na década de 1950 entre as autoridades religiosas do período como fontes históricas. Tais documentos também foram analisados por Gonzales Neto (1992) na produção do livro da história das missionárias.

De antemão, é elementar ressaltar que, em “História da Congregação das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret”, Gonzales Neto, historiador, foi convidado pelo grupo religioso para redigir um livro sobre sua história no início da organização do processo de canonização de madre Leônia Milito. Ou seja, sua produção está diretamente atrelada à saída da vida comum para a elevação de uma personalidade em destaque a condição de santa diante da Igreja Católica. Utilizou uma numerosa quantidade de cartas como fontes históricas – algumas delas serão analisadas neste trabalho – e construiu uma narrativa junto de suas memórias individuais e das demais membros grupo. Portanto, ao longo da análise das próximas páginas, pode-se caracterizar tal obra como uma representante da unificação de discursos e memórias a fim de, intencionalmente, colocar a figura de madre Leônia Milito numa posição de destaque. Gonzales Neto, por sua vez, também pode ser considerado como um memorialista que se dedicou a escrever sobre a história da congregação, ao passo que utilizou suas próprias crenças e memórias pessoais somadas às das irmãs – que se complementam e estruturam a narrativa em diversos momentos da obra – sem o distanciamento metodológico necessário para seu ofício de historiador.

1 | O CATOLICISMO EM MOVIMENTO NO SÉCULO XX: PANORAMA MACRO E MICRO

Durante a década de 1950 a Igreja Católica também passou por uma série de mudanças e transformações nas suas concepções e práticas. O saldo da Segunda Guerra, o genocídio dos judeus, os campos de concentração na Alemanha e na Rússia, os mortos em campos de batalha, o uso de armamento nuclear, dentre diversas outras heranças deixadas pelo conflito trouxeram novos problemas para a sociedade. É durante este cenário de novos ventos na década de 1950, tendo Pio XII como principal líder, que a instituição

passou a reavaliar e reorganizar suas práticas e promoveu no início da década de 1960, de forma inesperada, sob o pontificado de João XVIII, o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) tendo o objetivo de repensar as ações da Igreja e delinear novas diretrizes sobre a fé, costumes, doutrina e disciplina eclesiástica (COSTA, 2013).

O concílio antecessor a este, o Vaticano I, ocorreu na segunda metade do século XIX (1869-1870), também em meio a mudanças significativas nas relações humanas no que se refere ao processo de industrialização alavancado pelas principais economias mundiais daquele momento. Nesse sentido, o Vaticano II foi um marco na história do catolicismo no século XX ao qual se pode ter uma dupla leitura inicialmente: a primeira como uma continuidade dos concílios anteriores, Trento (1545-1563) e Vaticano I (1869-1870), reforçando a lógica de valorização da tradição eclesiástica dos séculos anteriores; e a segunda leitura se destaca para a novidade inaugurada pela reunião ecumênica da década de 1960 (LIBANIO, 2005). Para o autor, ambas as leituras são subjetivas, no entanto, optar pela primeira evidencia o limite do poder institucional eclesiástico e uma certa resistência às mudanças no âmbito religioso e social.

A leitura oposta escolhe o eixo da ruptura. Também não é inocente. Acentua a novidade, as modificações, os cortes culturais da história e suas condições sociais. Volta o olhar para o que está surgindo de original, de diferente, que se distancia do comumente aceito até então. Como principal vantagem, provoca a dimensão criativa do ser humano. Corresponde à virada antropocêntrica da modernidade, que atribui importância à autoconsciência, à subjetividade, à liberdade. Com genial intuição, Hannah Arendt escreve: “liberdade é começo”. Começo é ruptura. Responde ao pluralismo cultural que se seguiu à virada hermenêutica. Sobre uma base objetiva, sobre um dado recebido, sobre uma tradição acolhida, a interpretação introduz o elemento da subjetividade, da criatividade, da novidade (LIBANIO, 2005, p. 10)

O clima de incertezas ao longo da guerra e os resultados que ela deixou, trouxeram à tona os impactos de conflitos políticos numa escala mundial. Nesse sentido, a análise voltada para a ideia de que o Vaticano II trouxe mudanças para as ações da Igreja se relaciona com o fato de que até então a questão social representada pela vida humana não era uma preocupação direta da prática religiosa católica. Por exemplo, um dos anseios dos bispos da América Latina ao longo das mudanças na Cúria Romana da década de 1960 era o uso da língua vernácula na liturgia que até então se restringia ao latim, o que inviabilizava a compreensão da maior parte da população. Ainda no século XXI, existem discussões sobre a necessidade de se colocar em prática no catolicismo os direcionamentos da década de 1960, como a questão dos direitos e necessidades das nações mais pobres, o respeito às características de cada povo e o auxílio em diversos aspectos dos países desenvolvidos sem a pretensão de dominação político-econômica (LENZ, 2012; COSTA, 2013;).

Em linhas gerais, o Vaticano II deliberou que a Igreja Católica estivesse mais próxima dos fiéis e passasse a se ocupar com as questões sociais, ou seja, a ação pastoral da instituição deveria estar voltada na opção pelos pobres. Contudo, o período

de preparação do concílio não se ocupou estritamente em debater sobre a questão da pobreza ou de uma “Igreja dos pobres”, afinal a própria reunião ocorreu inesperadamente para os líderes católicos (KLOPPENBURG, 1962). No entanto, a documentação produzida durante o concílio é que destacou a temática da pobreza enquanto uma diretriz institucional no ocidente, sobretudo pelos documentos *Lumen Gentium*, *Ad Gentes* e *Gaudium et Spes* (CONCÍLIO VATICANO II). O primeiro enfatiza a importância da pobreza para reconhecer a figura de Cristo e de se inspirar na peregrinação junto dos mais pobres, além de delinear as questões hierárquicas e administrativas do funcionamento do corpo eclesástico; o segundo se volta para o caráter missionário e as atividades a serem desempenhadas a partir da ideia da atuação religiosa para além dos espaços consagrados; e o terceiro aponta os desafios do mundo contemporâneo no âmbito social, econômico e religioso na medida em que propõe um compromisso em servir os pobres e de superar a pobreza por meio da atuação entre as esferas da economia, política, trabalho e religião.

É importante observar em que ótica o Concílio examina a questão da pobreza no mundo. *Gaudium et Spes* trata da questão já na primeira parte, no n.8, no contexto dos desequilíbrios modernos: o desequilíbrio entre saber prático e o pensamento teórico (falta de sínteses satisfatórias), entre eficiência prática e exigências da consciência moral; desequilíbrio no interior da família (em virtude da pressão das condições demográficas, econômicas e sociais), desequilíbrio entre raças, grupos sociais e nações. O desequilíbrio entre nações ricas e pobres é percebido, em seu limite, como assimetria de poder, da ambição de propagar a própria ideologia ou fruto de egoísmos coletivos (LENZ, 2012, p. 427)

Enquanto o cenário global se voltava para o exame da pobreza no mundo em meio ao início da Guerra Fria, o Brasil também vivenciava seus desequilíbrios modernos, influenciado pela movimentação dos povos no pós-guerra e na expansão de territórios e cidades, como é o caso do norte do Paraná enquanto consequência do empreendimento da CTNP entre 1925 e 1944¹. Não podemos esquecer que, nos meandros dessa nova dinâmica populacional também estão presentes as manifestações religiosas dos mais diversos segmentos.

Em 1952 é criada a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em um contexto de concorrência religiosa nas margens das cidades que crescem na mesma dinâmica da industrialização ou do êxodo rural. Até a década de 1950, os membros da Igreja reprimiram as manifestações de religiosidade consideradas como crendices, superstições, atos não-católicos. À religiosidade era designado o espaço do folclore; suas manifestações eram tidas como não-religiosas. Os leigos foram sistematicamente banidos das atividades litúrgicas. Haveria a necessidade, de acordo com o clero, de alertar os católicos acerca dos perigos dessas manifestações. É nesse contexto que, a partir da CNBB, é criada a Campanha de Esclarecimento aos Católicos. O

¹ É importante ressaltar que a saída administrativa da CTNP em Londrina ocorreu em 1944 junto de sua nacionalização, o que fez com que os britânicos perdessem o domínio sobre a região. No entanto, ela continuou a trabalhar na região posteriormente, até mesmo depois de sua venda e na mudança do nome para Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná (CMNP).

maior problema estaria nas manifestações relacionadas ao movimento que os bispos denominavam de “Espiritismo no Brasil” (ANDRADE, 2012, p. 140)

O processo de êxodo rural e conseqüente urbanização contribuiu para a pluralização do campo religioso no território nacional, o que implicou diretamente na organização de grupos para atuar nas áreas em desenvolvimento, bem como na criação de movimentos contrários às manifestações religiosas que não estivessem ligadas ao catolicismo. Paralelamente, a concorrência com as expressões religiosas de matriz mediúnicamente como o Espiritismo, o Candomblé e a Umbanda – compreendida como manifestações folclóricas e não-religiosas na perspectiva católica – avançavam concomitantemente ao pentecostalismo no interior do país. No que se refere a este último, Wander de Lara Proença (2009, p. 35) reforça a existência da relação entre o processo migratório para o interior do país e o expressivo crescimento religioso em meio à urbanização:

O pentecostalismo de primeira onda teve um crescimento vagaroso no Brasil, até o final da Segunda Guerra Mundial, se comparado com a explosão dos últimos 45 anos. Naquela época, em 1930, o país ainda era pouco industrializado e predominantemente rural, pois somente 25% da população vivia em cidades. Esse índice subiu, respectivamente, para 36% em 1950, 68% em 1980 e 75% em 1990. No período de 1930-1945, o Brasil viveu uma ditadura populista e assistiu ao desmantelamento e cooptação dos movimentos sindicais e populares. O processo migratório interno foi um dos grandes auxílios para a expansão do pentecostalismo (GUTIÉRREZ; CAMPOS, 1996, p. 85 apud PROENÇA, 2009)

Além do crescimento simultâneo ao processo de urbanização do país, a concorrência também se dava em relação ao perfil do público. Assim como as diretrizes do catolicismo passavam a se voltar para as camadas mais populares da sociedade, o movimento pentecostal também era composto majoritariamente por indivíduos de baixa renda, ampliando a concorrência do mesmo segmento cristão no período. Para Proença (2009) as condições eram favoráveis para o avanço de manifestações religiosas populares na década de 1950, em especial o pentecostalismo, devido ao espírito populista que marcou o cenário político das décadas de 1930-1950 no Brasil. Nesse sentido, o ambiente era propício para que os líderes religiosos fossem projetados como alavancadores da salvação, associando o carisma com o poder atribuído pelas classes populares. Ademais, essas camadas que participaram ativamente do processo de composição populacional do norte do Paraná também serão elementares para a legitimação da canonização de Leônia Milito na contemporaneidade, o que implica em outras problematizações a respeito das diferentes configurações da cidade atualmente, bem como os grupos participantes do percurso de elevação de Leônia Milito a santa, pontos a serem discutidos no terceiro capítulo deste livro.

Para além das outras manifestações de religiões e religiosidade e a necessidade da Igreja Católica se voltar mais para as questões sociais, o mesmo período também foi marcado em meio a bipolarização do mundo pelo temor da expansão dos ideais socialistas,

uma vez que desde a década de 1940 consideravam que os ideais socialistas conquistavam mais pessoas que a própria Igreja Católica². Tal rejeição não era novidade da época, surgiu ainda no século XIX e foi expressa oficialmente na publicação da encíclica *Rerum Novarum* pelo papa Leão XIII, na qual apontava que a instituição deveria acompanhar os avanços promovidos pela industrialização e apontava preocupação com as condições de trabalho dos operários, assim como os ideólogos do pensamento socialista (LEÃO XIII, 1991). Não obstante, o norte do Paraná também se enquadrava no cenário global, havia uma forte corrente no catolicismo que condenava o socialismo em meio a Guerra Fria.

A parcela católica de Londrina respondia, em grande medida, portanto, ao que a hierarquia eclesiástica determinava a religiosos, padres e leigos, a qual, por sua vez, também estava atendendo a orientação da Santa Sé, que passava por mudanças significativas no que concerne à sua orientação política, teológica e doutrinal, com a finalidade de recuperar o espaço perdido para as ideias socialistas e liberais seja através da publicação de encíclicas voltadas para questão social, seja pela defesa do rigor da doutrina católica (SILVA, 2000, p. 270)³

Nesse sentido, a fundação da Congregação das Missionárias de Santo Antonio Maria Claret em Londrina no ano de 1958 se deu num momento de mudanças das diretrizes da Igreja Católica, especificamente na sua ação pastoral, nas práticas e ações sociais, além do desenvolvimento paradoxal da cidade de Londrina. Ainda que sua fundação tenha sido poucos anos antes do concílio, as ideias para as camadas mais populares, os debates acerca das mudanças práticas das ações religiosas, o movimento histórico e a necessidade para com os pobres na região já se manifestava na década de 1940-1950, assim como em outras localidades do mundo no pós-guerra. O concílio formalizou tais anseios apontados pela sociedade e grupos eclesiásticos. Devido a esse processo podemos considerar as ideias norteadoras do grupo religioso foram participantes do processo histórico que levou ao Vaticano II. O contexto global e regional é fundamental para situar a congregação no espaço e tempo. No entanto, veremos que, no presente caso, as personalidades fundadoras do grupo detêm grande influência na construção da memória, identidade, na escrita da história da congregação e do município.

Como mencionado, o grupo religioso foi fundado no ano de 1958, momento ímpar na história da cidade que crescia por conta da agricultura, sobretudo a cultura do café. Paralelamente, passou a enfrentar problemas relacionados às questões sociais, o crescimento da pobreza e desigualdade como consequência do processo de

2 Foi uma encíclica bastante particular, considerada como revolucionária para o padrão do período inclusive. Estabeleceu, em linhas gerais, as orientações da igreja sobre os direitos e deveres nas relações entre capital e trabalho (LEÃO XIII, 1991).

3 Esse período de mudanças também foi marcado pela criação da Teologia da Libertação na década de 1960, um movimento sócio-eclesial dentro do catolicismo criada na América Latina durante o concílio Vaticano II e as ditaduras militares latino-americanas. O movimento, ao refletir sobre questões sociais se aproximou do marxismo, o que trouxe tensões na própria Igreja Católica (CAMILO, 2011). Proença (2009) identifica que no mesmo período houve um crescimento expressivo do movimento pentecostal na América Latina, alcançando adeptos da classe média e não apenas dos indivíduos de baixa renda como antes.

desenvolvimento do capital no Norte do Paraná. Este período também foi marcado pelas mudanças significativas no que se refere as práticas da Igreja Católica para com as camadas mais pobres da sociedade.

Nesse sentido, compreender as bases em que o grupo se erigiu e as personalidades fundadoras das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret em meio a este contexto é de fundamental relevância, pois a história e a construção da memória do grupo também se baseiam na figura destes como protagonistas: Dom Geraldo Fernandes e madre Leônia Milito. Contudo, a fundação da congregação esteve inserida num processo histórico mais amplo que remonta às ações eclesiais no século anterior, as transformações da atuação católica no Brasil desde o Império até a República, sobretudo nos aspectos ligados ao trabalho com a pobreza que se configura como nosso objetivo.

21 A ERA DAS CONGREGAÇÕES NO BRASIL (1848-1960): DO CENÁRIO NACIONAL AO LOCAL

O final do século XIX, mas sobretudo o século XX foi caracterizado pela criação de diversas congregações religiosas com o intuito de aproximar a questão sagrada à vida terrena e como consequência das transformações da sociedade civil nos conflitos globais e no acirramento de doutrinas políticas tendo como marco as decisões consolidadas no Vaticano II na década de 1960. Para Agueda Bernardete Bittencourt (2017), o período entre 1848 a 1960 pode ser chamado de “a era das congregações” no Brasil.

Contudo, o início desta era remonta o reinado de D. Pedro II, caracterizado, sobretudo no cenário religioso, pela considerável restrição da presença de grupos religiosos em relação ao período colonial. Foi somente após a República que esse número cresceu de maneira mais significativa, somado ao desmembramento da Igreja Católica do Estado Brasileiro promulgado na Constituição de 1891. Calcula-se que em 1880 trabalhavam apenas 7 ordens masculinas e 11 femininas e até 1960 foram identificadas 260 congregações com atuação no Brasil⁴.

Com esses dados relacionados ao fluxo de estrangeiros que entraram no País a partir da década de 1890, é possível trabalhar com a hipótese de que havia expectativa pela chegada de religiosos estrangeiros, uma vez que a expansão desses grupos não só era disputada pela Igreja e pela Coroa Portuguesa, desde a Colônia, mas envolvia os proprietários de terra, chefes das ricas famílias de então. A abertura de mosteiros e conventos, especialmente femininos, interessava a essas famílias, que desejavam abrigar as filhas não adequadas ao casamento. Razões econômicas, como evitar a divisão da herança, ou morais levavam os pais a evitar o casamento das filhas fora de seu grupo social. A solução para as moças solteiras de “boa família” seria o

4 Dados apresentados pelo Projeto Temático: Congregações Católicas, Educação e Estado Nacional, financiado pela Fapesp (2011/51829-0). Os resultados do projeto podem ser encontrados no dossiê “Catolicismo e Formação Cultural” (PRO-POSIÇÕES, 2014); dossiê “Políticas Católicas: educação, arte e religião” (PINHEIRO; BITTENCOURT, 2015) e no dossiê “Empreendimentos sociais, elite eclesial e congregações religiosas no Brasil República: a arte de “formar bons cidadãos e bons cristãos” (PRO-POSIÇÕES, 2017).

convento. Entretanto, a Coroa Portuguesa necessitava de população branca e desejava as jovens casadas e povoando, com seus filhos, as terras do Brasil. Por sua vez, os fazendeiros faziam insistentes pedidos de autorização para tais fundações. As negativas se repetiam e, por vezes, ensejaram a criação de associações religiosas protegidas por párocos ou, mesmo, pelas autoridades locais. Ali as moças se refugiavam (AZZI, 1983 apud BITTENCOURT, 2017)

Outra hipótese que pode ser levantada sobre o baixo número de congregações religiosas em relações aos outros períodos da história do Brasil são as restrições impostas às ordens e às congregações no século XIX na América Latina. Influenciados pela Revolução Francesa sob os ideais do liberalismo e positivismo, diversas regras de fechamento de conventos, proibição de noviciados, confisco do patrimônio dos mosteiros e até mesmo perseguição de religiosos fizeram parte do cenário do Peru, Argentina, Colômbia, México e Venezuela (APARICIO, 2000; CUESTA, 2000 apud BITTENCOURT, 2017). No Brasil não foi diferente, o reinado de D. Pedro II restringiu a atuação de congregações religiosas para uma parcela da população, o crescimento dessas se deu com a crise do Império do século oitocentista impulsionada pela Guerra do Paraguai no final da década de 1860 e início dos anos 1870.

Compreender como foi possível a ocorrência de um tempo marcado pela forte presença de congregações católicas na sociedade brasileira, justamente quando da organização do Estado republicano e da expansão do pensamento liberal, implica em relacionar os três fatores que constituem o cenário nacional e internacional da época: a expulsão de religiosos das atividades sociais então assumidas pelos Estados em processo de laicização na Europa, especialmente na França e na Itália; o projeto católico para a América Latina, implementado a partir de Leão XIII (1878-1903); e as demandas do episcopado para realizar a reforma do catolicismo local, associadas às demandas da própria sociedade brasileira, carente de *expertises* no campo social e educacional (BITTENCOURT, 2017, p. 36-37)

Dentre os três principais fatores para o aumento das atividades de congregações católicas no Brasil nos aprofundaremos nas duas últimas por se aproximarem da realidade do país no contexto apresentado e aos objetivos propostos neste momento: o projeto católico para a América Latina implementado por Leão XIII e as demandas no campo social e educacional brasileiro. A questão da expulsão de religiosos das atividades sociais desempenhadas na Europa também está inserida na trajetória de atuação de Leônia Milito, expulsa da congregação italiana Pobres Filhas de Santo Antônio na década de 1950, contudo está localizada quase um século depois, num contexto diferente, o que incorreria a análises anacrônicas da situação. Não obstante, o episódio de sua expulsão é um elemento de relevância ao problematizar a construção de sua figura icônica a partir dos discursos implementados pela CTNP e a congregação religiosa.

Em primeiro lugar, podemos compreender a encíclica *Rerum Novarum*, publicada pelo papa Leão XIII em 1891 como um dos principais expoentes do projeto católico citado. Além de seus debates se configurarem como uma reação às publicações do Manifesto do

Partido Comunista (1848) e “O Capital” (1867), ela foi considerada um ato revolucionário dentro do catolicismo da época devido às preocupações com o operariado e demais trabalhadores do período – muito semelhantes à dos pensadores socialistas –, além de que também posicionou o catolicismo ocidental frente a questão do capital e do trabalho pela figura do papa (LEÃO XIII, 1991). É corriqueiro entre os pares atribuir a publicação desta encíclica como o marco para o pensamento social do catolicismo ou então da corrente de pensamento sobre a Doutrina Social da Igreja Católica (MORAES, 2020):

O Papa na *Rerum Novarum* de 1891 faz uma constatação dos problemas emergentes das “coisas novas”, chamando a atenção nesse documento para outros escritos precedentes, entre eles *Diuturnum illud*, de 1881; *Imortale Dei*, de 1885; *Libertas Praestantissimum*, de 1888; *Sapientiae Christianae*. Sendo assim, esses documentos são relevantes para se interpretar corretamente a *Rerum Novarum*, que longe de ser uma influência do “marxismo” na Igreja, é uma crítica, de base neotomista, ao capitalismo e ao socialismo, quanto a concepção da natureza humana (MORAES, 2020, p. 114, grifos originais)

Uma vez apartada das funções estatais com o início da República brasileira junto de uma nova constituição federal em 1891, o processo de laicismo e separação da Igreja do Estado iniciado implicou em novas configurações da instituição no país, uma vez que seu papel junto ao Estado se modificou consideravelmente na transição do Império para a República. Nesse contexto, a intensificação do movimento imigratório para o Brasil no final do século XIX e início do XX aumentou a demanda de atuação do Estado republicano para com a sociedade nas questões relacionadas ao trabalho, especialmente pelo cenário pós-abolição da escravatura⁵, tendo nas congregações religiosas novas perspectivas de ação social. Não mais intencionadas em ocupar parte do Estado como ocorria nas monarquias cristãs dos séculos anteriores, mas sim de estabelecer uma colaboração entre estes poderes, ainda que separados constitucionalmente, a Igreja optou por estabelecer uma relação de cooperação mútua, não conflituosa. Em resumo, “[...] o que se inaugurou com as políticas de Leão XIII foi uma tentativa de acomodação da Igreja dentro do Estado liberal republicano” (ROMANO, 1979; ROUX, 2014 apud BITTENCOURT, 2017, p. 40).

Mesmo sem participar das questões administrativas do Estado republicano, o catolicismo operou um papel fundamental de instrumentalização ideológica na política brasileira ao longo do século XX. A construção da estátua do Cristo Redentor na década de 1930 na cidade do Rio de Janeiro quando ainda era a capital federal do país, a titulação de Nossa Senhora Aparecida como padroeira do Brasil se configuravam como uma tentativa simbólica de consolidar o poder católico num território que recebia imigrantes de outras crenças, práticas de culto, considerados como pagãos. Desse modo, deve-se considerar

5 Sílvia Hunold Lara (1998) aponta que os momentos iniciais da intensificação da imigração no Brasil remontam à metade do século XIX e não seus anos finais. Para além deste ponto, a autora ressalta a questão da abolição da escravatura e o pós-abolição, o processo de apagamento da figura do escravo enquanto trabalhador e o enaltecimento do imigrante europeu. Tanto na política quanto em parte da historiografia sobre o período, tem-se a noção de que o trabalho escravo foi substituído naturalmente pelo trabalho livre, naquilo que Lara identifica como teoria da substituição. “[...] Em sua modalidade mais radical, a historiografia da transição postula a tese da ‘substituição’ do escravo pelo trabalho livre; com o negro escravo desaparecendo da história, sendo substituído pelo imigrante europeu.” (LARA, 1998, p. 27).

que os usos dos símbolos religiosos auxiliam a localizar a posição política da instituição eclesial frente as mudanças políticas no Brasil republicano.

[...] Já em 30, Pio XI declarou Nossa Senhora Aparecida Padroeira do Brasil. No ano seguinte, sua imagem foi carregada festivamente à cidade do Rio de Janeiro, por onde circulou pelas ruas centrais, acompanhada de grande massa popular. Os signos desta santa – virgem, negra e pobre – anota Beozzo, exerciam enorme apelo popular; seu caráter nacional de padroeira do Brasil ficava ainda mais acentuado pela “condição social” da imagem, popular na sua expressão, mas não identificada com traços de uma classe social especial. Se um traço geral pode ser levantado sobre o arraigamento e o peso da formação cristã no pensamento brasileiro *seria o seu desempenho como instrumento ideológico nas disputas de interesse político*. (BEOZZO, 1984 apud LENHARO, 1986, p. 173, grifos originais)

Com a crescente chegada de imigrantes no país e as manifestações populistas no cenário político, cresceu também a projeção de imagens simbólicas em âmbito nacional como elementos de conversão ao paganismo dos imigrantes, bem como posicionar a Igreja Católica frente às mudanças sociais, tal como postulado no final do século XIX. Em certa medida, é possível aplicar essa ideia ao caso londrinense tendo Leônia como estrangeira, na medida em que a chegada de imigrantes e a formação de um espaço multiétnico se configurou como um território potencialmente pagão na ótica do catolicismo nas décadas de 1940 e 1950.

No que se refere ao mundo do trabalho e ao processo de industrialização do país, imagens de Cristo crucificado adentraram as fábricas paulistas na década 1930 para que os trabalhadores se identificassem com a figura e a trama vivida pelo personagem histórico representado nas paredes dos barracões.

“[...] A imagem da cruz é projetada no espaço da nação, o lugar definitivo do trabalho: afinal no céu do país cintila o cruzeiro do sul, assim como o seu primeiro nome, dado pelos descobridores foi de Santa Cruz [...]” (LENHARO, 1986, p. 171).

Dessa forma, o catolicismo ao apresentar uma aproximação à ideologia liberal, ocupou – e ainda ocupa – diversos espaços simbólicos durante o suposto processo de laicização do Estado brasileiro e constituiu um elemento fundamental para assegurar a ordem social através da transmissão de valores moralizantes desde a Primeira República (FAUSTO, 2006, p. 355).

Em linhas gerais, ao que toca a questão do aumento do número de congregações católicas e a tentativa de estabelecer um contato mais próximo com as camadas populares, o século XX se caracterizou pela expansão dos grupos religiosos em meio às mudanças do cenário político brasileiro.

Os dois momentos de maior intensidade desse processo migratório e de novas fundações (1920, 1950 e 1960) ocorreram em períodos de importantes mobilizações sociais e cujas demandas eram distintas: os anos 1920, com o esgotamento do modelo da República Velha, o surgimento dos movimentos

operários e anarquistas, do movimento modernista nas artes e nas letras, do Partido Comunista Brasileiro – PCB –; e, na década seguinte, a organização dos movimentos pela educação, com suas associações, suas conferências e seus projetos com direção à educação laica, pública e obrigatória, com vistas à formação do cidadão e da nação brasileira (BITTENCOURT, 2017, p. 42)

A ideia de fazer com que a igreja se aproximasse da sociedade – uma vez que, até o século XIX, seu caráter foi voltado com maior intensidade para questões doutrinárias e dogmáticas ligado às classes sociais dominantes –, também está associado à fermentação das ideias socialistas no final do XIX como consequência dos processos de industrialização e avanços do capitalismo industrial na economia mundial. Nesse sentido, esse cenário que despontava no Brasil também deveria ser combatido pela Igreja, que buscava se legitimar pela associação estatal, a fim de que ela não perdesse espaço para as novas formas de pensamento que se desenvolviam e para que também fizesse parte dessa nova configuração do Brasil (LENHARO, 1986; FAUSTO, 2006).

“Mais do que um processo de crise e de perda da influência, a Primeira República significou para a Igreja um momento de reconstrução” (ARDUINI, 2009, p. 42). No bojo deste período politicamente conturbado no país, a difusão do pensamento e até mesmo a construção de um projeto de Igreja foi disseminada por intelectuais católicos no país a partir da década de 1920. Podemos destacar aqui a criação do Centro Dom Vital no Rio de Janeiro em 1922, um complexo ocupado em pensar sobre a articulação das ações que deveriam ser desempenhadas pela Igreja Católica sob o princípio de “lutar pela adequação das leis e das relações de trabalho ao que ele considera ‘valores cristãos’ aplicados sobre a realidade brasileira” (ARDUINI, 2009, p. 14).

Uma das principais manifestações desse grupo foi a fundação da Revista *A Ordem*, editada pelo Centro Dom Vital, com o objetivo de apontar os ideais da organização social do Brasil frente às mudanças enfrentadas do mundo, como a ascensão dos regimes totalitários na Europa, bem como as influências destes no Brasil, além do posicionamento dos escritores em meio à consolidação do governo de Vargas. Paralelamente, “[...] eles sentiram também a necessidade de se posicionarem a respeito de outras propostas de transformação social, como o integralismo e o comunismo” (ARDUINI, 2009, p. 15), a negação de um e/ou de outro dava sentido a ideia de projeto a ser implementado, o que fez com que a revista se aproximasse – e também se distanciasse posteriormente – do projeto integralista em alguns momentos⁶. No entanto, independente das aproximações ou distanciamentos, os movimentos eclesiais deste período tinham em comum o “perigo vermelho” como o principal inimigo.

Nos anos 1930, a campanha anticomunista inseriu-se numa estratégia maior da Igreja, que desde a década anterior vinha lutando para recuperar posições perdidas com a implantação da República. [...] Tal movimento convergiu com

6 A pesquisa de Arduini (2009) analisou algumas publicações da Revista, sobretudo na figura de Amoroso Lima e aprofundou sua análise ao problematizar as aproximações e distanciamentos do movimento integralista ao longo deste processo histórico de acordo com os interesses político- eclesiais em cada um desses momentos.

a organização da intelectualidade católica, sob a liderança de Jackson de Figueiredo e o grupo da revista *A Ordem*. No primeiro momento os inimigos principais eram o liberalismo, a maçonaria e o positivismo, mas logo os comunistas assumiram o lugar de adversário e concorrente mais perigoso (MOTTA, 2002, p. 25)

Durante os anos 1930 a 1950 foram criados centros culturais, revistas, editoras e um vasto movimento de difusão do pensamento católico que buscava se inserir nas estruturas do Estado brasileiro. Além da revista *A Ordem*, a Editora Agir, a revista *Vozes de Petrópolis*, os franciscanos e os redentoristas buscavam projetar sua presença e foram, junto das publicações e editoriais, protagonistas na difusão do pensamento intelectual católico no Brasil (BITTENCOURT, 2017).

Ao longo deste período, a chegada de religiosos continuou, assim como a fundação de novas congregações, a Igreja estabeleceu uma boa relação com o governo Vargas⁷ e o projeto católico ganhou um notório espaço não só na sua atuação política, mas também no âmbito educacional. A combinação entre elas permitiu que uma parte considerável de diversas camadas sociais apoiassem – sob a perspectiva de esperança, crença no futuro e fé, características religiosas – as políticas empregadas pelo governo.

[...] A fé opera em terreno que não permite a dúvida e só semeia certezas. Da forma como se demonstra que o Estado Novo superou os impasses do passado e a ameaça de caos iminente, poder-se-ia falar que “não há salvação fora dele...”. O importante, parece-me, é que as virtudes da confiança e da fé implicam no envolvimento, emocional e ativo, dos seus cultuadores. Como na doutrina do Corpo Místico de Cristo, cada um dos interpelados é convidado a retribuir, ciente de que sua passividade reverteria negativamente para si mesmo e para os que lhe estão próximos. (LENHARO, 1986, p. 197)

A comunhão de interesses entre a política varguista e a Igreja Católica possibilitou a existência de uma cooperação entre as instituições, na medida em que naquele momento a teologia católica comunicava segurança e confiança para os teóricos e propagandistas do governo (LENHARO, 1986, p. 196). Nesse sentido, as décadas de 1930-1940 são marcadas pela cooperação institucional entre o catolicismo e o Estado, o que permitiu o desenvolvimento e fortalecimento de ambos frente as tensões sociais do período.

Com o final da Segunda Guerra Mundial, a criação de órgãos responsáveis pela manutenção da paz em meio ao cenário de destruição de diversas nações, a intensificação dos problemas sociais iniciados pelo conflito, somado à polarização ideológica do mundo na Guerra Fria, proporcionou um momento ímpar da atuação do Estado e das instituições vinculadas a ele. Uma vez que podemos considerar o projeto católico no Brasil consolidado no governo varguista, ele continuaria a atuar durante a abertura democrática do mesmo

7 Alcir Lenharo (1986, p. 182) considera harmônica a relação entre a política de Vargas no Estado Novo e o projeto católico empregado no Brasil republicano. A combinação desses elementos fortaleceu a ação de ambas as instituições (Igreja e o Estado) a fim de atingir as camadas populares. Nesse sentido, a participação da Igreja nesse contexto é decisiva na medida em que se constitui como uma autoridade moral inserida no processo de recristianização do trabalho e da vida empregado por Vargas, ou seja, o autor afirma existir uma comunhão de interesses para o controle social entre as instituições.

período. É nesse contexto que o grupo religioso aqui estudado se insere em meio às particularidades supracitadas do Norte do Paraná.

Outro ponto fundamental a ser analisado neste período é que a atividade religiosa ao final da década de 1940 também assumiu características diferentes com o pós-guerra, buscava-se aproximar a figura sagrada das pessoas comuns a fim de estabelecer uma ligação mais direta com seus seguidores. Nesse sentido, a fundação das novas congregações religiosas, aliada ao aumento da imigração de outras se pautavam em diretrizes que se consolidariam no Vaticano II.

Se, nas primeiras décadas do século XX, as congregações estavam envolvidas na fundação de colégios para a educação dos filhos das elites e na administração de hospitais e asilos, nos anos 1950/1960 era o esboço de uma nova teologia, politicamente engajada, fundada na opção pelos pobres, que as atraía. Muitas são as congregações que afirmam ter imigrado graças aos efeitos dos debates ocorridos durante o Concílio Vaticano II e à exposição política praticada por setores progressistas da Igreja latino-americana. (BITTENCOURT, 2017, p. 44-45).

Para Gonzales Neto (1992), historiador que produziu a obra referência sobre a história das missionárias de Santo Antônio Maria Claret em meio ao processo de canonização de uma de suas principais lideranças, analisa a fundação da mesma sob esse contexto:

[...] Essas novas ordens, juntando-se às já existentes, demonstram a continuidade da atração pela vida consagrada existente na Igreja Contemporânea. Com efeito, neste período, nada menos do que uma centena de novas congregações grandes e pequenas são fundadas para atuar no campo da educação dos jovens; da ajuda aos carentes de todo gênero e na atividade missionária. [...]

Um aspecto significativo dessas novas fundações religiosas é que elas assumem uma característica das pessoas de Jesus ou de Maria; de um fato relacionado com suas vidas terrenas; ou de algum aspecto do mistério de Cristo: Salvador, Redentor, Bom Pastor, Sagrado Coração etc. Vem honrar o mistério da Sagrada Família: irmãos, irmãs, filhas ou servas de Maria, irmãs de Nazaré ou de Loreto; vêm recordar os privilégios e as virtudes de Maria: sua Imaculada Conceição, sua Assunção, Maria Auxiliadora, Maria Consoladora etc. Depois de Maria, os anjos e santos são tomados como patronos de várias ordens. (GONZALES NETO, 1992, p. 17)

As características dessas novas congregações partem de um princípio comum, aproximar a população das atividades eclesiais, uma vez que o cenário político despertava certo temor de perderem seguidores por parte das autoridades religiosas. Nesse sentido, com o funcionamento do projeto educacional e de assistência aos asilos e hospitais, o movimento buscou a expansão para outras mazelas sociais, sobretudo a pobreza, expressos constantemente no próprio nome das ordens ou em seus lemas. Londrina que, por sua vez, encontrava-se num momento ímpar de sua história, possuía um terreno fértil não apenas para o desenvolvimento econômico do município, mas também, quase que paradoxalmente, uma crescente população mais pobre e migrante/imigrante em

seu território, o público alvo das novas diretrizes eclesiais no que se refere à atuação das instituições religiosas direcionadas à pobreza no Eldorado do Norte do Paraná.

Foram diversos grupos que chegaram aos grandes centros urbanos no Brasil entre 1940-1960, sobretudo vindos da Itália e França, países nos quais o clero é mais alinhado ao papado (BITTENCOURT, 2017, p. 45). Paralelamente, outros foram criados – realidade das missionárias de Santo Antônio Maria Claret – a fim de trabalhar com as problemáticas locais, ligadas a realidades específicas e particulares de cada território.

O movimento de fundação das congregações brasileiras acompanhou o fluxo migratório das estrangeiras, com números mais expressivos nas mesmas décadas de 1920 e 1950. Há continuidade de fundação em pelo menos sete décadas. Sobre as congregações brasileiras, poderíamos dizer que algumas delas são fruto de dissidências das estrangeiras, outras cumprem o papel de substituir uma congregação estrangeira que não se adaptou ou que enfrentou forte conflito com a população local. [...] Especialmente os institutos femininos, frequentemente originados por grupos de mulheres leigas que já serviam à Igreja em trabalhos de catequese, orientação em escolas dominicais ou em serviços de caridade, se convertiam em congregação com o apoio de um padre ligado ao processo de romanização. Assim se deu a fundação das Irmãs Catequistas Franciscanas e das Irmãs da Imaculada Conceição, ambas em Santa Catarina (BITTENCOURT; CUSTÓDIO, 2014 apud BITTENCOURT, 2017, p. 46)

A congregação estudada nesta pesquisa se enquadra em diversos destes aspectos, além de ser um grupo destinado apenas para mulheres, possuía o primeiro bispo e arcebispo de Londrina, D. Geraldo Fernandes, como o principal elemento ligado ao processo de romanização, ou seja, que esteve em meio a tramitação burocrática de formação de uma nova congregação religiosa e basicamente a única figura masculina a fazer parte do grupo. A história das missionárias de Santo Antônio Maria Claret também remonta a um outro grupo religioso italiano bastante pequeno, as Pobres Filhas de Santo Antônio, fundado em 1901, já alinhado em promover as novas linhas de pensamento do catolicismo inaugurados no final do XIX ao levar consigo a ideia de pobreza no próprio nome do grupo.

A pesquisa de Bittencourt (2017) analisa a chegada das congregações religiosas no país ao longo do século XX e ressalta que estas acabaram por atuar quase que majoritariamente nos estados mais ricos, com maior população e conseqüentemente maior influência política no país. Destacamos aqui os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul, sendo os três primeiros os que detinham maior poder naquele período e os protagonistas da Primeira República. Tal situação sugere novamente a consolidação do projeto católico no Brasil iniciado pelo papado no século anterior, sobretudo nos grandes centros urbanos. Posteriormente, tentaremos estabelecer um paralelo entre esta perspectiva macro da atuação religiosa católica no Brasil e a micro na cidade de Londrina, especificamente com o grupo feminino liderado por madre Leônia Milito a fim de levantar possibilidades de discussão sobre a história e memória do grupo em meio ao processo de canonização de sua principal liderança desde a fundação.

3 | AS POBRES FILHAS DE SANTO ANTÔNIO: DA CHEGADA AO BRASIL À RUPTURA DAS RELIGIOSAS

Em dezembro de 1952, seguindo as diretrizes apontadas pelo papado, as Pobres Filhas de Santo Antônio ainda na Itália intencionavam expandir seus trabalhos no interior do Estado de São Paulo. Na primeira viagem, 4 missionárias da congregação italiana saíram de seu país de origem e vieram ao Brasil para atuar em hospitais, orfanatos e asilos. Quase 6 meses depois, outras 18 missionárias desembarcaram no Brasil para se juntar ao primeiro grupo. Dentre as 22 mulheres que chegaram ao longo deste semestre, estava Leônia Milito, intitulada como Delegada Geral para as missões no Brasil e Tarcísia Gravina, sucessora e atual madre superiora das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret (GONZALES NETO, 1992).

Ainda no ano de 1953, Leônia Milito e Tarcísia Gravina retornaram para a Itália a fim de terminarem alguns estudos e projetarem oficialmente, junto da sede do grupo, a expansão missionária no Brasil. Gonzales Neto (1992) narrou esse episódio a partir da análise de cartas trocadas entre as religiosas do Brasil e Itália no início da década de 1950 e evidenciou as complicações desta relação, pois, em dado momento, as líderes italianas buscaram limitar as atividades de Milito e Gravina no Brasil, o que causou descontentamento de ambas as partes. É importante ressaltar aqui que a narrativa de Gonzales Neto (1992) deixa em evidência a figura de madre Leônia Milito em praticamente toda sua obra – ainda que seja direcionada para a história da congregação religiosa –, uma vez que sua produção aconteceu sincronicamente ao início de seu processo de canonização no Vaticano, ou seja, era fundamental destacar a maneira pela qual madre Leônia se sobressaía em relação as demais religiosas.

Nesse sentido, ao perceberem tais limitações impostas pelas lideranças italianas, madre Leônia Milito buscou agir de maneira independente e chegou a notificar ao papa a perseguição que dizia sofrer em meio ao processo de expansão do trabalho missionário. Destacamos aqui um trecho da carta endereçada ao monsenhor Casória⁸, amigo de Leônia Milito, com um pedido de autorização para se dirigir à Roma.

[...] as obras de Deus devem ser marcadas com o sinal da cruz, e eu olho o crucifixo para imitar o seu exemplo e pedir-lhe a força necessária para poder ser digna de mostrar-me sua esposa em tão dura prova de fogo, a que fui submetida pelos próprios superiores e coirmãs do Instituto ao qual por 20 consaguei toda a minha existência.

Acho-me em família por razões de saúde, por causa de tanto sofrimento moral reprimido que repercutiu no físico.

Abro-me ao senhor contando com a sua amizade, já demonstrada em muitas

⁸ Giuseppe Casoria foi sacerdote, monsenhor, arcebispo e cardeal. Nasceu em 1908 na comuna italiana de Acerra, na província de Nápoles. Atuou como perito do Concílio Vaticano II e assumiu diversos cargos de liderança em Roma. Conheceu Leônia Milito quando era monsenhor da Cúria Romana e possuiu um papel importante no momento da crise política da madre com sua antiga congregação religiosa (VATICANO, s/d; GONZALES NETO, 1992).

ocasiões, e a sua paterna lealdade aliada a um senso de justiça. Estou certa que acharei pelo menos no senhor conforto e proteção para o meu oprimido espírito.

[...] Não tenho porém meios nem motivo para ir a Roma. Desde o dia da chegada estou prisioneira sob vigilância e por isso na impossibilidade de sair. Poderei aproveitar agora que estou em família, mas tenho medo de ser encontrada em Roma e, depois, o que será de mim? O que me aconselha fazer?

Portanto, se não aproveito agora, não poderei fazê-lo mais tarde, porque estou esperando aqui a chegada da nova madre geral que dará minha nova residência, para viver em alguma casa do Instituto **como simples irmã submissa e vigiada**.

Mas as coisas do Instituto vão piorando de hora em hora e a juventude é oprimida e tentada. A missão no Brasil está em perigo de ser destruída com grande escândalo público, as artes diabólicas continuam a inventar, instigar, destruir e triunfar sobre o bem para perder as almas que custam o sangue de Cristo.

De minha parte me sinto calma e serena de consciência porque Deus com sua graça me sustenta minuto por minuto e **serei felicíssima de acabar a minha vida no anonimato humano**.

Peço-lhe que reze muito pela minha pobre alma para que, dócil e obediente, aceite em qualidade de vítima toda a perseguição, tendo presente as suas proféticas palavras dirigidas às missionárias e que tenho gravadas no coração: Sofrer, Oferecer, Calar e Ter paciência.

Espero uma resposta sua, mesmo que seja telegráfica, com uma licença para ir a Roma sem que ninguém o saiba (MILITO, 1953, grifos do autor).⁹

Nesta carta podemos perceber o incômodo de Leônia Milito ao ser afastada da direção de uma das casas das Pobres Filhas de Santo Antônio, bem como a mestra das noviças, ou seja, das jovens religiosas que se preparam para os votos perpétuos diante da Igreja Católica. A responsável pelo afastamento, Illuminata Blasiello, acabara de ser eleita como nova madre da congregação. Além do sentimento de consternação, Leônia Milito se mostra contrária ao fato de que, longe de seu antigo cargo, poderia se tornar uma “simples irmã submissa e vigiada” e não mais uma das principais responsáveis pelo trabalho missionário no Brasil, uma figura de destaque dentro de seu grupo. Ao mesmo tempo, apresenta não ter problemas em terminar sua vida no anonimato. Essas duas facetas contraditórias, são fundamentais para compreender a construção da figura desta personalidade na cidade de Londrina, uma mulher que simboliza a emancipação do trabalho missionário num período em que diversas situações políticas e sociais se colocaram como obstáculos para completar tal missão, símbolo esse que se consolidou com sua morte trágica, o principal impedimento de seu ofício religioso – o qual a posiciona como uma figura de destaque frente às demais irmãs –, a qual discutiremos com maior profundidade mais adiante.

Paralelamente, naquele mesmo ano, a religiosa, junto de Tarcísia Gravina, buscou

⁹ A íntegra desta e todas as cartas citadas no corpo do texto estão disponíveis nos anexos do trabalho.

orientação para que pudesse ir à Roma sem que ninguém de seu grupo soubesse desta intenção, a fim de apresentar os problemas encontrados em sua ordem. Na carta enviada para o papa (GRAVINA, 1953) no mesmo dia em que Leônia Milito redigiu para o Monsenhor Casória a respeito de sua insatisfação com a congregação religiosa, Gravina enviou sua carta para o Vaticano, endereçada ao papa Pio XII, com críticas diretas à recém-eleita madre de seu grupo religioso daquele período:

[...] Pode-se entender como as ameaças dela intimidaram as irmãs que, se dobraram também, sem querer, ao seu desejo.

Isso foi falado por ela, não somente para atemorizar as irmãs, mas, de modo especial, para salvar-se pessoalmente e não ser afastada da casa de Miradois, onde há mais de 15 anos mora e vive como irmã superiora, vigária e conselheira e onde se formou um grupo de irmãs de confiança que trabalham para semear a discórdia no Instituto, especialmente entre as jovens. **Notifico que esta irmã, pequena, muito magra, sempre doente como é, ainda poderia aparentemente enganar qualquer pessoa, mas, na realidade é a organizadora das divisões e dos males que afligiram e afligem o Instituto.** (GRAVINA, 1953, grifos do autor)

Em ambas as cartas, é evidente a contrariedade das irmãs em relação às decisões tomadas pelas lideranças das Pobres Filhas de Santo Antônio. Os trechos destacados também apresentam alguns dos sentimentos expressos na escrita dessas cartas, aos quais chegam a apontar aspectos físicos da personalidade antagônica em que a carta se intenciona, como uma representação materializada em vida dos males vivenciados e orquestrados, segundo Milito e Gravina, pela nova madre superiora dentro da antiga instituição.

A versão integral dessas cartas também pode ser encontrada na obra de Gonzales Neto (1992), em que o autor narra, quase quatro décadas depois no início do processo de canonização de Leônia Milito, os antecedentes da ruptura das religiosas com sua antiga ordem como uma espécie de predestinação para a fundação da congregação que surgiria posteriormente dedicada a Santo Antônio Maria Claret. Nesse sentido, podemos compreender o uso dessas cartas como documentos históricos na década de 1990 como um elemento que busca mostrar ao leitor, sobretudo aos fiéis, a perspectiva humanizada, parte do discurso de canonização, de uma figura prestes a ser sacralizada, a fim de estabelecer pontos em comum de identificação com aqueles que a cultuam e, conseqüentemente exaltar tal personalidade no processo religioso perante o Vaticano. Para o autor, a carta citada representa um posicionamento de lucidez de ambas religiosas, como se estivessem observando toda situação sob uma perspectiva mais ampla, de modo em que tal confronto já objetivasse a construção de uma nova congregação a partir da liderança de Milito e Gravina, ainda que anacronicamente, como se soubessem o que aconteceria nos eventos seguintes:

[...] Claro, conciso, direto e sem floreios, detalhando a situação existente na congregação, este pedido de intervenção retrata bem a origem da crise

que envolvia as duas religiosas e a questão das missões brasileiras. Pela assertiva de irmã Tarcísia, fica bem clara a origem da animosidade contra madre Leônia [...].

É possível, à luz desse documento, perceber uma linha de raciocínio, diretrizes e visão da atividade congregacional; em suma, uma política que se choca frontalmente com o estilo, visão, dinamismo e atividades desenvolvidas por madre Leônia, com grande apoio e aval de madre Stefanina Graziano, cujo longo governo de 21 anos contínuos não deixou criar ressentimentos.

Essa situação de confronto, na Congregação das Pobres Filhas de Santo Antônio, evidencia, de um lado, a fragilidade humana presente nas mais altas manifestações da criatura e, de outro, exemplifica o afrontamento, seja movido de uma reta intenção, seja oriundo da mesquinhez que sói (sic) ocorrer no convívio social.

Madre Leônia, em seu modo de agir, é movida pelo entusiasmo com que levava a cabo as missões a ela confiadas. Sua liderança inata, demonstrada como mestre das noviças, não deixou de causar apreensão e temor em quem não compartilhava os mesmos pontos de vista. Deve-se considerar também a ousadia da expansão missionária que, em meio ano de atividade, levou para a América nada menos que 22 religiosas. (GONZALES NETO, 1992, p. 45)

A narrativa apresenta bastante clareza do autor na intenção de exaltar, não somente o grupo em que a obra se dedica, mas principalmente sua líder, passível de ter sentimentos comuns a qualquer outro indivíduo. Com efeito, a exaltação de sua imagem enquanto uma líder inata entra em conflito com o posicionamento da própria madre, ainda que houvesse a intenção de expandir seus trabalhos no Brasil, também havia o temor pessoal da madre em meio a tal situação de confronto em ser uma irmã vigiada e submissa, expresso em sua carta para o monsenhor Casória, ou seja, ela demonstrava preocupação sobre a maneira pela qual seria lembrada, mesmo que, contraditoriamente dissesse ter felicidade em viver o anonimato humano.

A forma pela qual é construída a narrativa e os elementos biográficos ora da congregação, ora de Leônia Milito implicam numa trajetória de vida em linha reta desses personagens, uma perspectiva genializada, em que os obstáculos do caminho se configuram como um elemento de predestinação para o futuro. Contudo, tais representações constituem um sentido único para reforçar mais uma ilusão biográfica do que propriamente a maneira pela qual se deu vida de determinado personagem. Deve-se atentar ao fato de que “[...] produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica [...]” (BOURDIEU, 2006, p. 185). Desse modo, analisar uma trajetória de vida sob uma ótica biográfica implica em deixar de lado as demais relações sociais que estruturam as conexões presentes na vida social, assim como medos, hesitações, incoerências e contradições.

[...] Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio,

é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado. O sentido dos movimentos que conduzem de uma posição a outra [...] evidentemente se define na relação objetiva entre o sentido e o valor, no momento considerado, dessas posições num espaço orientado [...] (BOURDIEU, 2006, p. 189-190 grifos originais)

Considerar que o momento de produção da obra que organiza a troca de cartas entre as religiosas se dá no início do processo de canonização de uma das líderes do grupo religioso, é ponderar este espaço orientado como organizador da trajetória de vida de um grupo pela escrita da história das missionárias de Santo Antônio Maria Claret. Nesse sentido, pode-se analisar que as representações apresentadas por Gonzales Neto (1992) são orientadas pela posição de destaque do grupo pela elevação da figura de Leônia Milito, o que permite a criação de ilusões retóricas ao leitor.

Ainda que Gonzales Neto (1992) aponte como uma ousadia a expansão dos trabalhos missionários para a América, a colocando como alguém a frente de seu tempo para exaltá-la, tal movimento foi uma consequência de um longo processo histórico que envolveu a expansão do sistema capitalista, o desenvolvimento do pensamento socialista, as grandes guerras, iniciado ainda no final do século XIX¹⁰, como apontado. Desse modo, a expansão das atividades missionárias da Igreja Católica se configuraram como uma atitude emergente frente ao final da 2ª Guerra Mundial e no contexto da Guerra Fria, em que o bloco socialista se mostrava alinhado às questões sociais do mundo, assim como a Igreja Católica que, institucionalmente se posicionava contrária a tal manifestação política, tanto que o concílio ocorreu pouco tempo depois e formalizou as diretrizes que o catolicismo deveria seguir, sobretudo no que se refere à ação social com os mais pobres.

A crise das religiosas com a antiga congregação se intensificou nos anos de 1953-1956. Contudo, esse período é a chave para compreender a fundação da nova congregação religiosa na cidade de Londrina, as missionárias de Santo Antônio Maria Claret. Em meio a uma série de tensões e particularidades documentadas nas cartas trocadas entre as religiosas e sacerdotes do Brasil e Itália, Leônia Milito criticava de forma direta a eficácia e os objetivos do trabalho das Pobres Filhas de Santo Antônio. Durante este processo, a religiosa conheceu o padre Geraldo Fernandes que tomou conhecimento da situação conflituosa, e posteriormente iria se tornar o primeiro bispo e arcebispo de Londrina durante

10 Dentre as influências do final do século XIX e que se manifestaram nesse período, uma outra merece destaque: a questão da admissão de religiosas negras nas congregações religiosas. Nas cartas analisadas por Gonzales Neto (1992), madre Leônia, em busca de orientações, questionou o padre Domenico Mozzicarelli em 1955, sobre sua opinião em relação a entrada de religiosas negras nas Pobres Filhas de Santo Antônio, na qual ele responde que “[...] o Instituto não está preparado para afrontar um problema tão delicado e árduo como esse.” (GONZALES NETO, 1992, p. 64). Tal questão ultrapassa os limites desta pesquisa, mas propõe uma outra perspectiva de análise sobre a atuação religiosa nesses grupos “minoritários” para o futuro.

o período do Eldorado Norte-paranaense. Paralelamente, ao longo do triênio que oficializou a separação, madre Leônia Milito buscou expor para diversas autoridades brasileiras, italianas, sobretudo as ligadas ao Vaticano sua insatisfação perante as situações que vivenciava.

Ao mesmo tempo em que Milito e Gravina buscavam um contato direto com religiosos paulistas – como foi o caso da relação com Geraldo Fernandes, no colégio Sion, São Paulo, no ano de 1956 –, a fim de registrar e encaminhar para a Itália a necessidade das missões protagonizadas por elas para que assim pudessem permanecer no território brasileiro, as superiores italianas solicitavam o retorno imediato destas. Ainda que estivessem organizando através dos religiosos locais a permanência no Brasil, a elas foi solicitado que deveriam “[...] retornar para a Itália, onde o campo de apostolado está assumindo proporções sempre mais vastas, enquanto se faz sentir sempre mais a falta de pessoal necessário [...]” (MOZZICARELLI, 1956). A intimação para que retornassem à Itália intensificou ainda mais a busca por apoio religioso no Brasil, a fim de que as autoridades pudessem auxiliar na permanência do grupo que já se encontrava no país.

Nesse sentido, as ações tomadas no ano de 1956 são fundamentais para compreender as bases da construção a *posteriori* da imagem destas religiosas, sobretudo madre Leônia Milito. Em meio a situação crítica frente a sua antiga congregação religiosa, Milito recebeu uma carta de apoio do grupo de missionárias do Brasil, em solidariedade ao que vivenciava com o núcleo italiano das Pobres Filhas de Santo Antônio.

[...] Todas nós, que tivemos em vós a Mãe e Mestra, como aquela que soube amar-vos e formar-nos no espírito, que vivenciamos ao vosso lado e vimos vossa abnegação e dedicação pelo nosso bem e pelo progresso do Instituto, inculcando-nos sempre a ele muito apego, nós, espectadoras das lutas por vós suportadas para defender a virtude e, especialmente, para assegurar a estabilidade da missão no Brasil, queremos continuar, com a ajuda de Deus e junto de vós, a dedicar-nos ao apostolado missionário, voluntariamente, dispostas a separar-nos da Congregação à qual até agora pertencemos, somente pelo bem das nossas almas, para realizar o ideal da nossa vocação e dedicar a nossa vida para aliviar e mitigar o sofrimento da humanidade. Somos constringidas à separação, por não ter conseguido formar uma fusão de ideais e de apostolado, depois de ter procurado, junto a vós, todos os meios possíveis para poder continuar a vida religiosa no Instituto. [...]

[...] Estamos prontas a lutar pela causa do bem e não temos dúvida da ajuda de Deus nas consequências a cujo encontro podemos ir, mas, juntas num só coração, irmanadas num esforço pela conquista de um ideal comum e apoiadas na vossa orientação, Revda. Madre, não tememos nenhum perigo porque Deus certamente nos dará a força para superar as lutas e os obstáculos [...]

[...] Prostradas aos vossos pés, vos suplicamos que aceiteis estas sinceras e espontâneas promessas que, com a ajuda de Deus, queremos com firmeza e a qualquer custo manter, e imploramos a santa bênção [...] (MANIFESTO, 1956)

A partir dos trechos selecionados, podemos perceber a manifestação de apoio das religiosas italianas que estavam no Brasil à madre Leônia Milito. Nela, é explicitada uma certa devoção à figura de Milito nos trechos em que a colocam como: quem as formou na vivência missionária; quem lutava de forma incessante para continuidade das missões no Brasil; quem teria o apoio destas que subscreveram a carta até mesmo para formalizar a separação do grupo religioso italiano; a quem não temiam ser orientadas nos obstáculos que poderiam surgir e, ao final, a simbologia da prostração em reverência à religiosa. Algumas décadas depois, interpretamos que esses sinais foram ressignificados após a morte de Leônia, como se “desde o princípio” houvesse certa predestinação de sua figura, alguém passível de se tornar uma personalidade santa, formalizada pelas autoridades eclesásticas (BOURDIEU, 2006). Entretanto, aprofundaremos essa questão no último capítulo desta dissertação.

Nota-se também que a figura de Tarcísia Gravina está ausente nessa manifestação de solidariedade do grupo italiano no Brasil, ainda que estivesse sempre na presença de Leônia Milito, segundo a narrativa de Gonzales Neto (1992). Tal carta também é analisada na obra do autor, que a interpreta da seguinte maneira:

[...] admirável a fidelidade demonstrada pelo grupo de missionárias italianas. Em primeiro lugar, são fiéis a Deus, são fiéis às missões e são fiéis àquela que entendem ser uma líder capaz e bem-intencionada e cujas ações são objeto de incompreensões e suspeitas [...] (GONZALES NETO, 1992, p. 83)

Podemos notar que, assim como uma figura permeada de características de santidade, Gonzales Neto já considerava que as irmãs na década de 1950 compreendiam madre Leônia como uma liderança religiosa dotada de tais atributos, em que até mesmo suas ações poderiam não ser compreendidas devido a algum objetivo missionário maior, mas que ainda assim, as demais confiavam e tinham certa devoção. Nesse sentido, a aplicação do conteúdo desta carta alinhada à narrativa memorialística do processo de canonização da religiosa a partir da década de 1990 evidencia uma espécie de um projeto santificador desde sua ruptura com sua antiga congregação. Além disso, a perspectiva das religiosas italianas não é subsidiada com documentos como a de Leônia Milito, ou seja, prevalece a narrativa unilateral que tende a exaltá-la. Em suma, podemos interpretar como se, desde a década de 1950 já fossem manifestados alguns sinais, ainda incompreendidos naquele momento, mesmo pelas religiosas que a circundavam, de sua importância enquanto uma figura ímpar naquele grupo. Para Pierre Bourdieu, o poder de consagração simbólica está mais no coletivo do que no indivíduo isolado (BOURDIEU, 2013).

Seis dias após a redação da carta de solidariedade das colegas do grupo religioso, madre Leônia Milito redigiu outras duas¹¹, uma endereçada ao papa Pio XII e outra para a madre geral da Congregação das Pobres Filhas de Santo Antônio. O conteúdo de ambas era o mesmo, o pedido de desligamento do grupo religioso. No mesmo período

11 A íntegra das cartas está disponível nos anexos do trabalho. Vide anexo V e VI.

em que aguardavam uma resposta sobre o desligamento das missionárias italianas que se encontravam no Brasil, padre Geraldo Fernandes, ainda em São Paulo, foi nomeado bispo da recém-criada diocese de Londrina (GONZALES NETO, 1992, p. 88). Podemos considerar que a partir deste evento, a história da religiosa, do arcebispo e do município começaram a se entrelaçar, uma vez que as duas personalidades articularam a fundação de uma nova congregação para aquelas que, no vocabulário eclesiástico, estavam órfãs de um grupo religioso após a separação das Pobres Filhas de Santo Antônio.

Destaca-se aqui também o processo seletivo da memória (POLLAK, 1992) que privilegiou uma personalidade em detrimento da outra ao longo da narrativa de Gonzales Neto (1992). Nota-se uma redução significativa do espaço de Tarcísia Gravina a partir da aparição e interferência de Geraldo Fernandes no processo de ruptura, sobretudo pelo seu caráter de fundador da nova ordem religiosa junto de Leônia Milito. Com o envio da carta (BIJOS, 1957) para a congregação religiosa italiana no processo de ruptura daquelas que estavam no Brasil, o bispo, naquele momento portador de poder político e religioso numa cidade que vivenciava seu período de ouro, passou a ocupar um local de destaque frente ao contexto vivenciado pela congregação religiosa. Ou seja, a identidade e, de certa forma a memória da congregação que surgiria a partir da relação de Milito e Fernandes, foram intencionalmente construídas com base em suas figuras enquanto protagonistas. Para Pollak “[...] há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade” (POLLAK, 1992, p. 203-204).

No entanto, entre as cartas trocadas após o envio do pedido de desligamento em 1956, uma delas merece destaque, a carta que o padre visitador Domenico Mozzicarelli enviou à madre.

A Superiora Geral das “Pobres Filhas de Santo Antônio” trouxe ao meu conhecimento o pedido feito pelas irmãs residentes no Brasil para separarem-se do Instituto.

Compreendeis bem que tal pedido surpreendeu a todos, exceto a mim. Não entro no mérito da questão, mas gostaria de pedir-vos, se conservais ainda um pouco de sensibilidade sobrenatural, logo aberta esta carta, ide à capela, ajoelhai diante de Jesus Sacramentado e fazei um pouco de meditação sobre o trecho que se segue:

“COM O CRUCIFIXO ENTRE AS MÃOS PROMETO E JURO permanecer FIEL ao Instituto abraçado e continuar a doar-me com a mesma chama apostólica pelo seu desenvolvimento e próspero futuro. PROMETO-VOS, com a ajuda da graça, fazer tesouro dos vossos sábios e iluminados conselhos e MOSTRAR-ME OBEDIENTE, SUBMISSA E DÓCIL À VOZ DA SANTA MADRE IGREJA E DOS MEUS LEGÍTIMOS SUPERIORES. Perdoai-me por amor de Deus o meu excessivo zelo INDISCRETO, a favor das irmãs jovens, QUE PODIA CAUSAR UM GRAVE PERIGO PARA O INTEIRO INSTITUTO”

Reconheceis de quem é esta promessa e este juramento? Foi escrito por vossa mão. O que pensais agora? Fostes fiel a tal solene juramento? Fazei um SÉRIO exame de consciência!

E em 2/8/54, aquelas mesmas irmãs, que assinaram convosco o pedido de separação, escreviam-me do Brasil: "Como verdadeiras filhas da Igreja e como dignas seguidoras de Jesus Crucificado, VOS REPETIMOS, Reverendo Padre Visitador, ASSIM COMO ESCREVEMOS PARA A REVERENDA MADRE GERAL, isto é: EMPENHAMO-NOS EM PRESTAR OBEDIÊNCIA, SUBMISSÃO E RESPEITO À SANTA MADRE IGREJA E AOS LEGÍTIMOS SUPERIORES, PERMANECENDO FIELMENTE COMO SÚDITAS, MOSTRANDO-NOS HUMILDES E CONSCIENTES DO NOSSO DEVER E DA NOSSA VOCAÇÃO RELIGIOSA... Venha nos visitar, Padre, porque somos felizes de poder manifestar-vos com viva voz o nosso reconhecimento, a NOSSA FIDELIDADE E A NOSSA FILIAL DEVOÇÃO, MOSTRANDO-VOS COM OS FATOS o que hoje vos afirmamos COM TANTA SEGURANÇA E SERIEDADE".

Estas palavras, aparentemente sinceras, escritas depois da vossa volta ao Brasil, confirmam visivelmente o vosso juramento. Relede isso junto àquelas que vós chamais "as minhas queridas filhas" e vereis quanta "seriedade" há nestas promessas. (MOZZICARELLI, 1956, grifos originais)

O padre, de passagem pela congregação italiana e representante papal nas visitas de acompanhamento do trabalho eclesialístico no Brasil, criticou duramente a posição de madre Leônia Milito e questionou a sua influência sobre as demais religiosas que manifestaram solidariedade anteriormente. Contudo, a resposta da madre a esta carta reforça a hipótese levantada neste trabalho, de que a religiosa se projetava como uma personalidade de destaque e influência no grupo que, diferente de outrora, se apresentava como uma figura em constante missão e que, humilhada em Cristo, interpretava os sinais divinos para dar continuidade aos seu trabalho religioso junto das demais companheiras do grupo.

Com serenidade de espírito e tranquilidade de consciência, respondo à sua de 3 de dezembro passado.

Lembro-me muito bem o que me foi imposto para escrever e prometer com juramento, no ano de 1954, como também me lembro das promessas e dos cuidados que tiveram comigo para induzir-me a declarar que eu sozinha era a culpada e a vítima do que se me imputava. Eu, com a força que me veio somente da graça de Deus, submeti-me, dócil como um cordeiro, a tudo o que me foi pedido, na certeza de que tanto sacrifício seria útil pela paz, pela fraternidade e pela unidade do Instituto ao qual dei vinte e dois anos de vida, gastos somente para glorificar a Deus e consumir-me, gota a gota, para vê-lo progredido e difundido. Continuei a dar provas de fidelidade por quase três anos nesta terra à qual, por obediência fui destinada, e teria continuado a resistir até a morte, se os últimos acontecimentos, causados não sei por quem e por que, não me colocassem em condição tais de consciência de levar-me a fazer o que vós já conheceis.

Rezei e resisti enquanto vi que não poderia haver perigo para a minha alma, mas, verificando que, apesar de todos os meus esforços, nós estávamos sempre propensas à desconfiança, na dúvida e numa absoluta incompreensão, convenci-me de que somente com tal decisão poderia fechar este doloroso parêntese e continuar a trabalhar, cada uma no próprio campo de apostolado, de acordo com o ideal e a missão abraçada.

Para o momento, não devemos perscrutar os segredos da Divina Providência, nem podemos condenar e julgar as ações que se fazem, mas chegará um dia em que, na justiça e na verdade, nós conheceremos tudo na plena realidade.

Portanto, deixemos tudo nas mãos de Deus, rezando, trabalhando, sofrendo e perdoadando.

Humilíssima em Cristo. (LEÔNIA MILITO, 1956)

Após a morte da mãe, Gonzales Neto (1992, p. 92) traz uma ressignificação do discurso apresentado na resposta de Leônia Milito – “[...] admiráveis e proféticas palavras encerram esta carta serena, objetiva e sincera, carta essa que foi a última enviada ao padre visitador [...]” –, evidenciando uma espécie de profecia da religiosa em meio a um momento tão conturbado como a ruptura com sua antiga congregação. Contrariando as demais autoridades do período, a característica de serenidade atribuída à Leônia Milito ganhou um destaque a fim de erigir a ideia de que ela tinha consciência do que viria nos anos seguintes, de modo a colocá-la como alguém que tivesse um conhecimento para além dos demais religiosos que a contestavam.

Ainda que estivessem num período de crise, conforme as cartas apresentadas, o grupo que se encontrava no Brasil até então, se mostrou bastante surpreso com a chegada da resposta das últimas cartas em julho de 1957, na qual o grupo italiano oficializou não somente a separação política como proposto em outubro do ano anterior, mas a expulsão de mãe Leônia Milito e sua secretária, Tarcísia Gravina. Tal decisão ocasionou a dispensa dos votos religiosos e, conseqüentemente a exoneração dos cargos ocupados. Na resposta do pedido de separação, o Núncio Apostólico D. Armando Lombardi – representante diplomático papal no Brasil –, sabendo da influência de mãe Leônia Milito, deixou aberto o canal de comunicação para que as outras religiosas que não quisessem permanecer no instituto pudessem se manifestar.

Antes da oficialização deste evento, D. Geraldo Fernandes que, após sua nomeação já interferia diretamente na situação na crise das religiosas com as Pobres Filhas de Santo Antônio, manifestou em carta para a mesma nunciatura diversos medos que as religiosas tinham em meio a tal situação: “[...] Elas continuam a recorrer a mim para tudo. Por isso é que elas vieram até aqui para me consultar. Elas têm medo de serem obrigadas a ir para a Itália e que, lá chegando, as sequestrarem para depois fazer o que bem entendam [...] (BIJOS, 1957). O trecho selecionado evidencia a tensão presente ao longo deste período de crise religiosa, finalizado com a expulsão de ambas religiosas somado a uma outra manifestação (CARTA MANIFESTO, 1957) das colegas missionárias que solicitaram a dispensa dos votos, assim como foi ordenado para as duas expulsas. Tal ação potencializou – e ainda potencializa nas ressignificações do presente – a figura de mãe Leônia Milito enquanto uma líder, quase que predestinada a ter suas(eus) devotas(os) desde a década de 1950.

A narrativa memorialística de Gonzales Neto (1992) torna evidente a maneira pela qual a interpretação da ruptura na década de 1990 se alinha a trajetória de uma

personalidade em processo de canonização. Para o autor, madre Leônia e a irmã Tarcísia foram vítimas de uma perseguição por parte do grupo italiano, o que contribui para a consagração religiosa por se aproximar do martírio. Na sua condição de narrador da história das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret, Gonzales Neto se envolve junto da história da congregação londrinense ao expressar adjetivações e os interesses presentes na produção de sua obra, portanto, um memorialista na categoria proposta por Adum (1991). Ainda que analise diversos documentos históricos, sobretudo as cartas trocadas entre as autoridades religiosas na década de 1950 na primeira parte da obra, sua narrativa converge para a ideia de canonização de madre Leônia Milito. Sobre a consolidação da expulsão das religiosas da congregação italiana, por exemplo:

[...] As últimas palavras desta carta exprimem muito bem a situação vivida desde o final de 1953 por madre Leônia, irmã Tarcísia e envolvendo também o grupo missionário italiano, na medida em que, por lealdade e convicção, associou-se às duas religiosas perseguidas. O sofrimento desse período foi intenso. Com a expulsão, a derrota do grupo missionário parecia selada, humanamente falando. Contudo, a derrota era apenas momentânea, pois o que dela resultou superou toda a expectativa e cálculos humanos.

A ruptura, finalmente concretizada, encerrou um período tenso e doloroso em que, mais uma vez, os embates humanos foram instrumentos dos desígnios da Providência. (GONZALES NETO, 1992, p. 104)

A partir desta narrativa, podemos elencar uma breve síntese da trajetória de vida de madre Leônia que busca se alinhar com a história de vida de outras personalidades sagradas dentro e fora do catolicismo: natural de outro país, iniciou sua jornada religiosa num pequeno grupo religioso; em missão, chegou em terras estrangeiras para dar continuidade ao seu trabalho; foi perseguida por indivíduos que não concordavam com suas práticas; erigiu uma nova congregação religiosa após a ruptura com os antigos perseguidores; junto da fundação, levou consigo dezenas de seguidoras que também romperam em discordância do antigo grupo e em solidariedade à religiosa; poucos anos depois teve sua vida interrompida tragicamente num acidente de carro, em meio à missão religiosa; aproximadamente dez anos após sua morte, foi iniciado o processo de canonização. A sucessão desses acontecimentos se configura como elementos que compõem a hagiografia de Leônia Milito. Nesse sentido, a trajetória de vida apresentada até aqui demonstra características fundamentais para a escrita da história de uma personalidade santificada:

[...] A hagiografia é, a rigor, um *discurso de virtudes*. Mas o termo não tem senão secundariamente, e nem sempre, uma significação moral. Ele se aproxima mais do extraordinário e do maravilhoso, mas apenas enquanto estes são signos. Designa o exercício de “poderes” ligando-se aos *dunameis* do Novo Testamento e articulando a ordem do parecer com a ordem do ser. O “poder” representa a relação entre esses dois níveis e mantém sua diferença. Essa mediação compõe todo um leque de representantes, desde o martírio ou o milagre até a ascese ou o cumprimento do dever do Estado. Cada vida de santo oferece uma escolha e uma organização próprias dessas virtudes, utilizando para este fim o material fornecido seja pelos fatos

e gestos do santo, seja pelos episódios pertencentes ao fundo comum de uma tradição. As “virtudes” constituem *unidades* de base; sua rarefação ou sua multiplicação produz no relato efeitos de retorno ou de progresso; suas *combinações* permitem uma classificação das hagiografias. (CERTEAU, 1986, p. 298, grifos originais)

Leônia Milito ainda não é considerada como uma santa, porém está no processo de reconhecimento de suas ações para conferir tal titulação. No entanto, pode-se considerar que a obra de Gonzales Neto (1992) busca uma organização inicial das virtudes, a unidades de base para a construção de uma personalidade santa apontadas por Certeau (1986). Ao interpretar que os resultados da ruptura superaram as expectativas e cálculos humanos, demonstra atribuir à religiosa ações sacras de modo consciente desde aquele período, mesmo não sendo o que as cartas documentadas do período demonstram. As cartas evidenciam justamente as angústias, o sofrimento, o clima de incertezas gerado a partir da relação Itália-Brasil e, é sua narrativa anacrônica, em um momento ímpar de início do processo de canonização daquela que pode vir a se tornar a primeira beata londrinense, que ressignifica todo o processo histórico da década de 1950. Ou seja, os sinais humanos expostos nas cartas e em sua análise são interpretados como uma espécie de provações, no sentido religioso do termo, ao longo da trajetória de madre Leônia Milito na qual, com sua santificação chegaria à redenção. Nesse raciocínio, Certeau (1986) aponta duas concepções gerais na edificação hagiográfica:

[...] Na primeira perspectiva, os milagres se tornam secundários; pode-se relativizá-los ou apagá-los como a um acréscimo indiscreto. Na segunda, as virtudes aparecem como preâmbulos e combates que preparam o desvelamento miraculoso do essencial. Ter-se-á, portanto, a vida de santo que vai da ascese aos milagres através de uma progressão em direção à visibilidade ou, pelo contrário, que visa, para além dos primeiros prodígios, às virtudes comuns e “ocultas” da “fidelidade nas pequenas coisas”, traços da verdadeira santidade. (CERTEAU, 2011, p. 299)

O caso de Leônia Milito, a partir da obra de Gonzales Neto (1992) e as discussões realizadas até aqui, se aproxima da segunda perspectiva apontada por Certeau (1986). Considerada enquanto serve de Deus, a etapa inicial do processo, a figura da religiosa necessita da aprovação de suas virtudes individuais pela doutrina eclesiástica para ser elevada às próximas etapas do processo de canonização. Nesse sentido, suas virtudes individuais são salientadas a fim de construir a representação de uma personalidade fiel ao seu propósito missionário no momento de ruptura com sua antiga congregação religiosa, fundação do novo grupo e em suas ações nas décadas seguintes. Sua história foi construída num sentido em que a as unidades de base para a santidade aparecem progressivamente em características humanas comuns dotadas de fidelidade com seus objetivos pessoais e religiosos – observadas nas cartas –, ao sair de seu país de origem, da condição de uma religiosa submissa aos seus superiores, até serem interrompidas pelo acidente automobilístico fatal. Sua trajetória de vida foi interrompida em meio à

missão, o que implicou diretamente na maneira pela qual a religiosa é representada na contemporaneidade.

41 DA RUPTURA À FUNDAÇÃO DA NOVA CONGREGAÇÃO RELIGIOSA: PIONEIRISMO ASSISTENCIAL EM LONDRINA

Com a consolidação da ruptura de Leônia e Tarcísia em 1957, D. Geraldo Fernandes convidou as irmãs para organizarem uma nova congregação. Entre os anos de 1956 quando a crise de ruptura foi intensificada até a fundação do novo grupo em 1958, as religiosas se ocuparam em organizar os trabalhos de cunho missionário e assistencial na região norte do Paraná. Para Gonzales Neto, “[...] não restava às irmãs no Brasil outro caminho senão incorporar-se em outra Congregação religiosa ou seguir um caminho próprio pela fundação de uma nova família religiosa” (GONZALES NETO, 1992, p. 104). O bispo, pertencia a congregação dos claretianos¹², assemelhava-se com os ideais missionários das religiosas, mudaram-se para o norte paranaense e decidiram formar um novo grupo religioso na cidade, sob a justificativa de que o município, numa vertiginosa expansão, teria a necessidade de trabalhos de cunho assistencial frente ao aumento da desigualdade social devido ao veloz e brusco desenvolvimento econômico. Como forma de agradecimento pela acolhida de D. Geraldo Fernandes, as religiosas solicitaram a utilização do nome do santo Antônio Maria Claret para o grupo de missionárias, fundador do grupo claretiano ao qual o bispo pertencia.

Em conformidade com as premissas eclesiais que antecederam o Concílio Vaticano II na década de 1960, a diretriz do catolicismo consistia em aumentar a proximidade com os indivíduos, trabalhar de forma mais direta com as camadas mais baixas da sociedade. Em razão do crescimento de Londrina ao longo das décadas de 1940-1950 e a ocupação por diversas etnias e populações denominadas como não-cristãs, a ação religiosa, sobretudo a atividade missionária deveria ter uma atenção especial para que a parcela católica do norte do Paraná não diminuísse o número de fiéis para outras religiões, religiosidades e ideologias políticas, como era o caso do socialismo no pós-guerra. Há de se destacar que o campo religioso em Londrina era bastante diverso durante este período com diversas manifestações de religiões e religiosidades. Nesse sentido, serão apresentadas a seguir o panorama geral de cinco religiões que ocuparam uma posição de destaque concomitante ao catolicismo em Londrina entre as décadas de 1930 e 1950.

No cenário nacional, o Espiritismo disputava espaço nas práticas de caridade e de assistência social com o Catolicismo que, por sua vez, estava alinhado ao governo varguista e constituía uma renovação das relações entre a religião e o Estado solapadas no início da República. No entanto, apesar da concorrência, o Espiritismo estabeleceu uma

12 A Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria, também conhecidos como Missionários Claretianos, foi fundada em 1849 por Antônio Maria Claret, que posteriormente se tornaria um santo (MISSIONÁRIOS CLARETIANOS, s/d). D. Geraldo Fernandes iniciou sua vida religiosa no grupo e, junto de Leônia Milito, fundou em Londrina uma outra congregação feminina inspirada na mesma figura santa, as Missionárias de Santo Antônio Maria Claret.

“tensa harmonia” com o governo Vargas (MIGUEL, 2010). Na década de 1930 os centros espíritas já possuíam notoriedade em Londrina ao desempenhar um papel assistencialista aos grupos que chegavam à cidade no processo de recolonização, com destaque para o Centro Espírita Nosso Lar, fundado em 1935 (NOSSO LAR, s/d).

No acirramento do campo religioso em Londrina também se destacam as de matrizes africanas, como o Candomblé. Para Adolfo (1997), a presença da religião em Londrina enquanto atividade organizada remonta a década de 1950 segundo a documentação, no entanto, a prática informal de pessoas ligadas a esta atividade acontecia nas décadas anteriores. Paralelamente, a Umbanda também se popularizou na cidade no mesmo período com a união de crenças do catolicismo, espiritismo e candomblé. Muitas vezes confundida com esta última pela proximidade de práticas, a cidade apresentou uma particularidade entre estas manifestações a partir da década de 1950, encontrava-se em Londrina “[...] uma espécie de ‘candomblé umbandizado’, onde as posturas ‘ortodoxas’ do candomblé são atenuadas pela adoção de práticas da umbanda que por ser uma religião universal acaba sendo mais facilmente praticada e difundida [...]” (FONSECA, 2001, p. 227).

No que se refere as religiões orientais, o budismo, assim como o Candomblé, passou pelo mesmo processo de institucionalização na década de 1950 ainda que suas práticas informais estivesse presentes desde o início do século XX. Os primeiros templos budistas surgiram na década de 1950 em Londrina num contexto de enraizamento das religiões japonesas no Brasil “[...] em virtude do processo de urbanização e a ascensão econômica dos nikkeis, da derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial e do término da ditadura Vargas (marcado pela repressão às práticas não nacionais) [...]” (MAEYAMA, 1973 apud LUIZ; ANDRÉ, 2017, p. 5).

Dentre todas as religiões supracitadas, a que mais disputou espaço com o Catolicismo e as práticas assistenciais foi o Protestantismo. As primeiras igrejas presbiterianas e metodistas se estabeleceram em Londrina e Maringá no início da década de 1930, paralelamente ao empreendimento da CTNP na porção norte do estado. Para Proença (2009), os protestantes tiveram certo sucesso em relação aos católicos no que se refere às estratégias adotadas para conquistarem seguidores:

Durante muito tempo, adeptos do Catolicismo no Brasil ficaram privados da leitura bíblica. Até a década de 1960, a Bíblia era basicamente lida somente durante as missas, e isto em latim. Cabia ao sacerdote proceder à leitura e nas homilias explicá-la aos fiéis. Temia-se que a leitura feita pelos “leigos” pudesse suscitar interpretações errôneas levando-os a incorrer em heresias. Daí ter havido uma constante vigilância por parte da igreja em relação às frequentes tentativas por protestantes de distribuir tais literaturas entre católicos. Esta estratégia adotada pelo protestantismo acabou surtindo efeitos no contexto de Londrina e Maringá. Houve nesta região um progressivo trabalho de propagação desta literatura no momento em que ocorria a colonização norteparanaense. Além da distribuição de Bíblia efetuavam-se pregações nos lares, para as quais vizinhos católicos eram convidados, bem como pelos sistemas de alto-falantes afixados nos templos. (PROENÇA, 2009, p. 54)

O acesso a leitura do texto bíblico na língua vernácula foi fundamental para que o protestantismo ganhasse espaço frente ao catolicismo na disputa da influência das religiões cristãs e gerasse preocupação na parcela católica de Londrina que, além de temer a perda de fiéis para outros segmentos religiosos, também temia o alastramento do socialismo na região. Sob a orientação dos missionários capuchinhos, a disputa entre católicos e protestantes também contou com episódios de queima coletiva de Bíblias protestantes distribuídas para os católicos em diversas cidades norte-paranaenses nas décadas de 1940- 1950 com a narrativa de que os livros distribuídos eram falsos e poderiam aproximar os leigos católicos de práticas de heresia (PROENÇA, 2009).

Nesse sentido, o cenário do campo religioso em Londrina apresentava uma diversidade de manifestações religiosas que se institucionalizavam e ocupavam espaços na cidade frente as necessidades do período. É nesse contexto de elaboração de estratégias para a evangelização, conversão de fiéis e trabalho com as camadas mais baixas da sociedade que o propósito de fundação da congregação das missionárias de Santo Antônio Maria Claret está inserido.

Ainda em 1957, o grupo se mudou para Londrina a convite de D. Geraldo Fernandes que, naquele momento, realizava um papel de mentor das religiosas recém separadas da antiga congregação. Ele havia tomado posse do bispado em 17 de fevereiro de 1957 e aproximadamente quatro meses depois, em 31 de julho, o grupo chegava na casa que o bispo havia preparado para acomodá-las. Considera-se que esta casa é o berço das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret as quais iniciaram seus trabalhos no mesmo ano e residiram até o final da década de 1990 (GONZALES NETO, 1992).

Ao longo do processo de canonização de Leônia Milito essa construção foi transformada – com poucas alterações estruturais – num espaço de memória utilizando os cômodos, objetos e mobiliário originais da congregação. Em 2006 foi inaugurada a Casa de Memória Madre Leônia Milito, um espaço dedicado a memória da fundadora e, de forma indissociável, a história da congregação religiosa. Em 2011, a casa berço obteve maior notoriedade política e social a partir da assinatura da lei municipal Nº 11.458/2011 que reconheceu o espaço como um local de interesse histórico, turístico e cultural na cidade. Na imagem a seguir está o registro fotográfico do imóvel no ano de fundação da congregação religiosa.



Figura 05. A “Casa Berço”, primeira sede da Congregação das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret. Atualmente o local abriga a casa de memória Madre Leônia Milito. Final da década de 1950. Autor Desconhecido/Acervo Instituto Coração de Maria.

Há uma inscrição “Berço da Congregação” na fotografia em letras adornadas, o que indica uma manipulação a *posteriori*. No segundo plano, está a casa propriamente dita, uma construção simples, mas ampla para abrigar as moradoras. Ao fundo da fotografia encontram-se árvores, o que sugere a existência de uma mata ou um pequeno bosque no perímetro da residência, algo característico do período. No entanto, a fotografia – que hoje se encontra na entrada da Casa de Memória Madre Leônia Milito e em outras reproduções nas dependências do complexo homônimo, localizado ao lado da casa de memória – pode ser considerado como um elemento de materialização da edificação na medida em que representa o início da trajetória de uma congregação que alavancou a personalidade de Leônia Milito, enquanto uma figura repleta de santidade para o grupo religioso. O nascimento da congregação e, conseqüentemente a edificação da casa berço, foram ressignificadas ao longo do tempo a fim de consolidar a ideia do local de início do trabalho missionário e assistencial já predestinado de Leônia Milito, potencial personalidade para transformar o local em um espaço de peregrinação religiosa a partir de sua canonização.

Como apontado, uma parcela significativa das ações relacionadas à assistência social não ficou sob responsabilidade direta da prefeitura, mas sim de personalidades e instituições, na maioria religiosas. Para Jolinda Alves (2013), os primeiros trabalhos de assistência social em Londrina foram desempenhados por alguns indivíduos que ocuparam

posições privilegiadas na cidade em decorrência do “Eldorado Cafeeiro”. Eles que “[...] iniciaram ações de solidariedade e caridade aos que não tinham condições de sobreviver com dignidade na ‘Terra Prometida’ [...]” (ALVES, 2013, p. 331). Nesse sentido, D. Geraldo Fernandes, enquanto autoridade religiosa no final da década de 1950 é considerado um pioneiro nas ações assistencialistas da cidade uma vez que, junto de sua posse como bispo da recém fundada diocese de Londrina trouxe também um grupo de missionárias religiosas recém separadas de sua antiga congregação para que pudessem realizar seus trabalhos na cidade em crescente expansão. Um de seus objetivos enquanto primeiro bispo do município era trazer “numerosas congregações religiosas masculinas e femininas”, conforme apontado em seu plano episcopal (FOLHA DE LONDRINA, 1982).

A partir das orientações do bispo, sob o lema de “alegria e bondade” com o objetivo de atender as populações mais pobres, a fundação da congregação foi oficializada em 1958. Como apontado, ainda que seja anterior a realização do concílio da década de 1960, os grupos religiosos no Brasil já estavam inseridos neste processo histórico. A documentação produzida nos anos subsequentes confirmou esse plano de ação religiosa na qual as orientações se alinhavam a imitação da caridade e humildade de Cristo, bem como abraçar a pobreza e renunciar suas próprias vontades (GONZALES NETO, 1992)

Com a fundação da nova congregação religiosa, o acirramento do campo religioso na cidade e as disputas das instituições religiosas na área da assistência social, foi possibilitado a madre Leônia Milito e D. Geraldo Fernandes uma posição de destaque enquanto fundadores do grupo, mas também no cenário político e social da cidade que tem seus desdobramentos até a atualidade. A casa de memória dedicada à religiosa, por exemplo, também possui um espaço físico exclusivo sobre a vida de D. Geraldo Fernandes aos quais serão aprofundados no terceiro capítulo deste livro. Além disso, como elemento de relevância destas personalidades, ambos dão nome a diversos lugares de memória no território norte paranaense, como a capela construída no local em que a madre sofreu o acidente, os restos mortais do bispo localizado na catedral metropolitana de Londrina, os restos mortais da madre na capela do complexo que leva seu nome e até mesmo a importantes avenidas do município que tornam a memória de suas personalidades ainda mais presentes no imaginário social, pois se manifestam material e imaterialmente no espaço da cidade e, quanto mais manifestações, maior a presença simbólica destes.

Ressalta-se aqui que não temos como objetivo aprofundar detalhadamente a maneira pela qual se deram os trâmites da criação e nem das ações específicas das missionárias de Santo Antônio Maria Claret, isso demandaria esforços que, além de trazer um número ainda maior de documentos a serem analisados, extrapolariam os limites deste trabalho. O nosso interesse transita na maneira pela qual essas personalidades, sobretudo madre Leônia Milito em processo de canonização, foram colocadas como figuras de destaque na cidade. Além disso, é também nosso interesse analisar como os discursos políticos de determinados grupos sociais, muitas vezes herdeiros das elites econômicas do período do

Eldorado ou do pioneirismo norte paranaense, possibilitaram moldar e erigir tal posição de destaque aos dois.

A começar por D. Geraldo Fernandes, o destacamento nas questões sociais e eclesiais se devia ao fato de que, na sua condição de primeiro bispo e arcebispo¹³ da cidade esteve ligado diretamente a política do município, além de ser considerado um exímio estadista pelos seus pares (SCALASSARA, 2015), o pioneirismo nas ações assistencialistas no âmbito da saúde e educação do município na década de 1950 (ALVES, 2013) e o título de Cidadão Honorário de Londrina (LONDRINA, 1961; BONINI, 2013), revelam sua notoriedade social e política. Além disso, num outro momento da pesquisa sobre a congregação (GARCIA, 2017) foi possível notar a sua representatividade no município, de modo a transcender as atividades religiosas, a partir da numerosa quantidade de fotografias do acervo do Museu Histórico de Londrina (MHL) e nos álbuns fotográficos do Instituto Coração de Maria de D. Geraldo Fernandes em câmaras municipais, eventos nas prefeituras da região, inauguração de obras públicas e diversas imagens ao lado de notórias figuras públicas do cenário político entre as décadas de 1950 e o início dos anos 1980.

Outro elemento relevante para compreender a(s) construção(ões) da(s) memória(s) da mãe e do bispo enquanto componentes identitários do grupo religioso para além da fundação, são as formas de suas mortes. Novamente, a hipótese levantada aqui é que, não só a vida de ambos, mas sobretudo o encerramento delas, foram fundamentais para constituir a identidade do grupo religioso no presente. A identidade é mutável, adaptável e objeto de disputa e “[...] constitui, mais que um mecanismo de auto referência, mecanismos de exclusão, de estabelecimento de fronteiras e de busca de diferenças e incompatibilidades para legitimar interesses ou defender-se de ameaças [...]” (MENESES, 2003, p. 266). Nesse sentido, o aspecto identitário e, conseqüentemente a memória coletiva das missionárias de Santo Antônio Maria Claret buscam referências nessas duas figuras, sobretudo a da mãe enquanto mulher de um grupo exclusivamente feminino sob o interesse de erigir uma figura santa de Londrina.

Como descrito na introdução deste trabalho, mãe Leônia Milito faleceu em um acidente automobilístico em 22 de julho de 1980 na rodovia BR-369 na cidade de Cambé (PR), vizinha do município de Londrina. Além da própria religiosa, dentro do carro havia outras quatro colegas de congregação: mãe Tarcísia Gravina, irmã Eucarística, irmã Aparecida Herreiro e irmã Ana Bruscato. Contudo, a única vítima fatal foi Leônia Milito, sentada no banco traseiro do Fusca. A morte da líder das missionárias de Santo Antônio Maria Claret além de representar um marco na história do grupo religioso, também motivou a construção de ressignificações sobre a história, memória e identidade da congregação religiosa nas quais aprofundaremos tais análises nas próximas páginas.

¹³ A condição de arcebispo se dá em decorrência da elevação do nível de diocese para arquidiocese. Tal mudança ocorreu em 31 de outubro de 1970 na cidade de Londrina (PR) (ARQUIDIOCESE, s/d).

D. Geraldo Fernandes faleceu em 29 de março de 1982 de parada cardíaca e embolia cerebral em decorrência de complicações cardiovasculares após a realização de uma cirurgia em meados de fevereiro daquele ano. Em entrevista para o MHL, Vitor Gropelli, também padre e amigo próximo, apontou com maiores detalhes a partir de sua memória como foi a estadia do religioso em São Paulo ao longo de seu tratamento de saúde (SCALASSARA, 2015). Após sua morte, o corpo ficou exposto à visita pública durante dois dias na catedral metropolitana de Londrina e contou com a presença de aproximadamente 100 mil pessoas que prestaram as últimas condolências (FOLHA DE LONDRINA, 1982).

Diferente de D. Geraldo Fernandes, madre Leônia Milito teve sua vida interrompida por fatores externos, um acidente de carro. Ou seja, sob a ótica religiosa, a interrupção de sua missão representou também uma motivação para que a congregação pudesse dar continuidade ao seu legado. Ainda que também fosse um fundador junto da religiosa, a morte do bispo não constituiu a mesma representatividade dentro do grupo. Assim como a morte por causas naturais, da madre Eucarística em 2011 (COSTA, 2011), que esteve no acidente que levou Leônia Milito ao óbito e é considerada uma das fundadoras das missionárias de Santo Antônio Maria Claret como membra do primeiro Conselho Geral do grupo pelo próprio D. Geraldo Fernandes. A madre Tarcísia Gravina, vítima de uma parada cardíaca aos 93 anos em 2021 (ARQUIDIOCESE DE LONDRINA, 2021), trabalhou junto de Leônia Milito desde a década de 1940 na antiga congregação de ambas, participou ativamente no processo de ruptura com as Pobres Filhas de Santo Antônio e se difere na questão representativa e identidade do atual grupo religioso.

Nesse sentido, podemos afirmar que a morte de Leônia Milito trouxe uma nova identidade para a congregação ao passo que a história das missionárias se aproxima, se complementa e se confunde com a própria trajetória de vida da religiosa. Até mesmo a obra de Gonzales Neto (1992) intitulada como “História da congregação das missionárias de Santo Antônio Maria Claret” dedica apenas uma dezena de páginas – das 280 do total do livro – para os eventos posteriores a morte dos fundadores. O livro nesse sentido, produzido a pedido da congregação enquanto se organizava a documentação para dar início ao processo de canonização, pode ser considerado um lugar de memória dedicado a organizar as operações que não naturais referentes a memória de madre Leônia Milito e a história da congregação religiosa por ela fundada (NORA, 1993).

O discurso memorialista em torno de uma personalidade comum até sua morte trágica busca potencializar a memória – e, conseqüentemente, a história do grupo – ao projetar sua principal liderança sob representações sacralizadas. Assim, na tentativa de evidenciar Leônia Milito enquanto um símbolo do catolicismo e da assistência social em Londrina frente às demais manifestações religiosas do norte paranaense, uma série de ações correntes se configuram como práticas que permitem que sua presença simbólica seja uma constante não apenas no âmbito religioso, mas também em espaços públicos. O

próximo capítulo tem como intenção analisar os impactos destas ações a partir do discurso abordado até aqui, bem como a maneira pela qual a construção da memória santificada desta personalidade feminina interage com a história da cidade e passou a protagonizar a história das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret.

A MEMÓRIA SE MATERIALIZA: A (ONI)PRESENÇA DE MADRE LEÔNIA MILITO

Como vimos no primeiro capítulo, no período de ouro do café na região norte do Paraná na década de 1940 e 1950, foram erigidas narrativas que privilegiaram os grupos sociais mais poderosos da porção setentrional do estado. Ao mesmo tempo em que a economia da cidade cresceu, as contradições deste desenvolvimento também foram ampliadas. Como marcas desse processo, a cidade também abrigou uma série de mazelas sociais, como, por exemplo, a intensificação da pobreza, a prostituição, a chegada de imigrantes considerados pagãos que, em diversos momentos, foram silenciados frente ao discurso de promessa, inicialmente dado como único “na terra em que se pisa em dinheiro”. Paralelamente, as mudanças nas diretrizes do catolicismo voltadas para a aproximação da instituição com os indivíduos, somada à escassez de ações políticas diretas do poder público para com essas parcelas da sociedade, foram elementos fundamentais para que a assistência social também fosse parte do campo de trabalho religioso no Brasil.

Nesse sentido, o grupo das missionárias de Santo Antônio Maria Claret se destacou na cidade de Londrina por trabalhar com a camada mais pobre da região a partir do final da década de 1950, período ambíguo de desenvolvimento econômico e crescimento da pobreza na extensão norte do Paraná. Ao ser expulsa de seu antigo grupo religioso, Leônia Milito, até então subordinada à outras religiosas, saiu da vida comum ao se tornar líder de uma congregação e, após sua morte, com a construção de sua memória santificada, tornou-se uma figura protagonista e (oni)presente na cultura material, nos discursos das correligionárias e na identidade da congregação.

O último capítulo deste livro tem como objetivo investigar a maneira pela qual o discurso memorialista empregado com maior vigor no final dos anos 1980 e início da década de 1990 impactou na cultura material da congregação religiosa. E, paralelamente, nas ações desenvolvidas no cotidiano, a fim de fortalecer a figura de Leônia Milito enquanto uma personalidade santificada após a interrupção de sua vida com o acidente trágico, ao qual podemos considerar como parte de sua trajetória missionária, de vida e morte em missão, na perspectiva religiosa. Há de se ressaltar que os objetos e lugares analisados nas próximas páginas foram selecionados de acordo com a sua relevância no presente pelo grupo enquanto produtores de memórias e novos significados pautados nos fundadores, sobretudo a madre.

1 | ENTRE JARDINS, SALAS E ARQUIVOS: O BATISMO DA MEMÓRIA PELOS LUGARES

“Eu vos tenho todos sempre presentes e de todos me lembro com afeto” (Me. Leônia - 10/06/1975) é a inscrição de uma das placas que recebem os visitantes que caminham

pelo jardim em direção à casa de memória madre Leônia Milito no complexo homônimo. A antiga casa berço do grupo religioso atualmente abriga uma exposição sobre a história da congregação e memória de seus dois principais fundadores, Leônia Milito e D. Geraldo Fernandes. O jardim é composto por uma variedade de plantas e flores que embelezam o caminho de pedras que conduz até a entrada das exposições. Segundo as religiosas que orientam os visitantes e cuidam do espaço, Leônia Milito tinha um grande apreço pelos adornos florais e as plantas que enfeitavam a casa berço e o pátio do Instituto Coração de Maria. Assim, zelar pelos jardins é uma maneira de representar a própria religiosa no presente. Não obstante, nos fundos das edificações do complexo há um bosque idealizado pela própria religiosa ainda em vida. Nesse sentido, até mesmo os espaços verdes do complexo remetem à figura de Leônia Milito e marcam sua presença. A frase que recepciona os visitantes amplia o sentido desta representação, estando localizada junto das imagens dos líderes religiosos, sendo outro elemento que evoca a figura simbólica dos fundadores nas áreas externas do instituto, como pode-se observar na figura 06.



Figura 06. Painéis do jardim da casa “berço” da Congregação das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret. Da esquerda para a direita, Madre Leônia Milito e D. Geraldo Fernandes representados, 2018. Do autor/Acervo pessoal.

Os dois painéis localizados em frente aos respectivos espaços destinados à memória dos fundadores e da história do grupo religioso fazem parte do caminho do visitante direcionado à entrada das salas de exposição. Ambos estão entre as folhagens do jardim

que, como mencionado, sugerem a presença simbólica de Leônia Milito. É importante ressaltar que as duas imagens impressas nos painéis foram manipuladas digitalmente, tanto Leônia Milito quanto D. Geraldo Fernandes tiveram suas imagens recortadas de outras fotografias arquivadas no Instituto Coração de Maria para serem reproduzidas na recepção daqueles que desejam conhecer a casa de memória.

No que se refere ao cenário à direita, abaixo da fotografia manipulada de D. Geraldo Fernandes, há uma frase de seu testamento espiritual apontado no próprio banner: “‘Eu acredito que este mundo pode ser e ainda será muito feliz. Isso depende só de nós!’ (D. Geraldo, Testamento Espiritual 25/11/1978)”. O trecho, inserido em um momento fora de seu contexto histórico de produção, desconhecendo-se sua referência completa, representa uma possível crença do bispo de que a felicidade é algo ligado diretamente à índole e vontade própria do indivíduo, independente de outros fatores. Da mesma forma, ao ser analisada isoladamente do período de sua escrita, a frase se assemelha e possivelmente apropriou-se do discurso da felicidade (ADUM, 2013) veiculado na cidade durante a década de 1940-1950, abordado no primeiro capítulo do trabalho, como se a prosperidade financeira, a felicidade ou a pobreza e miséria dependessem da moral individual daqueles que chegavam no território.

Em especial a pose da mãe, sorrindo de braços abertos para a câmera, pode ser encontrada em diversas outras ferramentas de divulgação difundidas pelo grupo, como no símbolo das missionárias claretianas, na entrada do complexo, no convite para a benção dos carros e motos¹, no site oficial da instituição, camisetas e em outros materiais em que ela está incorporada. A representação de quem dá boas-vindas está inserida conforme a disposição do espaço em que se encontra, no caso do jardim, o fundo remete a mesma paisagem do local, um jardim verde e florido; na mesma reprodução imagética na capela construída no local do acidente, tem ao fundo a religiosa sobre uma estrada, o mesmo cenário em que a pequena igreja se encontra. Desse modo, a inscrição do painel simboliza a ideia de que Leônia Milito “tem todos sempre presentes” sob lembranças afetivas, além de que marca sua presença benévola a partir da fotografia exibida em diversos lugares pela congregação.

A frase, retirada do diário espiritual da religiosa no ano de 1975², foi alocada no painel fora de seu contexto original. No dia 10 de junho de 1975, Leônia Milito estava em Guarulhos, estado de São Paulo, onde escreveu uma mensagem a serviço da congregação dirigida às aspirantes, postulantes e noviças da congregação em Londrina (PR). Na carta,

1 Leônia Milito foi escolhida como a padroeira da vida no trânsito em Londrina em 2009 devido à sua morte em um acidente automobilístico (BONDE, 2009). Anualmente, é promovida uma carreato com a benção dos automóveis nas dependências do Instituto Coração de Maria simbolizada pela figura da mãe.

2 Instituída no ano de 1300 pelo papa Bonifácio VIII pela bula *Antiquorum fide relatio* (1300), a comemoração jubilar tem como objetivo celebrar as práticas religiosas do catolicismo a cada 25 anos. O ano em que ela ocorre é considerado como um ano santo ao qual as reflexões da instituição são voltadas à temática escolhida pelo Vaticano. O tema escolhido para 1975 foi: “A reconciliação, caminho para a paz” (DIÁRIO ESPIRITUAL, 2017). Nesse sentido, o diário espiritual de Leônia Milito traz reflexões de sua vivência particular sobre esses aspectos.

um pouco diferente do impresso no painel, ela escreveu:

10 de junho, terça-feira, Guarulhos

Às filhas aspirantes, postulantes e noviças.

Fugi das paixões juvenis, deixai as coisas frívolas que tornam árida a fé e gastam o coração, antes fortificai-vos com a graça de Jesus Cristo.

Com amor a Jesus Eucarístico e a nossa Rainha e Mãe, Maria Santíssima, acolhei estas palavras de exortação de vossa **mãe espiritual**, que vive e palpita por ver-vos todas de Jesus, todas das almas. **Tenho-vos todas sempre presentes e lembro-me de todas em minhas orações.**

Fugi da companhia daquelas que não são boas e fazei amizade somente com aquelas de bom espírito. Amai-vos no Senhor, ajudai-vos umas às outras. Segui juntas o mesmo caminho que vos conduz à felicidade verdadeira e eterna. Combatei as mesmas batalhas para dominar os inimigos da santa vocação. Vivei no amor de Deus e no seu Espírito.

O Espírito do Senhor é Espírito de união e de caridade, é a força das almas consagradas.

Se estiverdes constantemente unidas no grande e inestimável amor a Deus, formareis um exército forte e invencível, e Deus estará convosco, vos abençoará e ajudará os vossos empreendimentos.

Breve é o sofrer, mas eterno é o gozar. Cristo quer, entretanto, de vós, que não vos deixeis seduzir pela vaidade do mundo e que permaneçais fiéis até à morte. A coroa será dada ao vencedor.

Coragem e avante.

Vossa mãe em Jesus

Leônia MC (DIÁRIO ESPIRITUAL, 2017, p. 190, grifos do autor)

Nas anotações desse dia, a madre escreveu orientações e motivações àquelas consideradas filhas do grupo, em diferentes níveis do período de formação de religiosos e se apresenta como “mãe espiritual” destas. Dentre os trechos destacados, este chama atenção pela maneira a qual Leônia Milito se intitulava perante as demais religiosas e a projeta como uma personalidade proeminente na congregação. Diferente das cartas trocadas no final da década de 1950 em que ela se colocava como uma simples irmã, submissa e vigiada, em 1975 apresentava-se como uma figura de protagonismo para as que iniciavam a vida eclesial. No diário, a referência materna, que zela e acompanha o desenvolvimento de um ou mais indivíduos, é atribuído à sua figura pela própria religiosa.

Na década de 1990, Gonzales Neto (1992) reforça a mesma ideia no discurso memorialista construído no início da organização do processo de canonização. No entanto, além das condições trágicas do acidente, levantadas aqui como uma das motivações da relevância de Leônia Milito perante D. Geraldo Fernandes na memória social do grupo e fiéis, a maneira pela qual ela se projetava nos documentos internos revela uma mudança na sua própria perspectiva dentro das missionárias de Santo Antônio Maria Claret durante

seu período de vida.

No que tange ao trecho do diário utilizado na composição do painel de recepção dos visitantes no jardim da casa de memória, existem diferenças na grafia do diário espiritual e do que está exposto na imagem. No cenário do pequeno horto da congregação tem-se a inscrição “Eu vos tenho todos sempre presentes e de todos me lembro com afeto” (Me. Leônia - 10/06/1975) enquanto o diário apresenta “[...] Tenho-vos todas sempre presentes e lembro-me de todas em minhas orações [...]” (DIÁRIO ESPIRITUAL, 2017, p. 190). A primeira, realocada de sua produção original, traz o sentido de que as pessoas que passam pelo jardim da casa de memória são lembradas com afeto pela religiosa ao utilizar o pronome masculino e não o feminino como a mensagem foi direcionada inicialmente. Além disso, não há nenhuma referência sobre o destinatário da carta original ao qual foi retirado o excerto, o que permite compreender que o uso desta frase remete a um público mais amplo do que o conteúdo original destinado às correlegionárias. Já o segundo destaque, como apontado, foi dirigido às “filhas aspirantes, postulantes e noviças” na ocasião de uma eventual viagem de Leônia Milito que registrou sua preocupação maternal para aquelas que permaneciam em suas cidades. A procedência do trecho do diário da religiosa traz um outro sentido para a frase, uma vez que foi endereçado a um público específico. Nessa perspectiva, o contexto em que o painel está inserido – no jardim que representa a religiosa –, a mudança da grafia do texto original e a ampliação do público alvo da reflexão também são elementos que reforçam a narrativa memorialista na congregação após a morte e durante o processo de canonização vigente, além de apontar a presença simbólica da madre em suas próprias lembranças, afetos e orações, tal como se ela ainda transitasse materialmente no complexo arquitetônico.

Um dos espaços expositivos da instituição religiosa é denominado como uma casa de memória à figura de Leônia Milito. No interior da casa berço, a história, a memória e a identidade da congregação se entrelaçam às vidas de seus fundadores de modo indissociável devido à maneira pela qual a exposição foi organizada. Sendo assim, a partir do próprio nome do local, deve-se considerar que a intenção do grupo religioso é construir e manter viva a memória de seus fundadores, principalmente Leônia Milito, que possui um destaque evidente, além de recintos mais amplos e de maior notoriedade em relação ao arcebispo D. Geraldo Fernandes.

Para Pierra Nora (1993), a aceleração da história no século XX intensificou a criação desses lugares, “[...] há locais de memória porque não há mais meios de memória” (NORA, 1993, p. 7) aos quais se encontram estreitamente conectados com o sentimento da necessidade de patrimonializar para não esquecer. François Hartog (2006), ao levantar a hipótese de que um novo regime de historicidade pautado no presente ganhou força após a Segunda Guerra Mundial, compreende que “o patrimônio se encontra ligado ao território e à memória, que operam um e outro como vetores da identidade” (HARTOG, 2006, p. 266). Tendo em vista essas considerações, a morte de Leônia Milito não produz apenas

uma ruptura com o passado, nem mesmo uma passagem natural da vida para morte pelo acidente trágico, mas sim uma memória esfacelada a partir do evento. No entanto, ainda que se considere o esfacelamento desta, o sentimento que foi construído se manifesta na cultura material da congregação religiosa que, a partir dos sujeitos históricos envolvidos nesse processo, patrimonializa e consagra tais espaços como lugares de memória. Nessa perspectiva, o complexo madre Leônia Milito abriga os resíduos materiais da memória da religiosa enquanto um elemento identitário da própria congregação e, assim, se mistura com a própria história das missionárias.

Cabe aqui distinguir a memória e história dentro deste contexto:

[...] A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraiza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1993, p. 9)

A memória, como exposto por Nora (1993), instala a lembrança no sagrado e é carregada por grupos vivos que objetivam mantê-la em constante transformação de acordo com os sentimentos gerados a partir da mesma. A morte de Leônia Milito pode ser considerada como um momento particular na congregação religiosa e, como apontado, de resignificação da própria identidade do grupo, enraizada material e imaterialmente nas salas, corredores, jardins, objetos, arquivos, oralidade, entre tantas maneiras em que memória da líder religiosa é evocada. Ademais, a casa berço da congregação deu espaço a casa destinada à Leônia Milito, ou seja, a memória da religiosa é predominante e, de certa forma, se sobrepõe ao da instituição não só no local de fundação, mas em todo o complexo administrativo e religioso das missionárias de Santo Antônio Maria Claret. Consequentemente, se esses locais são permeados (i)materialmente pela memória de uma personalidade sacralizada regionalmente e no curso de canonização na cidade do Vaticano, todo o recinto também é consagrado na medida em que a identidade do ambiente converge à imagem de madre Leônia Milito junto das práticas culturais geradas a partir de

sua figura simbólica.

Para Kathryn Woodward (2000), a construção da identidade está relacionada à linguagem e aos símbolos pelos quais ela é representada socialmente. No caso do grupo religioso, a reafirmação de Leônia enquanto líder espiritual e os esforços para a permanência alegórica de sua personalidade podem ser caracterizados como vetores da maneira pela qual as próprias missionárias se compreendem no mundo. Nesse sentido, assim como a memória que é seletiva (POLLAK, 1989), a formação identitária promove mecanismos excludentes a fim de se diferenciar das identidades construídas e promover o destaque intencionado pelos grupos sociais.

[...] O sagrado, aquilo que é “colocado à parte”, é definido e marcado como diferente em relação ao profano. Na verdade, o sagrado está em oposição ao profano, excluindo-o inteiramente. As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições, [...] as identidades são construídas por meio de uma clara oposição entre “nós” e “eles”. A marcação da diferença é, assim, o componente-chave em qualquer sistema de classificação (WOODWARD, 2000, p. 41)

Woodward (2000) salienta que, ao estabelecer tais demarcações, as identidades, em especial as nacionais, também são formadas pela reafirmação de algum antecedente histórico. Paralelamente, com a interpretação conceitual no caso de Leônia Milito, na tentativa de apontar um sentido identitário para o grupo, busca-se o passado a fim de mantê-lo vivo enquanto um elemento estruturante da coesão social, como é o caso da congregação ao evocar e sacralizar a memória da religiosa. Nesse sentido, as práticas culturais desempenhadas pelas missionárias e fiéis³ moldam os traços identitários da instituição, trazem à tona a figura da líder religiosa em processo de canonização e dão sentido à experiência daqueles que se relacionam com o espaço. Assim como a memória que modela o grupo e simultaneamente é modelada pelo mesmo (CANDAU, 2012).

Uma outra ideia que auxilia na elucidação da construção das identidades junto da cultura material e das práticas culturais derivadas do movimentos de patrimonialização é a noção dos lugares de memória proposta por Pierre Nora (1993)⁴. Para o autor, não existe uma separação delimitada entre história e memória nestes, mas sim uma interação de ambos conceitos, um jogo orientado pelas intenções políticas daqueles que os denominam

3 Apesar de serem apontados dois níveis dessas práticas culturais, o recorte deste livro se limita a analisar as ações das missionárias. A leitura da memória, bem como suas apropriações por parte dos fiéis, é uma perspectiva possível para as próximas pesquisas sobre o tema.

4 Ao analisar a França na segunda metade do século XX, nas vésperas da comemoração de 200 anos da Revolução Francesa, Pierre Nora (1993) identificou um intenso movimento de reformulação da identidade nacional junto da patrimonialização de locais importantes na história do país. Ao constatar uma crescente desaparecimento da memória nacional francesa, criou-se a noção dos lugares de memória como os responsáveis por encarnar, por meio de símbolos, museus, dicionários, festas, monumentos, os elementos identitários do país que se esvaíam após o término da Segunda Guerra Mundial. Para Janice Gonçalves (2012), o diagnóstico de Nora [...] pontuou mudanças de grande magnitude, como a aceleração do ritmo de transformações dos processos históricos e a importância cada vez mais destacada dada à memória e aos seus suportes [...] (GONÇALVES, 2012, p. 30)

enquanto tais lugares. Nesse sentido:

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos [...] São rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos.

[...] Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. [...] Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva (NORA, 1993, p. 12-13)

Portanto, os lugares de memória podem ser caracterizados não apenas como lugares em que as lembranças são materializadas, mas locais em que a história e memória interagem simultaneamente. A memória, por não existir mais espontaneamente, é quem orienta a história, a partir de seus agentes sociais, a materializá-los. Nesse sentido, os lugares de memória possuem três dimensões concomitantes, são ao mesmo tempo categorizados como materiais, funcionais e simbólicos. O complexo Madre Leônia Milito não é apenas um conjunto arquitetônico materializado em homenagem à religiosa, existe uma aura simbólica que o envolve e remete a trajetória de vida e morte de uma personalidade que saiu da vida comum, passou a ocupar o protagonismo da congregação e, potencialmente, da região ao longo do percurso de canonização religiosa. No que tange à funcionalidade, os visitantes, fiéis e correligionárias, a partir das práticas culturais desempenhadas, interagem com esses lugares e impulsionam a(s) representação(ões) na sociedade.

[...] os três aspectos coexistem sempre. [...] É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou (NORA, 1993, p. 22)

A partir da morte dos fundadores da congregação religiosa a antiga casa sede e os demais espaços administrativos do grupo foram transformados em lugares de memória. No interior do complexo, os quartos designados a madre Leônia e D. Geraldo permanecem organizados com seus pertences, mobiliário e objetos pessoais. Grande parte das salas possuem quadros com fotografias de ambas personalidades e reforçam a alusão de suas (oni)presenças. A casa de memória, além de abrigar parte das acomodações, tais como eram no início da década de 1980, salvaguarda até a última configuração do presépio montado por Leônia Milito. O pátio do Instituto Coração de Maria dispõe da mesma

organização de bancos, pinturas, cruzeiros idealizados pelos líderes que, apesar da morte, encontram-se presentes simbolicamente por essas representações. Nesse sentido, “[...] se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares [...]” (NORA, 1993, p.8). Ainda que uma parcela significativa da congregação religiosa atualmente não tenha conhecido nenhum dos líderes em vida pelo espaçamento geracional, a transformação desses locais como lugares de memória proporcionam a ilusão da experiência de estar em contato com estes a partir dos símbolos e daquilo que está organizado materialmente no complexo. Dos jardins, aparentemente inocentes no que se refere aos símbolos implícitos, até os aposentos da religiosa.

Elencar todos os elementos que fazem referência à memória dos fundadores, em especial Leônia Milito, seria uma tarefa muito ambiciosa – tendo em vista a riqueza material presente no complexo – e ultrapassaria os limites previamente estabelecidos pela pesquisa. No entanto, algumas ações realizadas ao longo do processo da construção da memória da religiosa, bem como a canonização em andamento, serão destacadas a seguir por serem esforços destinados a construir uma narrativa memorialista e as condições para a sua reprodução social pelo grupo.

2 | CAPELA NOSSA SENHORA DO CAMINHO: MEMÓRIA E PEREGRINAÇÃO

A capela Nossa Senhora do Caminho, localizada às margens da rodovia BR-369 entre as cidades de Londrina e Cambé, sinaliza o local do acidente automobilístico em que Leônia Milito perdeu sua vida no dia 22 de julho de 1980. Inclusive, a antiga curva onde ocorreu a colisão deixou de existir, hoje dá lugar a um viaduto que antecede o terreno destinado à igreja e leva o nome da religiosa. Construída após o incidente trágico, além de ser parte da rota turística de cunho religioso frequentada pela congregação e fiéis da região, a igreja pode ser considerada um monumento enquanto uma evocação do passado para o grupo, uma vez que se destina a perpetuar a lembrança de uma personalidade a partir de sua passagem e encontra-se ligado à memória coletiva. Para Jacques Le Goff (1984), existem duas categorias principais de monumentos, os comemorativos e os funerários. O segundo, alinhado com a presente situação, é [...] destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte (LE GOFF, 1984, p. 536).

Na figura 07, encontra-se representada a capela de Nossa Senhora do Caminho que, apesar de ter o nome atribuído a uma das denominações marianas, é Leônia Milito que ocupa simbolicamente o ambiente, tanto pelo local de sua morte quanto pelos elementos presentes na construção. A hibridização religiosa, ou seja, a associação da religiosa à Nossa Senhora do Caminho, reveste a madre da aura de uma entidade mariana. O local demarcado retangularmente é cercado por grades, tem a edificação ao centro e três conjuntos de árvores médias nas extremidades. À esquerda, na borda da cerca, há uma

placa com a imagem de Leônia Milito, assim como o banner situado atrás das plantas à direita⁵. Na entrada do espaço, a inscrição “CAPELA NOSSA SENHORA DO CAMINHO/ ENCONTRO PARA ORAÇÃO/ DIA 22 – 19h 30min” (grifos originais) recepciona os visitantes.



Figura 07. Fachada da capela Nossa Senhora do Caminho, Cambé (PR), 2021.

Do autor/Acervo pessoal.

Após a morte de Leônia Milito, todo dia 22, impreterivelmente, é realizada uma celebração na capela à beira da estrada nas proximidades do local em que ocorreu o acidente que a vitimou. Especialmente na data de aniversário da morte da mãe, 22 de julho, as religiosas, junto de fiéis devotos, fazem uma peregrinação de aproximadamente 17 quilômetros do complexo do grupo até o templo. Destaca-se a importância simbólica do percurso, da edificação onde foi fundada a congregação – e abriga os restos mortais de Leônia Milito – até o monumento erigido como representação de sua morte em missão. A capela não exprime o fim, mas legitima, pela líder reverenciada, o ideal de vida missionário projetado pelo grupo. A trajetória de vida e morte da religiosa são lembradas mensalmente a partir da romaria, o que intensifica a sua presença viva e emblemática

⁵ Na perspectiva frontal da igreja não é possível observar o banner devido ao seu alinhamento voltado para a rodovia.

no imaginário social, além de consolidar de forma contínua a sua identidade na região enquanto o processo de canonização avança.

Ademais, é cabível analisar outras relações construídas pelos fiéis a partir deste monumento junto dos demais materiais do grupo. Ao final da exposição da casa de memória dedicada à Leônia, há uma vitrine com uma porção de objetivos considerados ex-votos. Nesta, os visitantes, especialmente os de maior devoção, são participantes da organização expográfica ao serem permitidos depositar seus votos como expressão de gratidão ao alcançarem os pedidos feitos à madre. A placa de acrílico na parte inferior da vitrine apresenta a inscrição “SALA DE EX-VOTO/Aqui ficarão guardados os objetos que lembram a essência dos pedidos atendidos por Deus, através da INTERCESSÃO DE MADRE LEÔNIA MILITO./Atualmente, Madre Leônia é reconhecida pela Igreja como SERVA DE DEUS e o Processo de Beatificação está na Fase Romana” (destaques originais). Dentre os objetos expostos, um pequeno véu se diferencia dos demais por ser o único a possuir uma legenda própria – uma vez que os outros ex-votos não possuem identificação –, além da maneira em que foi selecionado para integrar a exposição.

“ESTE VÉU FOI DEIXADO NA CAPELINHA DA MADRE LEÔNIA RODOVIA ENTRE CAMBÉ E ROLÂNDIA.06/04/1994” é a inscrição que identifica o objeto. Apesar desta narrativa não estar registrada oficialmente, na ocasião das visitas para a realização da pesquisa (GARCIA, 2018), uma das religiosas responsáveis pela recepção dos visitantes no espaço afirmou, a partir de suas memórias, que as próprias correligionárias encontraram o véu em frente à igreja construída em memória de Leônia Milito, realizaram a coleta e o interpretaram enquanto um ex-voto. Nesse sentido, a particularidade em torno do objeto se deve ao fato de que, diferente dos demais expostos na vitrine, ele não foi entregue diretamente às irmãs por algum devoto assim que seu pedido foi alcançado, mas o local em que foi encontrado é que possui uma carga simbólica baseada na figura da madre e, por conseguinte, acredita-se que o véu também.

Longe de ser um ambiente neutro, a construção da capela e as práticas culturais desencadeadas por este espaço múltiplo, um templo religioso simultaneamente, monumento (LE GOFF, 1984) e lugar de memória (NORA, 1993), evidenciam os esforços do grupo para manter viva a figura de Leônia Milito. O caso da coleta do véu elucidada a “vontade de memória” exposta por Nora (1993), mesmo que não tenham informações suficientes para atestar o objeto enquanto um ex-voto, o grupo se apropriou do véu enquanto um símbolo representante da mediação espiritual de Leônia Milito e reafirma a consagração regional de sua imagem. O objeto aqui não é o protagonista, mas os signos criados a partir da sua materialidade são os principais elementos de legitimação da construção identitária intencionada naquela pequena capela à beira da estrada.

Como tradição do catolicismo, os templos religiosos possuem o nome de santos ou santas escolhidos de acordo com as especificidades locais. Com a consolidação do processo de canonização de Leônia Milito, possivelmente o local será renomeado no futuro

e dedicado à figura da mãe. No entanto, atualmente a personalidade santa que dá nome ao templo é a Virgem do Caminho, conhecida também Nossa Senhora do Caminho. A designação atribuída ao seu nome está ligada ao Caminho de Santiago de Compostela na Península Ibérica, grande rota de peregrinação religiosa que abriga seu santuário, daí a titulação da virgem que integra parte do trajeto, a virgem que se encontra “no caminho” (FERNÁNDEZ, 1992).

Assim, é possível relacionar a ideia de que Leônia Milito, ao sofrer o acidente, também estava no trajeto, ou seja, no percurso de seu trabalho missionário interrompido pela colisão entre os veículos. A placa de metal protegida por grades robustas, situada ao lado da porta de entrada da igreja, ratifica tal perspectiva sob a seguinte inscrição “‘O ANJO SACRIFICADOR A ESPEROU NA ESTRADA, ONDE PODERIA ENCONTRÁ-LA SENÃO A CAMINHO?’ (P. F. DUARTE). MADRE LEÔNIA MILITO FUNDADORA DAS MISSIONÁRIAS DE STO ANTÔNIO M^a CLARET. 22 DE JULHO DE 1980”. Ou seja, a memória da morte em missão é passível de veneração para os fiéis e demonstra o “estar a caminho” enquanto ideal do grupo.

Ainda neste âmbito, as figuras 08 e 09 apresentam duas projeções de Leônia Milito enquanto um símbolo de proteção e motivadora dos peregrinos. Em ambas, a mesma fotografia empregada no jardim da casa de memória foi utilizada para integrar o espaço, porém neste caso, em vez da representação de um jardim, são imagens de estradas vazias ao fundo da fotografia.



Figura 08. Detalhe do painel à direita da capela Nossa Senhora do Caminho, Cambé (PR), 2021.

Do autor/Acervo pessoal.

A fotografia da madre sorrindo de braços abertos nas figuras novamente remete ao acolhimento simbólico da religiosa aos visitantes que chegam ao local ou aos que transitam pela rodovia. O painel da figura 08 possui dimensões que proporcionam uma boa visibilidade para os condutores e passageiros no interior dos veículos que transitam na estrada. Como apontado, a mesma fotografia do painel foi manipulada digitalmente e está inserida em diversos materiais da congregação. As variações dos planos de fundo das imagens estão de acordo com o contexto da sua inserção. Neste caso, diferente do jardim, ao fundo está uma estrada sob o céu azul de poucas nuvens em referência ao caminho percorrido pela missionária. Abaixo da fotografia, está a inscrição “MADRE LEÔNIA MILITO, PROTEGEI NOSSOS CAMINHOS” que, além de apontá-la como responsável espiritual daqueles que passam no local, possui motivações semelhantes ao da titulação de Virgem do Caminho na península ibérica como alguém que intermedia bençãos aos que passam por ali.

Na perspectiva devocional, é cabível a interpretação de que a madre está presente espiritualmente no local, uma vez que foi considerada padroeira da vida no trânsito (BONDE, 2009) regionalmente e, conseqüentemente, é considerada intercessora daqueles que transitam nas estradas pelos fiéis devotos. Assim como o exemplo da casa de memória, a vistosa vegetação nas extremidades da cerca em torno da pequena igreja também é

alusiva à religiosa que, segundo as demais missionárias, tinha um apreço no cultivo de arranjos e adornos florais.

Por sua vez, na figura 09 encontra-se uma placa localizada fora dos limites da cerca e indica a existência de uma rota de peregrinação intitulada como “Caminho Missionário Madre Leônia”. Dessa vez, ainda com a estrada como plano de fundo, a fotografia da religiosa sorridente e receptiva está dentro de um selo, como referência a parte de um trajeto que leva o seu nome.



Figura 09. Detalhe da placa à esquerda da capela Nossa Senhora do Caminho, Cambé (PR), 2021. Do autor/Acervo pessoal.

Abaixo de sua imagem a inscrição “Avante, como verdadeiros peregrinos! Marchemos pelos caminhos do mundo, anunciando o Evangelho com o exemplo e a palavra (Madre Leônia)” se apresenta como uma motivação para aqueles que chegam ao local e potencializa a representação da madre enquanto um indivíduo em missão, como quem, ao dar o exemplo, cumpriu suas próprias palavras até sua morte. Para completar a formação do ideal missionário exposto pela própria religiosa a partir das palavras de incentivo, existem

restos de cera de vela nas proximidades da cerca, possivelmente deixadas em devoção à sua figura. O deslocamento até o local, o ato de refazer o último trecho percorrido em vida, o acendimento de velas em sua memória são ações que legitimam sua existência mítica. Segundo Mircea Eliade:

[...] Toda a sua vida religiosa é uma comemoração, uma rememoração. A recordação reatualizada por ritos desempenha um papel decisivo: o homem deve evitar cuidadosamente esquecer o que se passou in illo tempore. O verdadeiro pecado é o esquecimento: a jovem que, em sua primeira menstruação, permanece três dias numa cabana escura, sem falar com ninguém, comporta-se assim porque a jovem mítica assassinada, tendo se transformado em Lua, fica três dias nas trevas. Se a jovem catamenial infringe o tabu de silêncio e fala, torna-se culpada do esquecimento de um acontecimento primordial. A memória pessoal não entra em jogo: o que conta é lembrar o acontecimento mítico, o único digno de interesse, porque é o único criador. É ao mito primordial que cabe conservar a verdadeira história, a história da condição humana: é nele que é preciso procurar e reencontrar os princípios e os paradigmas de toda conduta (ELIADE, 1992, p.53)

A consagração do lugar, as peregrinações, celebrações mensais, bem como a sua manutenção revelam a importância do local para o grupo. A rememoração do último trajeto percorrido pela mãe se configura como o acontecimento mítico, criador de parte de sua figura consagrada. Ele é o elemento que congrega a ideia da vida e morte em missão, o perfil ideal de missionário para o grupo religioso, ao qual Leônia Milito, a partir da construção de sua memória pelas correligionárias após o acidente, tornou-se o principal exemplo.

Vale ressaltar que a mãe não teve contato com a edificação, ela foi construída posteriormente ao acidente a fim de erigir um monumento e evocar a memória de sua morte em trânsito, a caminho de sua missão, em alusão ao título de Virgem do Caminho dado a capela. Ou seja, as práticas culturais ligadas ao espaço foram construídas pelas próprias irmãs da congregação ao longo do tempo que, para não pecarem pelo esquecimento, evocaram constantemente a memória de sua liderança e a tornaram uma alavancadora da identidade do grupo a partir da construção da imagem sacralizada da religiosa. Da resignificação do véu encontrado nos arredores da pequena igreja às peregrinações, os esforços realizados pelas missionárias demonstram a apropriação de um lugar potencialmente santo e intensificam a promoção de protagonismo de uma única personalidade, mãe Leônia Milito.

3 | DAS PEREGRINAÇÕES À DEVOÇÃO DE BOLSO: O PAPEL DAS RELÍQUIAS SAGRADAS NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE MADRE LEÔNIA MILITO

As relíquias são instrumentos úteis para a construção da sacralidade na cultura de uma sociedade cristã, proporcionariam vitalidade e impulsionariam a fé em Cristo e nos santos. Motivadoras de inúmeras disputas políticas desde os primeiros séculos do cristianismo com a redistribuição das relíquias da paixão de Cristo, elas desempenharam um

papel fundamental na promoção do culto e na devoção do cristão devido a sua importância simbólica para os fiéis (NASCIMENTO, 2014).

Os objetos sagrados proporcionariam a sensação de contato místico, de aproximação da Igreja com os fiéis na religiosidade ocidental. Por vezes, o toque no material sagrado é a via miraculosa, como expresso no estudo do poder régio na França e Inglaterra de Marc Bloch (2018) e nos evangelhos (BÍBLIA, 2008), quando Tomé, discípulo de Jesus, necessita tocar as chagas de Cristo para crer na ressurreição (Jo 20, 24-31) ou então o episódio em que certa mulher, ao tocar nas vestes de Cristo, teve sua hemorragia estancada (Mc 5, 25-30). Para André Vauchez (1995), os milagres exercem um papel de destaque na espiritualidade individual e coletiva, na medida em que se caracterizam como um dos principais meios de comunicação entre a vida terrena e o plano espiritual. Dessa forma, a hierofania, ou seja, a manifestação do sagrado naquilo que é material é um elemento fundante para compreender os desdobramentos imateriais dessas ações (ELIADE, 1992, p.13)

No que tange à historiografia, a abordagem da cultura material passou por transformações significativas na década de 1990, pouco tempo após as questões ligadas à História e memória. Instalaram-se discussões voltadas à interação dos grupos sociais com os artefatos, não mais restritas à perspectiva econômica de consumo (ROCHE, 2000; MENESES, 1993)⁶. A partir desses pressupostos, a compreensão das práticas culturais com objetos dentro e fora das instituições museais se configura como um espaço profícuo para o historiador, uma vez que o estudo da cultura material transita em outras áreas do conhecimento, como as Ciências Sociais, e proporciona o enriquecimento do cruzamento entre diferentes fontes históricas.

Enquanto objetos de valor afetivo e o principal elo material com o sobrenatural, as relíquias dos santos foram divididas em três grandes classes pela Sagrada Congregação dos Ritos de 1623: 1) relíquias insignes, são o corpo ou um membro – cabeça, uma perna, um braço – de um santo, desde que seja o membro inteiro aprovado pelas autoridades eclesiásticas; 2) as notáveis são fragmentos menores dos membros do santo ou da santa; 3) mínimas são as partículas menores do corpo, como uma unha, fios de cabelo, um dente ou até mesmo pequenos fragmentos das relíquias insignes ou notáveis. Contudo, num sentido menos estrito ao designado pela doutrina eclesiástica que atribui somente ao corpo o caráter sagrado, os objetos pertencentes e/ou utilizados por um(a) santo(a), como roupas, calçados, utensílios pessoais, seu cilício ou até mesmo as flores, caixão e a mortalha que envolveu seu corpo podem ser consideradas relíquias por serem os últimos vestígios materiais de sua santidade após sua morte (GUILLOIS, 1903; GUIMARÃES, 2012; 2016).

[...] todos estavam convencidos de que os santos continuavam presentes na

6 Antes deste período, os estudos voltados à questão material tinham ênfase nas questões morfológicas e taxonômicas dos artefatos, sendo apenas parte de uma abordagem com outros objetivos (MENESES, 1993).

terra e poderosos naquilo que subsiste de seus corpos. Todos consideravam esses restos como os agentes mais eficazes da ligação muito necessário entre os vivos e a corte celeste, onde o Todo-Poderoso domina (DUBY, 1995, p.40)

Por ainda não ter seu nome listado entre os beatos ou santos do catolicismo, madre Leônia Milito não possui um inventário oficial de relíquias. Contudo, a continuidade de sua presença nos símbolos do complexo, na capela construída após sua morte e nas demais ações da congregação religiosa já cumprem, na prática, o papel de conexão espiritual entre os seus devotos e a religiosa. A organização e o preparo das diversas etapas do processo de canonização trouxeram em seu bojo o levantamento, preservação e ressignificação dos espaços em que ela interagiu, assim como os objetos pertencentes à religiosa. Nesse sentido, atribuídos de poder simbólico, esses materiais podem ser considerados relíquias sagradas. Ainda que extraoficialmente, são os principais vestígios de sua imagem, vetores do culto à sua figura e intensificam a veneração de sua memória na medida em que as etapas avançam no Vaticano.

Ao ser recepcionado na casa de memória, a irmã responsável pelo local conversou sobre a proposta de pesquisa do presente trabalho ao longo de toda exposição. Ao final da visita, a religiosa abriu a gaveta da recepção do espaço, tirou e entregou, dentre os diversos cartões plastificados que lá se encontravam, uma relíquia da madre. Logo em seguida explicou que esta era distribuída para alguns visitantes, sobretudo aos fiéis e àqueles interessados em aprofundar os conhecimentos sobre a vida de Leônia Milito. Além da frente e verso do cartão, ao qual consideramos um relicário pelo seu valor simbólico, é possível observar a própria relíquia na figura 10.



Figura 10. Frente e verso do cartão/relicário com um fragmento das vestes de madre Leônia Milito em destaque. 9x6 cm, Londrina, 2020. Do autor/Acervo pessoal.

Apesar de não ser uma parte do corpo da religiosa como a doutrina eclesiástica determina, no sentido mais amplo do termo, a relíquia que acompanha o cartão plastificado é um fragmento da indumentária da congregação que pertenceu a Leônia Milito. Inicialmente, somente pelo padrão do formato quadricular da relíquia, podemos afirmar a existência da intencionalidade do grupo na confecção de centenas de cartões/relicários. Ou seja, a veste da religiosa não foi encontrada, nem coletada, mas sim recortada propositalmente em pequenos quadrados para a produção da relíquia de bolso. Nota-se também a possibilidade de observá-la em qualquer uma das faces do cartão, pois há uma abertura no material interno a fim de destacar a fração do objeto de culto.

A frente do relicário possui uma fotografia da madre utilizando seu hábito – uma vestimenta comumente utilizada por congregações e ordens monásticas que professam votos religiosos – junto do crucifixo característico do grupo e, mais uma vez, apresenta-se sorridente em sua pose para a tomada fotográfica. Na parte inferior, ao lado do fragmento de tecido, a inscrição “Serva de Deus Madre Leônia Milito” a identifica, bem como a instância em que seu processo de canonização se encontra. A titulação de “serva de Deus” é concedida aos indivíduos que, após a solicitação para a causa de santificação, foram reconhecidos pelo Vaticano e estão no estágio inicial do processo. Nesta fase, segundo a Congregação para as Causas dos Santos (SANCTORUM MATER, 2007), o andamento depende da estância local, do reconhecimento do sujeito que se pede a canonização a partir da coleta de testemunhas escritas, do estudo minucioso de sua vida e da notoriedade de suas virtudes individuais localmente.

Uma vez documentada as virtudes de Leônia em âmbito local, ela deixa o título de serva de Deus e recebe o de venerável. A próxima etapa é a comprovação de um milagre para que se torne uma beata. No entanto, caso ainda enquanto serva de Deus, seja comprovado o seu martírio, ou seja, a morte ou grande sofrimento em decorrência de sua fé, desconsidera-se a necessidade de um milagre, sendo aguardada sua cerimônia de beatificação. O último processo para a canonização é a comprovação de um outro milagre ocorrido pela intercessão da religiosa após a sua beatificação. Validado o segundo milagre, ela se torna santa e passa a ser cultuada mundialmente pelo catolicismo (SANCTORUM MATER, 2007).

Nesse sentido, a fim de potencializar a figura da religiosa localmente e dar continuidade ao processo de canonização, o verso do relicário traz uma oração que acompanha sua relíquia. A oração expressa o anseio do bispo da arquidiocese de Londrina no final da década de 1990, Dom Albano Cavallin, autor desta, de elevar a figura eclesiástica de Leônia Milito.

Oração de Intercessão.

Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, nós vos agradecemos a vida de Madre Leônia. Nós vos louvamos pela sua disponibilidade em cumprir a vossa vontade, seguindo Jesus Missionário e Redentor. Nós vos bendizemos

pelo seu amor dedicado à Igreja, anunciando o Evangelho e servindo os irmãos e irmãs, principalmente os mais pobres.

Suplicamo-vos ó Pai, a graça de amar e servir os pobres e a missão evangelizadora da Igreja. Que a Eucaristia e o Imaculado Coração de Maria nos ajudem a sermos fiéis ao vosso projeto de divino, vivendo o ideal de amor e santidade a que somos chamados pelo batismo.

Concedei-nos, ó Pai misericordioso, **a glorificação de Madre Leônia, aqui na terra, para o incentivo nosso e de toda a Santa Igreja.** Por intercessão dela, vos pedimos a graça... (cada um pense, em silêncio, na graça que mais deseja receber de Deus). Por Cristo Nosso Senhor. Amém.

Dom Albano Cavallin. Londrina, 2 de fevereiro de 1998. (ORAÇÃO, 1998, grifos do autor)

O desejo da elevação de Leônia Milito se manifesta ao longo do texto da oração, elaborada no contexto do início da entrada para a causa de canonização. Intrinsecamente, a memória da religiosa enquanto um indivíduo com a atenção às camadas mais pobres da sociedade também se faz presente e reforça uma prerrogativa identitária da congregação. Nesse sentido, como exposto nos primeiros capítulos, pode-se afirmar que a madre, enquanto representante maior do grupo, está inserida na história da pobreza do norte paranaense e sua memória de estar à serviço constitui uma força motriz de sua imagem. Paralelamente, a leitura da oração incentiva o interlocutor a estabelecer o contato espiritual silencioso com a religiosa, compreendida como a mediadora dos pedidos solicitados pelos fiéis. A prece também reforça o ideal de vida e santidade proposto pelas missionárias tendo Leônia como principal exemplo, afinal a identidade do grupo tem se moldado cada vez mais à sua figura.

Com a intenção de reunir o maior número de registros possíveis para a aprovação das virtudes da religiosa a serem anexadas às causas, abaixo da oração está o pedido para o público “Comunicar as graças alcançadas por Intercessão de Madre Leônia Milito” junto do contato do Secretariado da Postulação das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret⁷. Ao lado, ainda no verso, no canto inferior direito, está o pequeno retalho das vestes da madre. A despeito de estar sob a titulação de serva de Deus e não obter autorização eclesiástica para a exposição de seus restos mortais, o objeto aproxima o fiel da religiosa e promove práticas de culto à sua imagem. Desse modo, a cultura material ligada a Leônia Milito é a principal forma de contato entre os fiéis e o além a partir da espiritualidade atribuída a esses artefatos. O hábito retalhado não cumpre mais sua função de vestimenta, não é necessário nem sua composição completa, cada fragmento passa a ser um instrumento de culto e devoção na medida que a materialidade representa uma personalidade de destaque. A resignificação do objeto o retira da esfera do consumo útil. Quanto maior sua carga significativa, mais ele representa o invisível, o espiritual. O relicário plastificado nas

⁷ O postulador ou postuladora é o indivíduo responsável pela apuração da documentação para o processo de canonização. No caso das missionárias, a correliionária Tereza de Almeida é a responsável da causa no Vaticano (LUCIANO, 2015)

dimensões de um cartão proporciona a evocação da memória da mãe em qualquer lugar, uma vez que é possível carregá-lo no bolso de uma calça, numa carteira e circular com o portador da peça do vestuário religioso.

A distribuição destes se configura como parte do movimento de reunião de testemunhas das virtudes e de angariação de fiéis. Afinal, para alcançar o estágio subsequente, é basilar o reconhecimento local da religiosa. Entregar a relíquia para os indivíduos que demonstram interesse na história e memória de Leônia Milito é expandir o conhecimento de sua vida, bem como a devoção à sua imagem a partir da oração de intercessão e do material que tocou seu corpo.

4 | O SAGRADO EXPOSTO AO OLHAR: ENTRE O VISÍVEL E O INVISÍVEL

Na medida em que o esquecimento é o verdadeiro pecado sob a perspectiva sagrada (ELIADE, 1992), o espaço da casa de memória de mãe Leônia Milito, o complexo e a capela à beira da estrada cumprem com o objetivo da permanente construção de sua memória a partir das interações sociais com esses lugares. A religiosa, assim como D. Geraldo Fernandes, tem suas figuras ressignificadas pela cultura material, pelos discursos da exposição e pela memória coletiva das irmãs residentes do local. A permanência das fachadas, a organização dos cômodos, a manutenção dos jardins, os adornos florais e até mesmo a preservação do último presépio montado pela mãe na festividade do Natal de 1979 representam a presença simbólica dos fundadores da congregação na medida em que suas últimas ações em vida perduram materialmente no lugar.

Ao considerar o pequeno fragmento da indumentária enquanto uma relíquia, por ter pertencido à mãe e tocado seu corpo, também há de se levar em conta seus objetos pessoais como sacralizados no sentido menos estrito do termo. Como mencionado, a casa de memória preserva e expõe diversos materiais, inclusive outras vestes, semelhantes às pequenas partes de tecido distribuídas como relíquias, a fim de remeter à sua figura. A valorização de um objeto não pelo seu valor comercial e/ou de consumo, mas sim das representações a partir deste, sobretudo de caráter sagrado, é a questão chave para compreender as relações sociais estabelecidas na casa de memória, na capela à beira da estrada, bem como o contexto do reconhecimento das causas para a canonização de Leônia Milito.

De um lado estão as coisas, os *objectos úteis*, tais como poder ser consumidos ou servir para obter bens de subsistência, ou transformar matérias brutas de modo a torná-las consumíveis, ou ainda proteger contra as variações do ambiente. Todos estes *objectos* são manipulados e todos exercem ou sofrem modificações físicas, visíveis: consomem-se. De um outro lado estão os *semióforos*, *objetos que não tem utilidade*, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível, são *dotados de um significado*; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura (POMIAN, 1985, p. 75, grifos originais)

Para Krzysztof Pomian (1985), os objetos sem utilidade material de consumo dialogam entre o visível e o invisível. Eles representam aquilo que não se pode observar no mundo do visível. Ao se relacionar com os mortos (lembrança, memória, práticas místicas, imagens, oferendas, relíquias sagradas), os objetos semióforos são mediadores do contato do espectador e daquilo que não se vê. A sua exposição é o elemento condicionante para que os significados transcendam a própria materialidade. Sem visibilidade, não há representação simbólica. Contudo, para Marilena Chauí (2001):

Existem alguns objetos, animais, acontecimentos, pessoas e instituições que podemos designar com o termo semióforo. São desse tipo as relíquias e oferendas, os espólios de guerra, as aparições celestes, os meteoros, certos acidentes geográficos, certos animais, os objetos de artes, os objetos antigos, os documentos raros, os heróis e a nação [...]. Com esse sentido, um semióforo é um signo trazido a frente ou empunhado para indicar algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica: [...] um semióforo é fecundo porque dele não cessam de brotar efeitos de significação (CHAUÍ, 2001, p.11-12)

O calçado utilizado por uma missionária religiosa sob a causa da canonização, por exemplo, pode ser considerado um objeto sagrado para diversos grupos sociais. Ele deixaria de ser um sapato comum como qualquer outro e se transformaria em símbolo de missão, aquilo que calçou, heroicamente, os pés de uma mulher que morreu a caminho. Desse modo, seu valor é incalculável e o campo dessa categoria de objetos é contínuo na produção de significados, ou efeitos de significação. Enquanto intermediadores entre o espectador e o invisível, os semióforos são objetos expostos ao olhar, para que dele sejam criadas as representações simbólicas pelos grupos sociais. Para além da cultura material, Marilena Chauí (2001) estende o conceito e propõe que instituições e pessoas podem assumir o caráter de semióforos. Dessa forma, a exposição do signo de Leônia Milito pela congregação religiosa, nas mais diversas manifestações materiais em que ela se faz presente, cumpre o papel de deixar em evidência sua imagem no contexto do reconhecimento de suas virtudes na doutrina eclesiástica.

Como mencionado, a casa de memória preserva e expõe diversos materiais a fim de remeter à figura simbólica da mãe. O quarto da religiosa organizado na exposição, por exemplo, permanece montado com seus pertences, objetos devocionais, um pequeno altar para orações, móveis, calçados, roupas, entre outros artefatos que também tiveram o toque da religiosa e não são considerados como relíquias, ou melhor, não são expostos dessa maneira, apesar de se alinharem à perspectiva generalizante do termo de culto à sua figura pela materialidade. O quarto, enquanto símbolo de clausura – sobretudo feminina – e palco dos principais eventos históricos da cristandade (PERROT, 2011), configura ao visitante a mediação do mundo visível para o invisível, a perspectiva humana e sagrada do mesmo indivíduo pela materialidade exposta. Inicialmente humana, pela quantidade de objetos comuns às mulheres. E sagrada, na medida em que altar devocional, roupas,

sandálias, anotações, terço, imagens marianas e de Cristo simbolizam as marcas da trajetória em busca da santidade da religiosa. Nesse sentido, as funções e as práticas culturais a partir do quarto são complexas, “[...] oscilando entre pressão e liberdade, dever e desejo, entre real e imaginário, tão difíceis de distinguir na penumbra de representações que misturam as fronteiras” (PERROT, 2011, p. 134). Além disso, a disposição do ambiente, como se a mãe tivesse saído rapidamente e retornasse em breve, amplia as perspectivas representativas ao espectador.

Apesar da exposição de alguns objetos aos quais podemos considerar semióforos e relíquias, outros não são submetidos ao olhar. Nas visitas para a realização desta pesquisa, as missionárias afirmaram que o hábito ensanguentado, utilizado pela mãe no momento do acidente, permanece salvaguardado na instituição, sem a possibilidade de acesso ao público⁸. Com a consolidação do processo de canonização e a oficialização do inventário de relíquias, provavelmente a vestimenta com marcas de sangue ampliará o leque de representações da imagem de Leônia Milito ao ser submetida à exposição. É plausível a hipótese de que ela não seria apenas uma evidência da tragédia, mas a materialização da trajetória de vida rumo à santidade, interrompida durante sua última missão. A gama de significações a partir da relíquia em potencial, somada ao culto de sua personalidade, reforçariam a identidade do grupo simultaneamente à consagração da memória da mãe pela cultura material.

Ainda no que se refere ao acidente, outros símbolos da colisão permanecem no complexo mãe Leônia Milito em sua memória e são caracterizados como semióforos. Nas dependências do Instituto Coração Maria, a sala que armazena o arquivo de fotografias da congregação religiosa merece destaque. Não somente pela riqueza do material visual organizado nos álbuns, mas na disposição dos materiais do cômodo. As dimensões e a delicadeza dos entalhes na madeira do armário que acondiciona os álbuns fotográficos chamam bastante atenção do espectador, como se o convidasse a folhear as páginas com os registros do espaço, eventos e celebrações religiosas, e garantem certo requinte à sala. Na parede ao lado, é possível observar dois quadros com fotos dos fundadores do grupo, mãe Leônia Milito – no mesmo registro sorridente do cartão/relicário – e D. Geraldo Fernandes, respectivamente. Entre o arranjo mobiliário de mesas, cadeiras, quadros e armário, está o banco traseiro do Fusca ocupado pela religiosa no acidente.

Sob um pano branco, uma placa identifica o assento do automóvel em que a mãe veio a óbito. Apesar de não ter sido a única ocupante, o banco alude apenas à sua imagem. Retirado intencionalmente do veículo após a colisão, pode-se afirmar que novos significados foram atribuídos ao objeto no espaço em que os principais registros fotográficos estão armazenados. Ele pode assumir um papel singular dentro da sala, sendo um objeto ligado diretamente ao momento da morte da religiosa. O assento, colocado numa estrutura de

⁸ Nas orientações do Vaticano, não é permitida a exposição dos restos mortais daquele que está submetido à causa de canonização. Consolidado o processo, é permitido o culto e sua exibição pública (SANCTORUM MATER, 2007).

metal, encontra-se próximo ao quadro sorridente da madre, como se a memória, tanto da vida quanto da morte se desse a partir do material ali presente. A trajetória da religiosa é consagrada simbolicamente com a representação de sua morte em missão pelo banco do Fusca em meio aos documentos que registraram sua vida.

Ao serem expostos ao olhar, os artefatos são os elementos mais importantes para remeter à vida das pessoas. A vida e a morte de Leônia Milito estão representadas no complexo e nas ações fora dele. Leia-se que a morte, neste caso, não simboliza o fim, mas o início da perspectiva de intermediações entre os fiéis e Deus, sobretudo com a tentativa de sua canonização. Os esforços das missionárias veiculam a memória da madre, assim como a passagem do material para o espiritual, como a principal força motriz do grupo religioso. A memória é batizada pelo lugar. Leônia Milito está presente simbolicamente nos lugares em que as missionárias de Santo Antônio Maria Claret interagem.

5 | PAPÉIS E PÁGINAS VIRTUAIS: DO DIÁRIO ESPIRITUAL DE MADRE LEÔNIA MILITO ÀS PUBLICAÇÕES NAS REDES SOCIAIS

A expectativa da proclamação do título de beata à madre Leônia Milito datava o ano de 2016, segundo a postuladora de causa (LUCIANO, 2015). No entanto, a etapa ainda não foi consolidada e motivou o grupo religioso a executar outras ações a fim de promover a imagem e a memória de sua fundadora. A publicação e comercialização de seu diário espiritual do ano de 1975 se configura como uma das atuais frentes de projeção de suas virtudes a partir dos textos, orações, cartas e pensamentos escritos a próprio punho.

O Diário Espiritual da madre Leônia é um presente especial para todos que desejam conhecê-la mais profundamente, de modo especial, para as filhas espirituais do presente e do futuro. Tem a graça de manter-se atual e a beleza de esconder sempre aspectos novos que não são descobertos à primeira leitura, estabelecendo com o leitor uma relação direta que toca o coração. Tem a força da profecia, a singularidade da ação do Espírito e a simplicidade extraordinária da constante presença deificante do Senhor na vida da Serva de Deus. Revela o seu mergulhar paulatino na profunda e misteriosa presença de Deus e faz experimentar a singular beleza do discipulado de Jesus, em companhia e na escola do Coração materno de Maria.

Pode ser lido com o desejo inquieto, filho do amor, que não passa, que impele sempre mais à vontade de conhecer o objeto eleito, no caso a experiência de Madre Leônia, seu modo de ser e agir. Pode ser lido com calma, uma página, ou algumas páginas por vez, saboreando-se a partilha de sua vida, de sua interioridade que se exterioriza, do seu desejo de nos ajudar como mãe e mestra espiritual, amiga e irmã de caminhada. (DIÁRIO ESPIRITUAL, 2017, p.5)

A apresentação do diário escrita pela postuladora das causas para a canonização, Ir. Tereza de Almeida, reitera que o material permite ao leitor uma experiência imersiva nas reflexões e na experiência de Leônia Milito. Escrito em 1975, ano de celebração jubilar no catolicismo, o diário passou a ser organizado para publicação e consequente

comercialização somente na metade da última década, quando as expectativas para o reconhecimento das virtudes de Leônia Milito aumentaram. A indicação sobre o conteúdo e as diferentes formas em que o texto pode ser lido também ampliam seus significados, uma vez que o leitor pode acompanhar o calendário das anotações no presente, de forma simultânea, lendo as reflexões pertinentes ao ano de 1975 nos mesmos dias do ano corrente. Nesse sentido, numa leitura anacrônica do texto, as apropriações dos sentidos são potencializadas na medida em que são feitas no presente, quando a religiosa está no processo de consagração, fora do contexto de sua escrita.

A publicação na coluna da Folha de Londrina, o jornal de maior circulação de Londrina, no dia 11 de setembro de 2016, evidencia o anacronismo e a apropriação da escrita da religiosa por um jornalista. Intitulada como “Coração de santa”, a coluna trouxe ao leitor uma imagem do atentado às torres gêmeas do edifício World Trade Center, em Nova Iorque, no ano de 2001. Logo abaixo da fotografia, o colunista escreveu: “Lancinantes e proféticas palavras no Diário Espiritual de Madre Leônia Milito, escritas em 11 de setembro de 1975 [...]” (FOLHA DE LONDRINA, 2016) seguido das súplicas da religiosa daquele dia:

Desabafos do coração

- Que coisa farei, meu Jesus, se tu não me ajudas?
- Que coisa poderia fazer, meu Jesus, para agradar-te?
- Que coisa poderei dar, meu Jesus para fazer a tua vontade?
Desconfio de mim mesma e confio em ti, meu Jesus.
Meu Jesus, quisera amar-te tanto, tanto...
eu não posso fazer nenhum bem se tu não me ajudas, meu Jesus.
eu jamais te amarei se tu não me ajudares, meu Jesus.
eu não quero fazer outra coisa se não a tua Santa vontade, meu Jesus.
Queria amar-te loucamente, mas não encontro o caminho, meu Jesus.
Eu te procuro e não te encontro, meu Jesus, vem a mim e não tardes.
Se eu fizesse todo o bem do mundo, que coisa teria feito sem ti, meu Jesus?
Meu Jesus, não permitas que eu te ofenda nunca, nunca mais.
Meu Jesus, faze que eu te ame como tu me amas.
Meu Jesus, como te disse, se não me ajudas jamais farei o bem.
Meu Jesus, não confies em mim...
Eu não sei o que fazer, nem o que dizer, se vós não me ajudardes, meu Jesus, minha Mãe...
Se não me ajudares em tempo serei arruinada; meu Jesus, apressa-te em socorrer-me.
Meu Senhor, ensina-me o caminho para me libertar das misérias deste mundo e de suspirar somente pelo céu.

Leônia faminta de Deus (DIÁRIO ESPIRITUAL, 2017, p. 291)

No texto jornalístico existe a tentativa de relacionar os desabafos de Leônia com o atentado ocorrido na cidade de Nova Iorque. Possivelmente, o autor interpretou o ocorrido como uma das misérias do mundo contemporâneo, tal como o texto Leônia é encerrado e apropriou-se das reflexões realizadas pela madre 26 anos antes. Não há evidências da correlação entre o evento e o diário espiritual, tanto pela questão temporal quanto pelo

conteúdo da meditação da religiosa. Porém, a ressignificação de suas palavras ocorre de modo a buscar o reforço da figura da mãe como um modelo a ser seguido não só por outros grupos religiosos, mas também aos que se encontram fora desse espectro. Trata-se de uma personalidade em processo de transição, saindo da sua fragilidade humana representada pela submissão de suas palavras em setembro de 1975 à consagração profética apontada pelo texto do jornal. Mesmo sem conexões plausíveis entre os eventos e o anacronismo na análise da coluna, a intenção de projetar a memória santificada de Leônia Milito se faz presente mais uma vez.

A leitura do diário durante o processo de canonização contribui para a saída da condição comum ao protagonismo histórico de Leônia Milito na congregação e na cidade, pois suas orações, correspondências, angústias, aspirações, desabafos e conselhos ganham outros sentidos nesse contexto histórico. Ainda na apresentação do livro, nas orientações ao leitor apontadas pela postuladora das causas da religiosa, a trajetória missionária apresentada pela própria mãe a partir de seus registros pessoais se configura como uma das intenções da publicação:

Escrito de casa em casa, de cidade em cidade, em países diversos, o mosaico das páginas de seu diário compõe a encantadora imagem do seu perfil espiritual, como veículo do Espírito Santo e missionária dos cinco continentes. Não é por acaso que se autodenominou *peregrina do amor, microfone de Deus, guerreira, missionária, filha amorosa da Igreja*. (DIÁRIO ESPIRITUAL, 2017, p.5, grifos originais)

Ao longo do tempo, a congregação das missionárias de Santo Antônio Maria Claret conseguiu expandir os trabalhos nos cinco continentes. Contudo, é Leônia Milito que está representada com o título de “missionária dos cinco continentes”. Como exposto, a identidade do grupo religioso está diretamente veiculada à religiosa, mais do que D. Geraldo Fernandes e o próprio santo que dá nome à ordem. Nesse sentido, o seu perfil espiritual é o perfil idealizado pelo grupo que carrega sua memória e desempenha os esforços necessários para a sua consagração.

Outro ponto a ser ressaltado são as autodenominações da mãe segundo a postuladora. Além das nomações do excerto, as assinaturas presentes no diário apresentam diferentes formas de submissão da religiosa ao final de cada registro, desde apenas “Leônia” (p.17) até “Leônia de Jesus” (p.16), “Leônia na obscuridade” (p. 31), “Leônia abraçada à Cruz” (p. 38), “Leônia às filhas” (p. 67), “Leônia missionária (p. 260)”, entre tantas outras. As variações das rubricas mostram a forma como a própria religiosa se identificava ao final de sua escrita, revelam parte de seu estado emocional diariamente daquele ano e evidenciam a sua humanidade em busca da santidade para o leitor. Na tentativa de aliar sua vida sob os ideais de santidade, a mãe passou a ser referência para as demais companheiras e fiéis devotos que disseminam tais aspirações para o reconhecimento de suas virtudes a partir da evocação de sua memória.

No entanto, pode-se afirmar que a mãe também alçava tais projeções ainda em vida

e que, ao serem lidas no presente, sofrem as ressignificações de acordo com os ventos que sopram para a construção de sua imagem consagrada. Ao final da oração do dia 1 de julho, Leônia afirma: “dá-me o que ainda me falta para ser santa” (DIÁRIO ESPIRITUAL, 2017, p. 212); ou então no dia 10 de junho, em que parte da reflexão às religiosas foi utilizada na produção do painel localizado no jardim da casa de memória, “[...] breve é o sofrer, mas eterno é o gozar. Cristo quer, entretanto, de vós, que não vos deixeis seduzir pela vaidade do mundo e que permaneçais fiéis até à morte. A coroa será dada ao vencedor” (DIÁRIO ESPIRITUAL, 2017, p. 190). Os trechos selecionados destacam a perspectiva pela qual Leônia Milito demonstrava compreender a sua vida enquanto missionária religiosa. Sob a ideia de se aproximar às figuras santificadas ainda em vida, além de pedir em suas orações, também orientou as demais irmãs da congregação a seguirem o mesmo ideal proposto. Com sua morte, as projeções que possuía em vida passaram a ser carregadas pelo grupo e publicizadas a partir dos desdobramentos do processo de sua consagração religiosa.

Nesse sentido, a narrativa memorialística da história da congregação produzida por Gonzales Neto (1992) entra em consonância com outro livro de relevância no grupo religioso, o diário espiritual de Leônia Milito. Ao documentar por correspondências e reflexões da própria religiosa, ambos cumprem o papel de deixá-la em evidência e contribuem para a legitimação de suas virtudes a fim de alcançar as titulações subsequentes até a efetivação de sua canonização. Paralelamente, a produção dessas memórias limita o esquecimento da mãe e possibilita a formação de um campo rico de representações a serem ressignificadas por aqueles que entram em contato com as obras, como é o caso da interpretação profética dos dramas vivenciados pela religiosa fora do contexto de seu acontecimento.

O diário, por sua vez, também se configura como um lugar de memória (NORA, 1993) na medida em que é material, funcional e simbólico para o leitor. Contudo, seu potencial é ainda maior na medida em que o portador da obra, com dimensões de um livro de bolso, pode carregá-la facilmente e fabricar novas apropriações a partir da leitura diária das palavras de Leônia Milito. Dessa forma, a presença simbólica da religiosa não se limita aos espaços construídos pelo grupo e, assim como a relíquia distribuída, é disseminado no cotidiano daqueles que o adquiriram.

Nesse seguimento, para além das páginas de papel sensíveis ao toque que atestam o modelo espiritual idealizado pela congregação, Leônia Milito também está presente em perfis de redes sociais no ciberespaço. A análise aprofundada das páginas da internet dedicadas à propagação de sua figura não faz parte dos objetivos desta pesquisa e ultrapassariam os limites propostos, porém é um caminho a ser aprofundado na medida em que, ausente do controle das fronteiras virtuais, sua memória também é difundida. Sem a necessidade de recursos financeiros para aquisição do diário da religiosa, o usuário das redes sociais, como é o caso do Instagram – uma rede de compartilhamento de imagens e vídeos acompanhados de pequenos textos –, pode acessar gratuitamente a página

administrada pela congregação religiosa, conforme a figura 11.

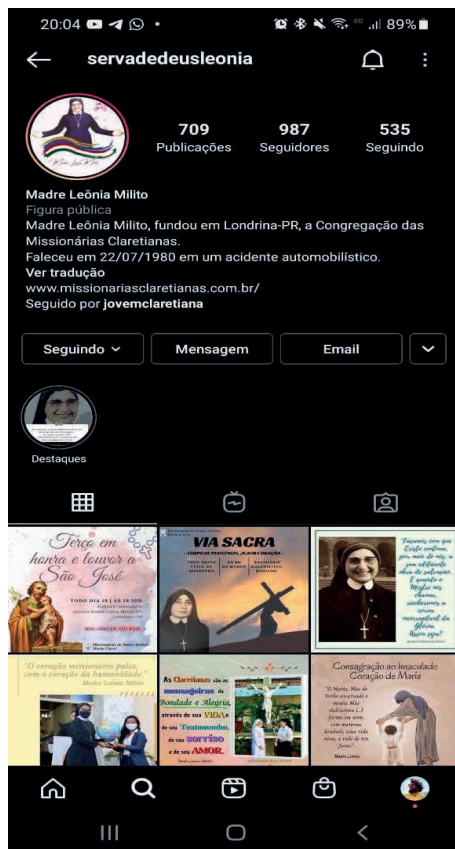


Figura 11. Perfil de madre Leônia Milito na rede social Instagram. Londrina, 2021.

Do autor/Acervo pessoal.

Com uma frequência quase que diária, o perfil virtual da religiosa conta a história da congregação e divulga ações do grupo, bem como mensagens, fotografias e variadas reflexões de Lêônia Milito, muitas dessas retiradas do diário espiritual da religiosa. Sob o nome de usuário “@servadedeusleonia”, o perfil conta com um número expressivo de publicações e seguidores que acompanham sua movimentação nas redes. O material audiovisual veiculado no Instagram permite que qualquer usuário anônimo tenha acesso e o compartilhe com outros, o que motiva o aumento do alcance das publicações. Nesse sentido, além de proporcionar a experiência de contato com a religiosa, a administração do perfil pelas correligionárias do grupo viabiliza a propagação da memória de Lêônia para novos territórios, de fronteiras invisíveis, a partir das conexões virtuais.

Mesmo que ainda não tenha sido reconhecida como venerável para dar início à causa da beatificação, os esforços para a manutenção da memória de madre Leônia Milito

já a santificam regionalmente. Existem objetos de culto à sua imagem; visitas à casa que fundou e viveu durante sua vida em Londrina; peregrinações que vão do Santuário Eucarístico Mariano – onde estão seus restos mortais – até a capela construída nas proximidades do local em que faleceu; relíquias extraoficiais distribuídas entre os interessados na sua figura, sejam fiéis, devotos ou pesquisadores; livros com suas reflexões para fazer parte da rotina dos fiéis; além da presença em redes sociais e da cultura material do complexo homônimo, como elementos que perpetuam sua figura santificada. Não apenas de relevância no âmbito religioso, mas na cidade enquanto protagonista nas primeiras ações de assistência social do município.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, foi possível observar o desenvolvimento do município de Londrina em seu período de ouro, sobretudo na década de 1950, em que a cidade colhia os frutos, tanto no sentido literal, como no aspecto financeiro, do cultivo do café. A cultura cafeeira provocou uma explosão econômica no norte do Paraná e fez a região despontar como um dos locais mais promissores do país no contexto desenvolvimentista do governo de Juscelino Kubitschek (ARIAS NETO, 1995). Denominações como “Terra da Promissão”, “Nova Canaã” e “nova Mesopotâmia” foram comuns nas propagandas, jornais e revistas que veiculavam no período (ROCHA, 1948; ADUM, 1991; COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ, 2013). Paralelamente, a narrativa do progresso econômico silenciava a outra face crescente de forma simultânea ao enriquecimento das elites: a pobreza na região.

O discurso da felicidade, disseminado vivamente entre as décadas de 1930 e 1950, privilegiou apenas uma parte dos grupos sociais envolvidos no processo de recolonização do território norte-paranaense (ADUM, 1991; TOMAZI, 1997). A prosperidade proveniente das terras da região não foi a realidade de uma parcela significativa da população. Nesse sentido, os pobres, sertanejos, mendigos, prostitutas, ladrões, migrantes e imigrantes não-católicos foram invisibilizados como personagens dessa história sem problemáticas, ainda que circulassem em Londrina para ganhar a vida da maneira como pudessem. Não aparecem em registros fotográficos, demográficos ou nos jornais de grande circulação do período. Ao serem esquecidos pela esfera política, principalmente por configurarem obstáculos aos objetivos dessa narrativa, a cidade careceu de projetos que voltassem o olhar para as camadas mais baixas da sociedade londrinense. A participação da congregação das missionárias de Santo Antônio Maria Claret na cidade se deu nesta lacuna.

Ao mesmo tempo, o cenário institucional do catolicismo em nível global, no contexto das discussões preliminares para a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965), buscava ocupar novos espaços para atrair mais fiéis, uma vez que o catolicismo se considerava em desvantagem frente às outras manifestações religiosas e os ideais socialistas no pós-guerra. Nesse sentido, além da evangelização, a parcela católica de Londrina – assim como os protestantes – se destacou no desenvolvimento de ações de cunho assistencialista com essas populações marginalizadas em decorrência do processo recolonizador. Diferente das perspectivas políticas do período em nível municipal, a instituição eclesiástica objetivou voltar o olhar às camadas mais baixas da sociedade e promoveu o trabalho a fim de garantir melhores condições de vida para estes (GONZALES NETO, 1992).

Fundada por madre Leônia Milito e D. Geraldo Fernandes, a congregação rapidamente alcançou certa notoriedade em Londrina, pois o primeiro bispo e arcebispo da cidade era um dos fundadores do grupo. Nesse sentido, Leônia Milito, recém expulsada da ordem religiosa italiana das Pobres Filhas de Santo Antônio, ainda era uma figura anônima, assim como

as demais religiosas que a acompanhavam no período. Podemos considerar que o poder político obtido por D. Geraldo Fernandes, enquanto um dos principais líderes católicos no norte do estado do Paraná, foi um fator preponderante para a posição de destaque das missionárias enquanto agentes transformadoras da assistência social no município. Não foram as únicas personalidades a se dedicarem no âmbito, porém desempenharam um papel relevante na administração de espaços com pessoas em situação de vulnerabilidade social – tal como eram as práticas congregacionais ao longo do século XX (BITTENCOURT, 2017) –, como o asilo São Vicente de Paulo nas dependências do complexo Madre Leônia Milito e a escola Pio XII também fundada pelos religiosos.

Contudo, consideramos que, coletivamente, a morte trágica de Leônia Milito foi o episódio fundamental para a construção de sua memória e, por consequência, de projeção da congregação religiosa, uma vez que a identidade do grupo se mistura com a figura da mãe em meio ao processo de canonização. A narrativa memorialista de Gonzales Neto (1992) sobre a história da congregação, no contexto de organização dos trâmites para o pedido de reconhecimento das virtudes de Leônia no Vaticano, dedica a maior parte do livro ao destaque de sua figura. A comercialização de seu Diário Espiritual (2017) ratifica a construção dessa memória, uma vez que seus sentidos são elaborados pelos leitores no presente, o que potencializa a figura simbólica da religiosa em meio ao processo que seu nome se encontra. É basilar compreender as ações que objetivam perpetuar a memória de Leônia como esforços que estão, ainda que inconscientemente, abertos a mudanças, ressignificações e deformidades dos próprios eventos históricos para mantê-la viva simbolicamente (NORA, 1993).

No final da década de 1950, o território no qual a congregação religiosa estava inserida fazia parte de um dos limites periféricos da área urbana da cidade, uma região desfavorecida social e financeiramente, o que motivou o início da própria ordem religiosa. Com o crescimento da cidade, o local deixou de ser parte do perímetro urbano e se tornou um dos mais desenvolvidos economicamente do município. Atualmente, sob um intenso processo de verticalização, a mesma área abriga um grupo populacional oposto aos que viviam ali nas décadas de 1950-1970 (CRISTAL, 2017). Ou seja, o local com o lema de trabalho para os mais pobres (como funcionou em suas primeiras décadas) atualmente está inserido num espaço bastante diferente do qual foi iniciado o trabalho, sobretudo no seu período de fundação, devido à maneira pela qual o município de Londrina se desenvolveu.

Nesse sentido, podemos identificar que os grupos sociais, intencionados a invisibilizar a pobreza e as demais mazelas sociais na década de 1950, faziam parte das camadas proeminentes que obtiveram alguma prosperidade econômica, muitas vezes, sob a exploração dos mais pobres. Paralelamente, foram eles os responsáveis pela manutenção do discurso memorialista empregado na cidade no período, de uma história linear, sem problemas, sendo o sucesso financeiro atribuído à índole e à vontade própria dos indivíduos que chegavam ao norte paranaense. Sob uma perspectiva semelhante,

porém na ótica religiosa, o mesmo segmento social é responsável pela construção da memória de Leônia Milito.

Ao analisar as características da região em que a estrutura do complexo está inserida, pode-se apontar que a maior parte de seus frequentadores não são mais os que o grupo se destina a atender pelo seu lema, e sim os moradores das proximidades. Pela configuração geográfica da localidade, são esses que transitam na casa de memória, fazem suas orações nas proximidades do túmulo de Leônia Milito, participam das carreatas, frequentam as celebrações e impulsionam a figura simbólica onipresente da mãe. As camadas mais baixas não chegam mais fisicamente até o complexo, são as missionárias que se articulam para atender essas demandas *in loco*, pois o ambiente em que a congregação está localizada possui características opostas ao atendimento dos mais pobres. No entanto, apesar da questão social ser um dos objetivos do grupo e uma das principais referências de ação na história do município, o projeto aparentemente tornou-se secundarizado pela instituição na escala municipal – pois a congregação continua se expandindo em outros continentes – em meio ao processo de canonização da religiosa fundadora.

Para Pollak (1992), a memória envolve disputa e está ligada diretamente à identidade. A corrida pelo reconhecimento das virtudes de Leônia transformou o complexo num ponto de peregrinação e, uma vez consolidada sua beatificação e/ou santificação, o(s) poder(es) simbólico(s) atrelado(s) ao espaço ganharia(m) novas dimensões. Além disso, a partir dos esforços para a sacralização oficial de sua figura, os discursos de uma Terra Prometida, elaborados desde a década de 1930, ganham outros significados na medida em que existe a possibilidade da cidade ter abrigado, em seu período de relativo desenvolvimento, uma personalidade santificada pelo Vaticano.

Por ser objeto de disputa, a memória é modelada socialmente, mas também modela os grupos sociais envolvidos em sua construção (CANDAU, 2012). Desse modo, ao analisar as transformações da cidade da década de 1950 até o presente, bem como os discursos inerentes às mudanças, foi possível observar as adaptações identitárias da congregação religiosa ao longo tempo. Do trabalho expansionista do catolicismo com características assistenciais como principais frentes de trabalho até os esforços para a sacralização de uma única mulher entre as fundadoras, pelos lugares de memória e demais esforços que garantem sua (oni)presença no grupo. Nessa perspectiva, é fundamental observar os movimentos conflituosos, assim como as apropriações realizadas na construção da memória de Leônia Milito em Londrina para as próximas pesquisas desta temática. Para Prost (2012, p.272), um dos desafios da contemporaneidade consiste em transformar a demanda da memória em história. Ou seja, é necessária a análise histórica dos problemas que envolvem a construção da memória para que ela não seja apenas reproduzida sem questionamentos, o levantamento de problemáticas nos possibilita iluminar aqueles que foram colocados à sombra ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

Fontes primárias

DIÁRIO ESPIRITUAL de Madre Leônia Milito: ano Santo de 1975. Editorial Ir. Tereza de Almeida. 2 ed. Londrina: Midiograf, 2017.

GONZALES NETO, José Garcia. **História da Congregação das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret**. Editora Ave-Maria Ltda. São Paulo, 1992.

ORAÇÃO de Intercessão. Dom Albano Cavalin. Relicário de Madre Leônia Milito, 1998

Documentos da Igreja Católica:

ANTIQUORUM FIDE RELATIO. Bolla di indizione del primo Giubileo - Bonifacio VIII, 1300.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática **Lumen Gentium** sobre a Igreja.

_____. Decreto **Ad Gentes** sobre a atividade missionária da Igreja.

_____. Constituição pastoral **Gaudim Et Spes**. Sobre a Igreja no mundo atual.

LEÃO XIII, Papa. Carta Encíclica **Rerum Novarum** (Sobre a condição dos operários). São Paulo: Loyola, 1991.

VATICANO. Biografia de **Casoria Card. Giuseppe**. s/d. Disponível em: < Acesso em 25 jul. 2020.

Leis:

LONDRINA. Lei municipal nº 11.458, de 22 dez. 2011. **Declara como área de interesse histórico, cultural, turístico e religioso o complexo madre Leônia Milito**, Londrina, PR, dez. 2011

_____. Projeto de lei PL001071961, de ago. 1961. **Confere o título de Cidadão Honorário de Londrina ao Bispo da Diocese de Londrina, Dom Geraldo Fernandes**. Entrega da honraria: 18 de mai. 2013.

Entrevistas:

GARCIA, Thiago Machado; LEME, Felipe Augusto de Oliveira; SILVA, Taiane Vanessa da. **Entrevista com José Antonio Morini**. 29 jan. 2015.

SCALASSARA, Zuleika. **Entrevista com Vitor Gropelli**, Museu Histórico de Londrina – Padre Carlos Weiss, 2015.

Correspondências

BIJOS, Geraldo Fernandes [Correspondência]. Destinatário: D. Armando Lombardi, Londrina, 3 mai. 1957.

BIJOS, Geraldo Fernandes [Correspondência]. Destinatário: Famílias das missionárias italianas no Brasil.

CARTA MANIFESTO [Correspondência]. Destinatário: D. Armando Lombardi, Catanduva (São Paulo), 6 jul. 1957.

GRAVINA, Tarcísia [Correspondência]. Destinatário: Papa Pio XII, Nápoles (Itália), 18 dez. 1953.

LOMBARDI, D. Armando [Correspondência]. Destinatário: Monsenhor João Pavésio, Rio de Janeiro, 6 jul. 1957.

MANIFESTO DE SOLIDARIEDADE [Correspondência]. Destinatário: Leônia Milito, Catanduva (São Paulo), 7 out. 1956.

MILITO, Leônia; GRAVINA, Tarcísia [Correspondência]. Destinatário: Monsenhor Casória. Sapri (Itália), 18 dez. 1953.

MILITO, Leônia; GRAVINA, Tarcísia. [Correspondência]. Destinatário: Papa Pio XII, Catanduva (São Paulo), 13 out. 1956.

MILITO, Leônia; GRAVINA, Tarcísia. [Correspondência]. Destinatário: Illuminata Blasiello, Catanduva (São Paulo), 13 out. 1956.

MILITO, Leônia. [Correspondência]. Destinatário: Domenico Mozzicarelli, São Paulo, 20 dez. 1956.

MOZZICARELLI, Domenico [Correspondência]. Destinatário: Leônia Milito, Roma, 10 jul. 1956.

MOZZICARELLI, Domenico [Correspondência]. Destinatário: Leônia Milito, Roma, 3 dez. 1956.

Artigos de jornal e revistas:

BONDE, Redação. Madre Leônia Milito vira padroeira da vida no trânsito. **Bonde**. Londrina, 26 set. 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/VgkQV8>> Acesso em: 20 dez 2020.

BONINI, Paula Costa. Um resgaste à memória de Dom Geraldo Fernandes. **Folha de Londrina**, 19 mar. 2013.

COMPANHIA DE TERRAS NORTE DO PARANÁ. **O Norte do Paraná**. São Paulo, 1941. Folheto propagandístico.

CORREIO DA MANHÃ. Caderno I, p.4, 4 ago. 1955

COSTA, Daniel. Morre aos 83 anos madre Eucarística, fundadora da Congregação Claretiana. **Gazeta do povo**. Londrina, 14 abr. 2011.

DOENÇA fez Leczy dormir 5 anos. **Folha de Londrina**, Londrina, 1 nov. 1999.

FOLHA DE LONDRINA. Londrina v.34, nº 9051, 31, mar., 1982, p.4-5.

FOLHA DE LONDRINA. Coração de santa. **Folha Geral**. Coluna de Paulo Antonio Briguet, 11 set. 2016.

FOLHA DE LONDRINA. Escândalos da província ganha segunda edição. 25 de novembro de 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/3IHx3HP>> Acesso em 13 ago. 2020.

LUCIANO, Antoniele. **35 anos sem Madre Leônia**. Folha de Londrina, 13 de julho de 2015.

LEÃO, Silvana. Família conta a história de José Osvaldo. **Folha de Londrina**, Londrina, 3 nov. 2000.

MASCHIO, Alan. Finados levam 250 mil pessoas aos cemitérios. **Folha de Londrina**, Londrina, 3 nov. 2003.

ROCHA, Oliveira. Revista **A Pioneira**, 1948, p. 23-26.

SCHWARTZ, Widson. O céu e o inferno no fantástico Norte. **Jornal de Londrina**, Caderno Cidade, p. 8A, Londrina, 20 mar. 1998.

Dossiês Temáticos

PINHEIRO, A. R., & BITTENCOURT, A. B. (2015). Dossiê: 'Políticas católicas: educação, arte e religião'. Revista Brasileira De História Da Educação, 15(2[38]), 159 - 168.

Dossiê "Catolicismo e Formação Cultural", Pró-Posições (UNICAMP), 0103- 7307, v.25, n 72, 2014.

Dossiê Empreendimentos sociais, elite eclesiástica e congregações religiosas no Brasil República: A arte de "formar bons cidadãos e bons cristãos". Revista Pro- Posições (UNICAMP. Impresso), 0103-7307, v. 28, n 3, set/ dez 2017.

Sites

NOSSO LAR. História do Centro Espírita Nosso Lar, s/d. Disponível em: <<https://nossolarlondrina.com.br/historia/#>> Acesso em 23 out. 2020.

ARQUIDIOCESE DE LONDRINA. Arquidiocese em números, s/d. Disponível em: < <http://arquidioceselondrina.com.br/arquidiocese/>> Acesso em 16 out. 2020.

ARQUIDIOCESE DE LONDRINA. Serva de Deus: Madre Leônia Milito, 30 out. 2019. Disponível em: <<https://arquidioceselondrina.com.br/2019/10/30/serva-de-deus-madre-leonia-milito/>> Acesso em 10 jan. 2021.

ARQUIDIOCESE DE LONDRINA. Nota de falecimento: Madre Tarcísia Gravina, 04 jul. 2021. Disponível em: < <http://arquioceselondrina.com.br/2021/07/04/nota-de-falecimento-madre-tarcisia-gravina/>> Acesso em jan. 2023

MISSIONÁRIAS. Missionárias de Santo Antônio Maria Claret: História, s/d. Disponível em: <<http://www.missionariasclaretianas.com.br/Page.aspx?Id=9>> Acesso em 11 jan. 2021.

MISSIONÁRIOS CLARETIANOS. Os Missionários Claretianos, s/d. Disponível em: <<https://claret.org.br/claretianos>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

Bibliografia

ADOLFO, Sérgio Paulo. **O Mito Cosmogônico e o Candomblé de Londrina**. Unopar Científica, Londrina, v. 1, n.1, 1997.

ADUM, Sonia Maria Sperandio Lopes. **Imagens do progresso: Civilização e Barbárie em Londrina – 1930 / 1960**. Dissertação de Mestrado em História. UNESP. Assis. São Paulo. 1991

_____. Historiografia norte paranaense: alguns apontamentos. In: ALEGRO, Regina Célia. et al. (Org.). **Temas e questões para o ensino de história do Paraná**. Londrina: Eduel, 2013. p.01-26

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla. et al. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

ALBUQUERQUE, Alexandre Black de. Desenvolvimentismo nos governos Vargas e JK. In: **Anais do XI Congresso Brasileiro de História Econômica**; 12ª Conferência Internacional de História de Empresas. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

ALVES, Jolinda de Moraes. **Assistência aos pobres em Londrina: 1940/1980**. Londrina: Eduel, 2013.

ANDRADE, Solange Ramos. Frei Boaventura Kloppenburg e a história da Igreja Católica no Brasil: aspectos de uma biografia. In: **História Unisinos**, v. 16, n.1, 2012.

ANDRADE, Solange Ramos de. O culto aos santos: a religiosidade católica e seu hibridismo. **Revista brasileira de história das religiões**, n. 7, p. 131-145, maio 2010.

ANDRADE, S. R. de. **Santo de cemitério: a devoção ao Menino da Tábua (1978-1994)**. Maringá: EDUEM, 2015.

ANDRÉ, Richard Gonçalves. **O paraíso entre luzes e sombras: representações de natureza em fontes fotográficas**. EDUEL, Londrina, 2014.

_____. Um contexto, dois olhares: fotografias de natureza segundo José Juliani e Haruo Ohara. **História Social**. 11 (1), 75-94, 2005.

ANDREAN, Rosângela Aparecida de Souza Costa. SILVA, Claudia Neves da. Londrina terra de oportunidades: para quem?. In: **[Anais do] III Congresso Internacional de Política Social e Serviço Social** [livro eletrônico]: Desafios Contemporâneos, GUEDES, Olegna de Souza; FRAGA, Nilson Cesar; ARAUJO JUNIOR, Miguel Etinger de. Londrina: UEL, 2019.

- APARICIO, S. **Los religiosos en el Perú en el siglo XX**. In: **Pontificia Commissio pro America Latina**, Los últimos cien años de la evangelización en América Latina. Actas (pp. 441- 450). Ciudad del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2000.
- ARDUINI, Guilherme Ramalho. **Em busca da Idade Nova**: Alceu Amoroso Lima e os projetos católicos de organização social. (1928-1945). Campinas, São Paulo, Dissertação (mestrado), 2009.
- ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado**: representações da política em Londrina (1930-1975). 2 ed. Londrina: EDUEL, 2008.
- _____. Pioneirismo: discurso político e identidade regional. In: **HISTÓRIA & ENSINO**, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 01: 69-82, 1995
- ARRUDA, Gilmar (org.). **Natureza, fronteiras e territórios**: imagens e narrativas. Londrina: Eduel, 2013.
- AZZI, Riolando. **Vida religiosa feminina no Brasil Colonial (enfoques históricos)**. São Paulo: Paulinas, 1983.
- BARROSO, V. **O famoso norte do Paraná**—terra onde se anda sobre o dinheiro. Curitiba: GRAFIPAR.1956
- BACZKO, B. Imaginário social. **Enciclopédia Einaudi**. V. 5. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985.
- BARBOSA, Benedito. **A mais notável obra de colonização que o Brasil já viu**. São Paulo: Ostrenski, 1953.
- BEOZZO, J. Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, Boris. **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo. Difel, 1984.
- BÍBLIA. **Sagrada Bíblia Católica**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.
- BITTENCOURT, Agueda Bernardete. A era das congregações: pensamento social, educação e catolicismo. In: **Proposições**. V. 28, n. 3 (84). Set/Dez. 2017.
- _____. Anotações sobre a construção do sistema educacional em Santa Catarina. **Proposições** (Unicamp, Impresso), 15(44), 97-118, 2004.
- BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1997.
- BOLETIM MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA/Universidade Estadual de Londrina. Museu Histórico de Londrina. - Londrina-PR: Universidade Estadual de Londrina, v.8 n. 15, jul./dez. 2016a.
- BOLETIM MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA//Universidade Estadual de Londrina. Museu Histórico de Londrina. - Londrina-PR: Universidade Estadual de Londrina, v.6 n.12 Jan/Jun 2015a.
- BOLETIM MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA//Universidade Estadual de Londrina. Museu Histórico de Londrina. - Londrina-PR: Universidade Estadual de Londrina, v.7 n.13 Jul/Dez 2015b.
- BOLETIM MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA//Universidade Estadual de Londrina. Museu Histórico de Londrina. - Londrina-PR: Universidade Estadual de Londrina, v.7 n.14 jan./jun. 2016b.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. A ilusão biográfica. In: **Usos e abusos da História Oral**. AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). 8° ed, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

_____. **Capital simbólico e classes sociais**. Novos estud. – CEBRAP. n.96, pp.105-115, 2013.

BRAGA, Rubem; D'HORTA, Arnaldo. **Dois repórteres no Paraná**. 2 ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos**: estudo sobre o caráter sobrenatural do poder régio na França e Inglaterra. Editora Antonio Fontoura, 2018.

BURKE, Peter. **Sociologia e História**. Porto: Edições Afrontamento, 1980.

_____. **História e Teoria Social**. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

CAMILO, Rodrigo Augusto Leão. A teologia da libertação no Brasil: das formulações iniciais de sua doutrina aos novos desafios da atualidade. **Anais do II seminário de pesquisa da Faculdade de Ciências Sociais**. UFG, Goiânia, 2011.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 2nd ed . **Vaticano**: Libreria Editrice Vaticana , 2011.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CESARO, Caio Julio. **Hikoma Udihara**: Um Samurai no Ocidente – do Propagandista ao Cineasta. Dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero. São Paulo, 2001.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. DIFEL, Portugal, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná**. São Paulo, 3ª Edição, 2013.

COSTA, Françoá. **A nova perspectiva ecumênica do Concílio Vaticano II**. Faculdade Católica de Anápolis, 2013.

CRISTAL, J. **Análise do processo de verticalização através da modelagem tridimensional em uma região do Bairro Gleba Palhano – Londrina, PR**: um instrumento metodológico para o planejamento urbano. 2008. 122f. Monografia (Bacharelado em Geografia). Universidade Estadual de Londrina. Londrina.

- CUESTA, A. M. Las religiosas en América Latina durante el siglo XIX. In **Pontificia Commissio pro America Latina**, *Los últimos cien años de la evangelización en América Latina*. Actas (pp. 927-952). Ciudad del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2000.
- CUSTÓDIO, Maria Aparecida Correa. **A invenção do cotidiano feminino**. Formação e trajetória de uma congregação católica 1880-1909. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2014.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1993.
- DUBY, George. **Heloisa Isolda e outras damas do século XII**. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FAUSTO, Boris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**: o Brasil republicano, v.9: sociedade e instituições (1889-1930), tomo 3, 8ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2006.
- FERNÁNDEZ, Ana Isabel Arias. La Virgen del Camino, patrona de León. In: **Guia para visitar los santuarios marianos de Castilla-Leon**. Ediciones Encuentro, S.A. Madrid, 1992.
- FONTANARI, Rodrigo. Agricultor de imagens: memória e tempo na fotografia de Haruo Ohara. In: **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v.16, n. 32, jul/dez. 2017.
- FONSECA, Alexandre Brasil. Aspectos da presença religiosa em Londrina: situando uma pesquisa. **Revista Mediações**, Londrina, v. 6, n.1, p.217-238, jan/jun. 2001.
- GAJANO, Sofie Boesch. Santidade. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **Dicionário temático do Ocidente medieval**. Bauru: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, v. 2. p. 449-463.
- GARCIA, Thiago Machado. **A construção da memória religiosa em Londrina**: as fotografias do Instituto Coração de Maria a partir dos registros da Congregação das missionárias de Santo Antônio Maria Claret (1976-1979) 2017. 66 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2017.
- _____. **O patrimônio religioso em Londrina**: história e memória na casa de memória Madre Leônia Milito (2011-2017) 2018. 55 folhas. Monografia (Especialização em Patrimônio e História) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2018.
- GONÇALVES, Janice. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. In: **Historiae**, Rio Grande, 3. (3): 27-46, 2012.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. “Memória coletiva e história científica” **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Anpuh/Marco Zero, vol. 15, 28: 181-193, 1995.
- GUILLOIS, Abbade Ambrosio. **Catecismo** – explicação histórica, dogmática, moral, litúrgica e canônica – com a resposta às objeções extrahidas das sciencias contra a religião. Traduzida da 12. ed. De Pariz. Porto: Livraria Chardron, 1903.

GUIMARÃES, Francisco Portugal. *Proprium sanctorum: o culto a suas relíquias e a seus relicários*. In: **População e Sociedade**. CEPESE, Porto, vol. 20, p. 53-67, 2012.

_____. **Relíquias e relicários em Salvador, Bahia**: devoção e arte. Tese (Doutorado-Artes Visuais), Universidade Federal da Bahia, Escola de Belas Artes, Salvador, 2016.

GUTIÉRREZ, Benjamin. CAMPOS, Leonildo Silveira. **Na força do Espírito**: os pentecostais na América Latina, um desafio às igrejas históricas. São Paulo: Aipral/Pendão Real, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. **Varia história**, Belo Horizonte, vol. 22, n. 36, p. 261-273, jul/dez, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. Companhia das Letras, São Paulo, 2013.

KLOPPENBURG, Frei Boaventura. **Concílio Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 1962.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

_____. **Fotografia e história**. 5. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

LARA, Sílvia Hunold. Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil. In: **Projeto História**, São Paulo, (16), fev. 1998.

LE GOFF, Jacques. História. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

LENHARO, Alcir. **A sacralização da política**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1986.

LENZ, Matias Martinho. **O Concílio Vaticano II**: a presença da Igreja no mundo em espírito de serviço, em especial aos mais pobres. In: Ver. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v.4, n.2, p.421-440, jul./dez. 2012.

LEME, Edson José Holtz. **O Teatro da Memória**: o Museu Histórico de Londrina: 1959-2000. 276 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós- Graduação em História, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

LIBANIO, João Batista. **Concílio Vaticano II**: em busca de uma primeira compreensão. Edições Loyola, São Paulo. 2005.

LOSNAK, Marcos & IVANO, Rogério. *Lavrador de Imagens: uma Biografia de Haruo Ohara*. Londrina: Saulo Haruo Ohara, 2003.

LUIZ, Leonardo Henrique; ANDRÉ, Richard Gonçalves. A estruturação do campo religioso budista japonês em Londrina-PR (1950-2014). In: **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, Itapetininga, v.4, n.1, 2017.

MASCHIO, Edison. **Escândalos da Província**. Londrina, Kan, 2011.

MAEYAMA, Takashi. O antepassado, o imperador e o imigrante: religião e identificação de grupo dos japoneses no Brasil rural (1908-1950). In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, T. (Orgs.) **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

MELHADO, Felipe. **Anti-Herói Entre Heróis**: Marinósio Filho, boêmia e jornalismo na Londrina do Eldorado. 306 p. Dissertação (mestrado em História Social). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O museu de cidade e a consciência de cidade. In: SANTOS, Afonso C. Marques dos; KESSEL, Carlos; GUIMARAENS, Cêça. (Org.). **Museu & Cidades**. Livro do Seminário Internacional “Museus e Cidades”. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003.

_____. Apresentação da Nova Série. In: **Anais do Museu Paulista**: História e Cultura Material. São Paulo. N. Ser. N. 1. jan/dez, 1993. p. 5-7.

MIGUEL, Sinuê Neckel. O Espiritismo frente à Igreja Católica em disputa por espaço na Era Vargas. In: **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 17, n. 24, p. 203- 226, dez. 2010.

MORAES, Carlos Paula de. A Rerum Novarum e a questão social católica entre direita e esquerda. In: **Revista Labirinto**, Porto Velho (RO). Ano XX, vol. 32 (jan- jun), n. 1, 2020.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”**: o anti- comunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002.

NASCIMENTO, Renata Cristina de S. As Santas Relíquias: tesouros espirituais e políticos. In: **Revista Diálogos Mediterrânicos**, nº 6, junho, 2014.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História do Departamento de História da PUC. São Paulo, 1993.

NUNES, Layane Alves. Os investimentos na colonização do norte do Paraná direcionados pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná e a comercialização das terras. In: **Anais do II Congresso Internacional de Política Social e Serviço Social**: Desafios Contemporâneos. ALVES, Jolinda de Moraes Alves; ARAUJO JUNIOR, Miguel Etinger de; FRAGA, Nilson Cesar (organizadores). – Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2017.

PERROT, Michelle. **História dos quartos**. Tradução de Alcida Brant. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**. V. 1 (Memória- História). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 51-86.

PROENÇA, Wander de Lara. **Magia, Prosperidade e Messianismo: Práticas, Representações e Leituras no Neopentecostalismo Brasileiro**. Curitiba, Instituto Memória, 2009.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX**. Tradução de Ana Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROMANO, R. *Brasil: Igreja contra Estado*. São Paulo: Kairós, 1979.

ROUX, R. La romanización de la Iglesia católica en América Latina: una estrategia de larga duración. **Pro-Posições**, 25(1), 31-54, janeiro/abril, 2014.

SANCTORUM MATER. Instrução para a realização dos inquéritos diocesanos ou das eparquias nas causas dos santos, **Congregação para as Causas dos Santos**, 2007.

SILVA, Cláudia Neves da Silva. O processo de consolidação da Igreja Católica no município de Londrina (1934-1957). **SERV. SOC. REV.**, Londrina, v. 2, n. 2, p.259-274, jan./jun. 2000.

SILVA, Taiane Vanessa da. **O trânsito entre o comum e o ilustre: a (re)ocupação do norte do Paraná e o registro de experiências narradas no Museu Histórico de Londrina, década de 1970**. 2018. 168 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, 2018.

SOARES, Marco Antônio Neves. **Da Alemanha aos trópicos: identidades judaicas na terra vermelha (1933-2033)**. Londrina: EDUEL, 2012.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

TOMAZI, Nelson Dacio. "Norte do Paraná" histórias e fantasmagorias. Curitiba, 1997.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA. **Londrina documenta**: coleção fotográfica José Juliani. Projeto de organização e recuperação da Coleção José Juliani por Áurea Keiko Yamane, Célia Rodrigues de Oliveira. Coordenação Angelita Marques Visalli. Londrina: UEL, 2011.

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade na Idade Média ocidental (séculos VIII a XIII)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

ANEXOS

ANEXO I

Carta de madre Leônia Milito e irmã Tarcísia ao Mons. Casória, Sapri (Itália) em 18 de dezembro de 1953.

Graças a Deus, junto com a irmã Tarcísia, fizemos boa viagem e chegamos a Nápoles no dia 29 do mês passado.

Não lhe escrevi logo como era meu dever porque não tive calma para fazê-lo, depois de todas as novidades, perseguições e calúnias que achei.

Não sei se o senhor sabe de todo o iníquo desenvolvimento do Capítulo Geral, acontecido dia 9 de novembro, na Casa de Miradois.

Entretanto as obras de Deus devem ser marcadas com o sinal da cruz, e eu olho o crucifixo para imitar o seu exemplo e pedir-lhe a força necessária para poder ser digna de mostrar-me sua esposa em tão dura prova de fogo, a que fui submetida pelos próprios superiores e coirmãs do Instituto ao qual por 20 anos consagrei toda a minha existência.

Acho-me em família por razões de saúde, por cause de tanto sofrimento moral reprimido que repercutiu no físico.

Abro-me ao senhor contando com a sua amizade, já demonstrada em muitas ocasiões, e a sua paterna lealdade aliada a um alto senso de justiça. Estou certa que acharei pelo menos no senhor conforto e proteção para o meu oprimido espírito.

O demônio tramou as coisas tão bem contra mim e a pobre juventude composta de 150 irmãs que me é impossível por carta relatar-lhe tudo. Não tenho porém meios nem motivo para ir a Roma. Desde o dia da chegada estou prisioneira sob vigilância e por isso na impossibilidade de sair. Poderei aproveitar agora que estou em família, mas tenho medo de ser encontrada em Roma e, depois, o que será de mim? O que me aconselha fazer?

Portanto, se não aproveito agora, não poderei fazê-lo mais tarde, porque estou esperando aqui a chegada da nova madre geral que dará minha nova residência, para viver em alguma casa do Instituto como simples irmã submissa e vigiada.

Mas as coisas do Instituto vão piorando de hora em hora e a juventude é oprimida e tentada. A missão no Brasil está em perigo de ser destruída com grande escândalo público, as artes diabólicas continuam a inventar, instigar, destruir e triunfar sobre o bem para perder as almas que custam o sangue de Cristo.

De minha parte me sinto calma e serena de consciência porque Deus com a sua graça me sustenta minuto por minuto e serei felicíssima de acabar a minha vida no anonimato humano.

Peço-lhe que reze muito pela minha pobre alma para que, dócil e obediente, aceite em qualidade de vítima toda a perseguição, tendo presente as suas proféticas palavras dirigidas às missionárias e que tenho gravadas no coração: Sofrer, Oferecer, Calar e Ter paciência.

Espero uma resposta sua, mesmo que seja telegráfica, com uma licença para ir a Roma sem que ninguém o saiba.

ANEXO II

Pedido de Intervenção solicitado por Irmã Tarcísia Gravina em 18/12/1953, de Nápoles (A.G.C.)

Beatíssimo padre,

A abaixo assinada, irmã Tarcísia Gravina, membro do Instituto “Pobres Filhas de Santo Antônio”, superiora responsável das missões no Brasil, depois de ter longamente rezado e ter-me aconselhado previa, movida pelo único motivo que é a glória de Deus e salvação das almas, decidi expor humildemente quanto segue.

Falo também em nome de cem coirmãs professoras e quarenta postulantes que, neste momento, estão na impossibilidade de manifestar com liberdade o que eu estou para dizer porque são perseguidas, divididas e oprimidas. Eu sou a única que ainda gozo de tal liberdade por voltei, por razões de estudo, há poucos dias do Brasil.

No dia 9 de novembro passado, foi feita a nova eleição do Capítulo Geral do Instituto, na casa da Rua Miradois, 39, em Nápoles, começando dolorosamente com os seguintes abusos:

Procurou-se, junto ao sacerdote que dirigiu o retiro e com quem presidiu o Capítulo, constringer todas as votantes a dar o próprio voto à irmã previamente indicada que depois foi eleita, dobrando-se as próprias consciências com o temor de uma intervenção da Santa Sé e da possível nomeação de uma irmã de outra Congregação. Disso tenho provas e testemunhas oculares.

Para convencer também as irmãs jovens a dar o voto a essa irmã, jogaram muitas acusações sobre quem era geralmente levada como idônea para este cargo e as impressionaram e sugestionaram tanto, que elas, juntamente com as irmãs mais velhas, deram o voto unanimemente à nova madre eleita.

Esta eleição, como se podia prever, causou consequências desastrosas seja na disciplina seja na ordem interna das comunidades, junto ao escândalo externo.

A casa mais atingida depois da eleição foi a do Noviciado, em Rua Pontecorvo, 39, Nápoles, onde o novo Conselho causou a dispersão das postulantes e irmãs jovens, pondo-as em condição de desespero, até quase perder a vocação.

Esta perseguição foi especialmente contra a nova geração do Instituto, educada por uma mesma mestra, que, desde o ano de 1943, nos formou segundo as normas da Santa Madre Igreja para preparar-nos para enfrentar as exigências modernas de Apostolado.

Dois dias antes de minha volta do Brasil, em companhia da mestra de noviças, ali enviada pela ex-madre geral Stefanina Graziano, no mês de junho passado, para acompanhar 18 irmãs e assim ampliar e consolidar uma missão aberta em 1952, esta Casa de Noviciado foi transformada da seguinte maneira:

19 aspirantes foram, improvisamente e entre lágrimas, tiradas do ninho da formação delas e colocadas em Roma, Rua Solonia, 8, Quarto Miglio Appio.

Depois foram nomeadas, tempestivamente, uma Superiora e uma Vigária com a

ordem de vigiar a mestra de noviças, sequestrando arquivo, telefone, caixa postal etc. Notifico que esta mestra, desde o ano de 1946, ocupava também o lugar de Superiora nesta casa, por razões especiais e justificadas das ex-superioras.

A irmã vigária local tem a ordem de vigiar todos os atos das irmãs jovens que aí permaneceram e dar relações todos os dias pelo, menos por telefone, às novas superioras e especialmente para a nova madre geral.

Portanto, as postulantes, em número de 23, prestes a ser noviças, foram instigadas e escandalizadas de tal maneira que 19 delas, exasperadas e sem experiência, no dia 9 deste mês fugiram para a família de uma postulante, numa cidade perto de Nápoles, de onde foram levadas com brutalidade e reconduzidas, quase violentamente, à casa de Miradois, junto às outras irmãs cúmplices que favoreceram a fuga.

Desde o dia do desembarque, em 29 de novembro, a mestra de noviças foi injuriada e torturada na alma, com repercussões sobre o físico, com toda a espécie de horríveis calúnias, a ponto de não se poder descrever nem pensar em almas consagradas a Deus e ter de pedir demissão como mestra de noviças. Foram destruídas, proibidas, julgadas falsamente todas as atividades e iniciativas feitas por ela nestes anos com a finalidade de trabalhar pelo Instituto e encaminhá-lo sempre mais e sempre melhor segundo o espírito da Igreja e das atuais exigências da vida social moderna. Por isso, para deformar e destruir essa obra, foram nomeadas irmãs contrárias à juventude e estão usando todos os meios para destruir este espírito, deturpar e alterar as consciências, com o pretexto de fazer justiça, inculcando a ex-mestra, dizendo que esta formação foi preparada para fazer, a tempo justo, uma separação do Instituto.

No ano de 1952, como já falei, foi aberta uma missão no Brasil, no Estado de São Paulo, onde antes quatro irmãs e depois dezoito, num segundo momento, no ano de 1953, fundaram cinco casas com várias obras de assistência religiosa e social em benefício da infância, da juventude, dos velhos e das pessoas sofredoras. São quase dez mil assistidos e são obras florescentes, bem acolhidas e protegidas pelos bispos e padres locais e muito mais pelos assistidos.

Ainda acrescento, por dever de consciência, que enquanto a ex-madre geral Stefanina Graziano – que governou o Instituto por vinte e dois anos – procurava sempre conciliar as irmãs anciãs com as jovens cujo progresso ela louvava, apoiava e protegia, a nova eleita, para conquistar a confiança das irmãs mais velhas, está tramando com o seu Conselho luta contra as jovens e especialmente contra as que têm mais estudos, acusando-as de rebelião contra o novo governo e separando-as umas das outras sob severa custódia, depois de tê-las submetido a contínuos e prolongados interrogatórios com muitos sofrimentos morais, com a finalidade de deixá-las amedrontadas e assim não recorrerem aos Superiores maiores, especialmente à Sagrada Congregação dos Religiosos.

Estas coisas tão violentas provocaram nas irmãs mais jovens muitos males físicos e especialmente sofrimentos morais, com ameaças de escândalo e perda de vocação, pois elas, em boa parte, fizeram votos temporários e são muito jovens, portanto têm pouca experiência religiosa.

O escândalo ainda não se verificou porque se estão procurando todos os meios para manter as jovens professoras e postulantes calmas e serenas, prometendo-lhes a segura intervenção dos Superiores maiores.

É inútil sublinhar que todos os acontecimentos foram provocados, preparados diretamente e aconselhados pela ex-vigária geral e atual conselheira, que, desde o início da fundação, sempre ocupou cargos de confiança, submetendo tudo e todos ao seu insondável juízo, o que pode ser comprovado facilmente porque ela, antes do Capítulo, reuniu as irmãs capitulares para dizer-lhes que, se não fosse feito aquilo que ela desejava, deixaria imediatamente o Instituto e recorreria imediatamente à Santa Sé para destruí-lo. Pode-se entender como as ameaças dela intimidaram as irmãs que, se dobraram também, sem quere, ao seu desejo.

Isso foi falado por ela, não somente para atemorizar as irmãs, mas, de modo especial, para salvar-se pessoalmente e não ser afastada da casa de Miradois, onde há mais de 15 anos mora e vive como irmã superiora, vigária e conselheira e onde se formou um grupo de irmãs de confiança que trabalham para semear a discórdia no Instituto, especialmente entre as jovens. Notifico que esta irmã, pequena, muito magra, sempre doente como é, ainda poderia aparentemente enganar qualquer pessoa, mas, na realidade, é a organizadora das divisões e dos males que afligiram e afligem o Instituto.

Beatíssimo Padre, tudo quanto escrevi com toda consciência é verdade e pode ser comprovado por vários padres que conheceram e sempre protegeram o Instituto e que me aconselharam a pedir a intervenção imediata dessa Sagrada Congregação dos Religiosos por meio de um urgente e necessário Visitador Apostólico que possa ver e remediar os males que martirizam o Instituto, fazendo os necessários reparos para evitar um maior escândalo que daria aos inimigos da Igreja uma arma mais forte para combater-la e faria muito mal às pessoas das irmãs injustamente perseguidas.

É bom que se saiba que os novos superiores, temendo ser descobertos e acusados, se recomendaram à Cúria de Nápoles e de Roma, acusando a nova geração de provocar cisão e de outras culpas, esperando assim abater qualquer movimento das irmãs e especialmente da ex-mestra que está superando com heroico silêncio, calma e submissão, quaisquer infâmias a ela atribuídas.

Estou segura e confiante que tudo o que falei poderá ser certamente confirmado por qualquer pessoa com eventuais interrogatórios sob segredo e juramento e, se é o caso, observado e corroborado com documentos escritos em meu poder.

Espero que a intervenção pedida à Sagrada Congregação dos Religiosos não demore a chegar para restabelecer a ordem e para evitar maiores danos ao Instituto.

Enfim, humildemente apresento a Vossa Santidade os meus devotos e filiais obséquios e, diante de Deus e da Virgem Maria, me prostro na verdade e com a responsabilidade pelo que afirmei.

ANEXO III

Carta do padre visitador Domenico Mozzicarelli à madre Leônia. Roma, 10-7-56.

A Superiora Geral me comunicou a sua carta de 9 de junho, à qual respondo diretamente para comunicar-lhe a decisão tomada por unanimidade pelo Conselho Generalício sobre a questão do fechamento da Casa de São Carlos:

1º - Não se permite a abertura da Casa de São Paulo, que é oferecida para a direção de uma obra para a infância.

2º - As irmãs que estavam empregadas à Casa de São Carlos devem retornar para a Itália, onde o campo de apostolado está assumindo proporções sempre mais vastas, enquanto se faz sentir sempre mais a falta de pessoal necessário.

Ao receber esta carta, tome todas as providências necessárias para a partida das irmãs que estavam empregadas à comunidade de São Carlos.

ANEXO IV

Manifesto de solidariedade do grupo missionário italiano no Brasil à madre Leônia. Catanduva, 7 de outubro de 1956.

Depois de ter rezado muito e suplicado a Jesus por meio da intercessão da Virgem Santa e pedido a ele que nos indicasse o caminho seguro a seguir para santificar-nos, todas juntas, partilhando o mesmo ideal seráfico e missionário, tomamos a determinação de seguir, seguras e confiantes, pela estrada que, por vosso meio, Deus se dignar indicar-nos.

Todas nós, que tivemos em vós a Mãe e a Mestra, como aquela que soube amar-vos e formar-nos no espírito, que soube amar-nos e formar-nos no espírito, que vivenciamos ao vosso lado e vimos vossa abnegação e dedicação pelo nosso bem e pelo progresso do Instituto, inculcando-nos sempre a ele muito apego, nós, espectadoras das lutas por vós suportadas para defender a virtude e, especialmente, para assegurar a estabilidade da missão no Brasil, queremos continuar, com a ajuda de Deus e junto de vós, a dedicar-nos ao apostolado missionário, voluntariamente, dispostas a separar-nos da Congregação à qual até agora pertencemos, somente pelo bem das nossas almas, para realizar o ideal da nossa vocação e dedicar a nossa vida para aliviar e mitigar o sofrimento da humanidade. Somos constrangidas à separação, por não ter conseguido formar uma fusão de ideais e de apostolado, depois de ter procurado, junto a vós, todos os meios possíveis para poder continuar a vida religiosa no Instituto.

Temos compreensão do passo que estamos decididas a dar e é também com grande dor que pedimos para separar-nos da Congregação, mas não temos incerteza, porque nos foi aconselhado por excelentes Autoridades Eclesiásticas e vemos que é necessário não somente pelo bem de cada uma e pela coletividade, mas, particularmente, para assegurar o futuro das obras a nós confiadas que estão em perigo de serem fechadas, pelas vocações que Deus nos está mandando, e que seriam envolvidas na nossa mesma triste situação, e, enfim, e mais do que tudo, para não impedir que os desígnios de Deus se cumpram.

Sustentadas pela graça de Deus, desejamos vivamente difundir no mundo as verdades evangélicas e seguir os ensinamentos do Divino Mestre, fazendo parte de uma Congregação Religiosa que nos ofereça os meios necessários para realizar esse fim e para santificar-nos, esconjurando os perigos de pôr em jogo a nossa alma e contribuir para formação de novas vítimas, como os acontecimentos precedentes da Itália nos admoestam e os sofrimentos das nossas pobres coirmãs nos são de exemplo e, ao mesmo tempo, nos causam dor.

Estamos prontas a lutar pela causa do bem e não temos dúvida da ajuda de Deus nas conseqüências a cujo encontro podemos ir, mas, juntas num só coração, irmanadas num esforço pela conquista de um ideal comum e apoiadas na vossa orientação, Revda.

Madre, não tememos nenhum perigo porque Deus certamente nos dará a força para superar as lutas e os obstáculos.

Unidas aos pés do Tabernáculo e na presença real de Jesus, renovamos a doação da nossa vida, enquanto, sincera e firmemente, prometemos a vós que desejamos dar glória a Deus e santificar-nos, dispostas a lutar unidas contra os inimigos do bem.

Prostradas aos vossos pés, vos suplicamos que aceiteis estas sinceras e espontâneas promessas que, com a ajuda de Deus, queremos com firmeza e a qualquer custo manter, e imploramos a santa bênção.

ANEXO V

Pedido de separação do grupo missionário italiano no Brasil ao papa. Catanduva, 13 de outubro de 1956.

Beatíssimo Padre,

As humildes e dóceis filhas da Santa Madre Igreja, nós, abaixo assinadas, membras da Congregação das “Pobres Filhas de Santo Antônio”, de Direito Pontifício, com sede geral em Nápoles, Itália, Salita Miradois, nº 39, vimos humildemente à presença de Vossa Santidade, para renovar a súplica que enviamos a Vossa Santidade no ano do Senhor de 1954, pedindo, por delicadíssimos motivos de consciência, a separação do citado Instituto.

Em seguida à intervenção do Visitador Apostólico, na pessoa do Reverendo Pe. Domenico Mozzicarelli, desistimos da mesma resolução, fazendo o sacrifício da nossa reputação, somente por amor à união da Congregação e à caridade fraterna.

Mas hoje, passados quase três anos, com grande pena e dor, depois de todos os esforços feitos e toda a nossa boa vontade, vemo-nos na impossibilidade de manter tal promessa, e por isso, prostradas aos pés de Vossa Santidade, depois de ter rezado muito e invocado as luzes do Espírito Paráclito, renovamos decididamente a nossa súplica, pedindo que nos conceda o indulto apostólico de SEPARAÇÃO da Congregação à qual pertencemos, com a única finalidade de fazer o bem à nossa alma e continuar a viver, santamente e até a morte, a nossa vida religiosa no apostolado missionário.

Para readquirir a paz e a serenidade das nossas almas, estamos prontas, por amor a Deus, a refazer o Noviciado e ater-nos escrupulosamente às leis do Direito Canônico, continuando a ser filhas fidelíssimas da Santa Madre Igreja.

Certas de encontrar paterna compreensão, confiantes na ajuda de Vossa Santidade, humildemente prostradas, beijamos o sagrado pé.

ANEXO VI

Carta do grupo missionário italiano no Brasil à madre geral Illuminata Blasiello.
Catanduva, 13 de outubro de 1956.

Na presença de Deus e da Virgem Santa, que invocamos intensamente antes de chegar a uma firme e decidida resolução, vimos comunicar-vos que, depois de ter visto inúteis todas as nossas tentativas para chegar a um recíproco entendimento, e ainda, em seguida aos últimos acontecimentos, mandamos o pedido à Sagrada Congregação dos Religiosos, renovando a súplica de conceder-nos a separação do Instituto “Pobres Filhas de Santo Antônio”, como já havíamos feito no ano de 1954, e do qual desistimos devido à intervenção do Reverendo Pe. Visitador no Instituto, fazendo o sacrifício também da nossa reputação e submetendo-nos a qualquer humilhação por amor da união da Congregação e da caridade fraterna.

Mas, hoje, transcorridos quase três anos, com grande pena e dor, depois de todos os nossos esforços feitos e toda a nossa boa vontade, somos constrangidas a não continuar o nosso trabalho no Instituto, pelo qual, depois de ter rezado muito, sentimos a necessidade de renovar a nossa súplica, pedindo conceder-nos tal indulto apostólico de separação da Congregação, somente com a única finalidade de fazer o bem às nossas almas e continuar santamente, e, até a morte, a nossa vida religiosa no apostolado missionário.

ANEXO VII

Carta circular de D. Geraldo Fernandes, bispo de Londrina, às famílias das missionárias italianas no Brasil. São Paulo, 31 de janeiro de 1957.

Como deseja vossa filha..., escrevo esta carta para assegurar-vos que vossa filha está muito bem em todos os sentidos.

A separação que ameaça a Congregação não diminui minimamente a felicidade de vossa filha, que deseja somente fazer a vontade de Deus. De nenhum modo, podemos considerá-la desobediente ou julgar perdido seu espírito religioso, porque, junto com as outras irmãs que se acham no Brasil, recorreu à Sagrada Congregação dos Religiosos, em Roma, e está esperando docilmente a decisão do santo padre.

Sinto muito que a Madre Geral vos tenha preocupado com a carta que vos escreveu, porque, tratando de coisas internas da Congregação, isto podia ficar somente entre as religiosas, sem que transpirasse algo para fora do Instituto, pois não era necessário.

Posso tranquilizar-vos de que as irmãs “Pobres Filhas de Santo Antônio”, aqui no Brasil, gozam estima, boa saúde e têm ótimo espírito religioso.

Na mesma data, na qualidade de Assistente das Religiosas, escrevi a Roma, à Sagrada Congregação dos Religiosos.

Rezem por mim e peçam ao Bom Deus que faça acabar quanto antes tudo isso.

ANEXO VIII

Carta do padre visitador Domenico Mozzicarelli à madre Leônia. Roma, 3 de dezembro de 1956. (página 91)

A Superiora Geral das “Pobres Filhas de Santo Antônio” trouxe ao meu conhecimento o pedido feito pelas irmãs residentes no Brasil para separarem-se do Instituto.

Compreendeis bem que tal pedido surpreendeu a todos, exceto a mim. Não entro no mérito da questão, mas gostaria de pedir-vos, se conservais ainda um pouco de sensibilidade sobrenatural, logo aberta esta carta, ide à capela, ajoelhai diante de Jesus Sacramentado e fazer um pouco de meditação sobre o trecho que se segue:

“COM O CRUCIFIXO ENTRE AS MÃOS PROMETO E JURO permanecer FIEL ao Instituto abraçado e continuar a doar-me com a mesma chama apostólica pelo seu desenvolvimento e próspero futuro. PROMETO-VOS, com a ajuda da graça, fazer tesouro dos vossos sábios e iluminados conselhos e MOSTRAR-ME OBEDIENTE, SUBMISSA E DÓCIL À VOZ DA SANTA MADRE IGREJA E DOS MEUS LEGÍTIMOS SUPERIORES. Perdoai-me por amor de Deus o meu excessivo zelo INDISCRETO, a favor das irmãs jovens, QUE PODIA CAUSAR UM GRAVE PERIGO PARA O INTEIRO INSTITUTO”

Reconheceis de quem é esta promessa e este juramento? Foi escrito por vossa mão. O que pensais agora? Fostes fiel a tal solene juramento? Fazei um SÉRIO exame de consciência!

E em 2/8/54, aquelas mesmas irmãs, que assinaram convosco o pedido de separação, escreviam-me do Brasil: “Como verdadeiras filhas da Igreja e como dignas seguidoras de Jesus Crucificado, VOS REPETIMOS, Reverendo Padre Visitador, ASSIM COMO ESCREVEMOS PARA A REVERENDA MADRE GERAL, isto é: EMPENHAMO-NOS EM PRESTAR OBEDIÊNCIA, SUBMISSÃO E RESPEITO À SANTA MADRE IGREJA E AOS LEGÍTIMOS SUPERIORES, PERMANECENDO FIELMENTE COMO SÚDITAS, MOSTRANDO-NOS HUMILDES E CONSCIENTES DO NOSSO DEVER E DA NOSSA VOCAÇÃO RELIGIOSA... Venha nos visitar, Padre, porque somos felizes de poder manifestar-vos com viva voz o nosso reconhecimento, a NOSSA FIDELIDADE E A NOSSA FILIAL DEVOÇÃO, MOSTRANDO-VOS COM OS FATOS o que hoje vos afirmamos COM TANTA SEGURANÇA E SERIEDADE”.

Estas palavras, aparentemente sinceras, escritas depois da vossa volta ao Brasil, confirmam visivelmente o vosso juramento. Relede isso junto àquelas que vós chamais “as minhas queridas filhas” e vereis quanta “seriedade” há nestas promessas.

ANEXO IX

Carta de madre Leônia ao padre visitador Domenico Mozzicarelli. São Paulo, 20 de dezembro de 1956. (página 91)

Com serenidade de espírito e tranquilidade de consciência, respondo à sua de 3 de dezembro passado.

Lembro-me muito bem o que me foi imposto para escrever e prometer com juramento, no ano de 1954, como também me lembro das promessas e dos cuidados que tiveram comigo para induzir-me a declarar que eu sozinha era a culpada e a vítima do que se me imputava. Eu, com a força que me veio somente da graça de Deus, submeti-me, dócil como um cordeiro, a tudo o que me foi pedido, na certeza de que tanto sacrifício seria útil pela paz, pela fraternidade e pela unidade do Instituto ao qual dei vinte e dois anos de vida, gastos somente para glorificar a Deus e consumir-me, gota a gota, para vê-lo progredido e difundido. Continuei a dar provas de fidelidade por quase três anos nesta terra à qual, por obediência fui destinada, e teria continuado a resistir até a morte, se os últimos acontecimentos, causados não sei por quem e por que, não me colocassem em condições de consciência de levar-me a fazer o que vós já conheceis.

Rezei e resisti enquanto vi que não poderia haver perigo para a minha alma, mas, verificando que, apesar de todos os meus esforços, nós estávamos sempre propensas à desconfiança, na dúvida e numa absoluta incompreensão, convenci-me de que somente com tal decisão poderia fechar este doloroso parêntese e continuar a trabalhar, cada uma no próprio campo de apostolado, de acordo com o ideal e a missão abraçada.

Para o momento, não devemos perscrutar os segredos da Divina Providência, nem podemos condenar e julgar as ações que se fazem, mas chegará um dia em que, na justiça e na verdade, nós conheceremos tudo na plena realidade.

Portanto, deixemos tudo nas mãos de Deus, rezando, trabalhando, sofrendo e perdoadando.

Humilíssima em Cristo.

ANEXO X

Carta do Núncio Apostólico no Brasil, Dom Armando Lombardi a Mons. João Pavésio. Rio de Janeiro, 6 de julho de 1957.

Com vivo prazer tomei conhecimento, que Vossa Reverendíssima está pregando, nestes dias, os Exercícios Espirituais às Irmãs “Pobres Filhas de Santo Antônio”: é esta uma circunstância providencial que me permite confiar-lhe uma grave e delicada missão.

Por meio da presente, encarrego a Vossa Reverendíssima de, no fim do retiro, comunicar à referida Comunidade o seguinte:

1 – A Sagrada Congregação dos Religiosos não acolheu a súplica de separação das Casas existentes no Brasil;

2 – Irmã Leônia Milito, Delegada Geral no Brasil e Irmã Tarcísia Gravina, secretária, foram dispensadas dos votos, exoneradas dos respectivos cargos e liberadas de todo vínculo com o Instituto;

3 – As demais religiosas são paternalmente exortadas a permanecerem fiéis à própria vocação e ao próprio Instituto, que tem a intenção de continuar a obra de apostolado, iniciada no Brasil;

4 – As irmãs, que não quiserem permanecer no Instituto, o manifestem por carta ao Exmo. Sr. Núncio Apostólico, que, para cada caso, solicitará à Santa Sé a dispensa dos votos.

Queira Vossa Reverendíssima comunicar o acima referido também ao Exmo. Sr. Bispo diocesano de Rio Preto, pedindo-lhe continue a dispensar sua benevolência e seu apoio às “Pobres Filhas de Santo Antônio”, e fazendo presente que as decisões expostas foram tomadas pela Sagrada Congregação dos Religiosos no intuito de assegurar a união fraterna dos espíritos e a unidade jurídica dos organismos religiosos.

ANEXO XI

Carta de D. Geraldo, bispo de Londrina ao Núncio Apostólico D. Armando Lombardi, Londrina 3 de maio de 1957.

Soube por uma carta do monsenhor Pavésio que V. Exa. sofreu um desastre de avião no Rio Grande. Vou rezar para que Nosso Senhor proteja sempre a V. Exa. nesta terra em que não se pode prescindir das viagens aéreas.

Chegou hoje aqui a Londrina uma irmã da Congregação das “Povere Figlie di Santo Antonio”. Elas receberam o aviso de Dom Lafayette, bispo de Rio Preto, para irem à Nunciatura. Ficaram com medo, pois estão sofrendo tanto que, por qualquer coisa que acontece, já ficam com medo. Elas sabem que o P. Leopoldino, estando em Roma, esteve em contato com as Superiores da Itália e que, ao voltar, ele mandou uma carta aos bispos, em cujas Dioceses elas têm casas, prevenindo-os contra as irmãs. Como esse assunto já estava nas minhas mãos como Assistente das Religiosas e a pedido de monsenhor Pavésio, elas continuam a recorrer a mim para tudo. Por isso é que elas vieram até aqui para me consultar. Elas têm medo de serem obrigadas a ir para a Itália e que, lá chegando, as sequestrarem para fazer depois o que bem entendam.

Conversando com V. Exa. faz algum tempo, eu exprimi esse mesmo temor, e V. Exa. achou que realmente as intenções pareciam ser essas. Por esse motivo, estão angustiadas. Eu as tranquilizei, dizendo que fossem imediatamente ao Rio e que vissem na decisão de V. Exa. a manifestação clara da vontade de Deus, prontas a tudo fazer. Pareceu-me porém oportuno esclarecer o seguinte.

1 – Seja como for, as irmãs da Itália não estão procedendo corretamente, pois, estão usando de fraudes e falsidade, alarmando as famílias e mandando que se dirijam ao Consulado para pedir o repatriamento das suas filhas, alegando motivos falsos.

2 – O Noviciado de Catanduva das irmãs tem um número grande noviças e postulantes. Apesar de todos os pedidos, não mandam da Itália a devida aprovação para começar ou terminar o noviciado. Essas noviças aqui são em maior número que na Itália. As Religiosas daqui não contam às brasileiras nada do que se passa relativamente à divisão entre elas mesmas para não escandalizar as novas. Mas a situação não pode continuar assim por mais tempo.

3 – Eu escrevi ao Padre Larraona, Secretário da Sagrada Congregação dos Religiosos, expondo a situação e dizendo mesmo do estado de ânimo em que estão: de antes saírem todas do que se unirem com as da Itália. Ele ficou de tratar pessoalmente comigo em Roma quando eu pensava ir, em outubro ou novembro passado, não tendo sido possível após a minha nomeação para Londrina. Não sei se ainda será tempo para tratar disso em outubro próximo, quando penso ir a Roma.

4 - Quanto ao espírito das Religiosas, eu tenho cartas de recomendação dos bispos

de Rio Preto, São Carlos, Lins e São Paulo. Monsenhor Pavésio, que as conhece muito, as recomenda muito também.

Espero ter satisfeito ao pedido das irmãs de expor, por cima, a situação delas e o estado de ânimo em que elas estão.

Peço a V. Exa. ouvir a Superiora Madre Milito que, me parece, fala com muito sinceridade ainda que já esteja um tanto cansada de tanto sofrer.

Da minha parte eu acho que se fosse possível evitar que elas fossem a Roma seria melhor.

ANEXO XII

Carta manifesto das missionárias italianas ao Núncio Apostólico, D. Armando Lombardi. Catanduva, 6 de julho de 1957.

Nós, abaixo-assinadas: Irmã Eucarística Lo Conte; Irmã Marisa Sommese; Irmã Lídia Stasi; Irmã Ana Supino; Irmã Alda Scianni; Irmã Aurora Liccardo; Irmã Lícia De Luca; Irmã Ida Belpério; Irmã Celestina Maiorano; Irmã Olímpia Cavalaro; Irmã Cesarina Belpério; Irmã Riccarda Stasi; Irmã Fulgência Massanova; Irmã Cesira Federico; Irmã Fiorenza Sicilia; Irmã Alba Paradiso; Irmã Rodolfa D'Amélio; Irmã Corradina Falco; Irmã Clorinda Gerardi; Irmã Terezinha Constanzo; Irmã Ausilia De Luca; Membras da Congregação “Pobres Filhas de Santo Antônio”, de Direito Pontifício, com sede geral em Nápoles – Itália, rua Miradois, 39, na presença de Deus e da Virgem Bendita, por livre e espontânea vontade, unidas e de pleno acordo, somente para o bem de nossas almas, delegamos à madre Terezinha Constanzo, primeira Conselheira e Irmã Ausília De Luca, para que nos representem junto a V. Exa., para entregar os nossos pedidos de dispensa dos votos e poder, assim, continuar digna e santamente a nossa vida religiosa e missionária e trabalhar pela maior glória de Deus e pelo bem das almas.

Em fé e verdade, livremente, assinamos.

ANEXO XIII

Cf. Carta em Família Especial – 1980. Pp. 23-25 (A.G.C.)

“Quatro horas da manhã. Nossa mãe, como sempre o fez, qualquer fosse o tempo e o local em que estivesse, levanta-se e dirige-se para a capela, a fim de permanecer em adoração ao Santíssimo Sacramento até a hora que despertam as irmãs da comunidade (5h30) para as orações matinais. Às 4h30 se levanta para rezar uma das irmãs e encontra nossa mãe prostrada por terra diante de Jesus Hóstia. (...)

Após ter rezado junto à comunidade as orações da manhã, dirige-se à Casa Mãe para participar do Santo Sacrifício Eucarístico – momento forte de sua espiritualidade. Aí, alimenta-se do pão que vem do céu, ratifica o seu pacto de amor com o Eterno e celebra o banquete dos mortais na fé e na certeza de que um dia o celebraria na visão do céu.

À hora da comunhão, nossa mãe se encaminha ao altar e pela última vez nos precede na recepção do Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Como sempre, o seu recolhimento é edificante. Demonstra trazer em seu coração a pérola preciosa, pela qual tudo deixara e pela qual entregara sua própria vida.

Na Casa Berço, uma manhã como todas as demais. Às 7 horas café, durante o qual fez-se a leitura do diário, da folhinha do Coração de Jesus e um pequeno comentário sobre o santo do dia: Santa Maria Madalena.

Como estava a madre às vésperas de sua viagem para a Europa, manifestou ela o desejo de almoçar junto com as irmãs que trabalhavam na África e que se encontravam na Casa Mãe de passagem, por ocasião de suas férias.

Durante a manhã, nossa Mãe se ocupou em arrumar suas malas e concluir alguns trabalhos pessoais, pois queria deixar tudo ordenado antes de partir, “a gente quando viaja nunca sabe se volta”, dizia ela. Meio-dia, após ter nossa Mãe rezado com a comunidade as orações e Ofício das Vésperas, dirige-se ao caramanchão para o almoço de confraternização, acompanhada por um grupo de filhas.

Todas estão felizes. Nossa Mãe, presença marcante em todos os nossos acontecimentos, disse, de início, ter este almoço várias finalidades e uma delas era comemorar a sua próxima partida.

Uma das irmãs da África, referindo-se à sua próxima estada naquele continente, pergunta a nossa Mãe quando ela estaria lá. Ao que ela responde: ‘Podeis estar tranquilas, que viva ou morta eu estarei lá com vocês’.

Às 13h15 – Partida para Maringá... Terminando o almoço, nossa Mãe se despede e parte em companhia de madre Tarcisia, irmã Eucarística, irmã Aparecida Herreiro e irmã Ana Bruscato, em carro próprio, para visitar o arcebispo de Maringá, Dom Jaime Luís Coelho, com cumprimentá-lo e agradecer a sua visita às nossas comunidades missionárias da Costa do Marfim.

Nossa Mãe fazia uma das suas mais simples e curtas viagens. Durante toda a sua vida e atividade apostólica muitas vezes fez grandes e difíceis viagens. Experimentou os mais diferentes meios de transportes, passou por tantos perigos e mão de Deus a preservou sempre. Sua missão ainda não estava concluída, era preciso fazer mais; era necessário levar Cristo ao mundo, difundir o seu Evangelho, ir ao encontro dos pobres, os mais pobres...

Mas hoje, para Deus, tinha chegado o seu fim terreno. O fruto já estava maduro para a colheita...

O céu que amanhecera tão claro, o sol que parecia tão brilhante, repentinamente se ofuscou. Pelo caminho, algumas pancadas rápidas de chuva, que não chegaram a turbar aquela mente e coração tão sereno, que ia e vinha, que viajava sempre tranquila como se estivesse no colo de Deus. Por coincidência, uma das últimas reflexões de nossa Mãe na viagem foi sobre a morte. Irmã Eucarística lia a carta de uma amiga, relatando a súbita e prematura morte do jovem esposo com um câncer galopante. Nossa Mãe diante do fato comenta: 'Vede como se morre... Por isso é que devemos estar sempre preparadas'.

Às 13h45 trafegavam na via preferencial (BR), no contorno da cidade de Cambé, quando um caminhão proveniente de uma via secundária entra indevidamente na pista, vindo chocar-se contra o nosso carro, arremessando-o metros à frente. A batida foi tão violenta que nossa Mãe, sentada à direita do banco traseiro, teve morte instantânea, sem ter tido ao menos tempo de pronunciar as suas tão costumeiras palavras ditas em hora de perigo: 'Jesus, Jesus'. Tudo aconteceu num átimo de tempo! As demais ocupantes do carro, com poucos ferimentos, logo conseguiram descer e pedir socorro, pois viam que nossa Mãe já tinha no rosto a palidez da morte.

Embora tenha a batida sido violenta, nossa Mãe permaneceu como estava, sentada no banco de trás, com a cabeça levemente inclinada para a esquerda, um grande corte na face que sangrava; o braço direito, o pulso, precisamente, preso entre os ferros.

A primeira pessoa que procurou socorrer, ao ter também constatado a morte da mãe, se prontificou a chamar a Polícia Rodoviária, que não deveria estar distante dali. Nisso, por graça de Deus, passa pelo local uma viatura com dois policiais, que imediatamente levaram a mãe e as demais irmãs para o Hospital Metropolitano, o mais próximo do local do acidente.

Os médicos deram atendimento imediato a todas, mas à mãe já não havia mais nada a fazer. O pedido que fizera a Deus, de dar sua vida até o derramamento de sangue pelas almas, havia sido aceito. 'Deus aceitara o holocausto de sua vida'.

Segundo a constatação do serviço médico legal a principal causa da morte de nossa Mãe foi esmagamento torácico, além dos demais ferimentos. O seu atestado de óbito traz como causa 'politraumatismo, provocado por acidente automobilístico'. O para-choque de um caminhão foi o instrumento (GONZALES NETO, 1992, p. 260)

Cf. Carta em Família Especial – 1980. Pp. 23-25 (A.G.C.)

THIAGO MACHADO GARCIA - Mestre em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (PPGHS/UEL), especialista em Patrimônio e História (UEL), graduado em História (UEL). Atualmente é professor do Ensino Fundamental Anos Finais da Escola Sesi de Referência Internacional de Londrina, ministrando as disciplinas de História e History. Também leciona Ensino Religioso no Colégio Marista Londrina. Atuou como educador social para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social (2017) e também como auxiliar de pesquisa, guia de visitas e ministrante de aulas-oficina no Museu Histórico de Londrina - Padre Carlos Weiss (2013-2016). Tem experiência nas áreas: História Cultural; História das Religiões; Patrimônio; Educação Patrimonial; História e Historiografia Regional; Memória e Imagem (sobretudo a fotografia).

**DA VIDA COMUM AO
PROTAGONISMO HISTÓRICO:**

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE MADRE LEÔNIA MILITO EM LONDRINA (1953-1980)

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

**DA VIDA COMUM AO
PROTAGONISMO HISTÓRICO:**

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE MADRE LEÔNIA MILITO EM LONDRINA (1953-1980)

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br




Ano 2023